

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO E DOUTORADO EM TEOLOGIA - PPGT/PUCPR

EDMUNDO SANTANA DE SOUZA

**MARIA DE ARAÚJO: A HISTÓRIA DE UMA MULHER NA ORIGEM
DA RELIGIOSIDADE DE JUAZEIRO DO NORTE**

CURITIBA
2015

EDMUNDO SANTANA DE SOUZA

**MARIA DE ARAUJO: A HISTÓRIA DE UMA MULHER NA ORIGEM
DA RELIGIOSIDADE DE JUAZEIRO DO NORTE**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia na Área de Concentração Bíblico-Teológico-Pastoral, Linha de Pesquisa Teologia e Sociedade da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Teologia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Clélia Peretti

CURITIBA

2015

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central

Souza, Edmundo Santana de
S729m Maria de Araújo : a história de uma mulher na origem da religiosidade de
2015 Juazeiro do Norte / Edmundo Santana de Souza ; orientadora: Clélia Peretti.
– 2015.
120 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná,
Curitiba, 2015

Bibliografia: f. 117-120

1. Araújo, Maria de, 1863-1914. 2. Cícero, Padre, 1844-1934. 3. Mulheres e
religião. 4. Religiosidade. 5. Juazeiro do Norte (CE) – Religião – História.
I. Peretti, Clélia. II. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Programa de
Pós-Graduação em Teologia. III. Título.

CDD 20. ed. – 922.2

ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE DISSERTAÇÃO Nº. 105
DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE
EDMUNDO SANTANA DE SOUZA

Aos oito dias, do mês de dezembro de dois mil e quinze, às quinze horas reuniu-se na Sala de Defesa – Segundo Andar da Escola de Educação e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, a Banca Examinadora constituída pelos professores: Clélia Peretti, Márcio Luiz Fernandes e Adriano Holanda, para examinar a Dissertação do candidato Edmundo Santana de Souza, ingressante no Programa de Pós-Graduação em Teologia - Mestrado, no segundo semestre de dois mil e treze. Linha de Pesquisa: Teologia e Sociedade. O mestrando apresentou a dissertação intitulada: **“MARIA DE ARAÚJO: A HISTÓRIA DE UMA MULHER NA ORIGEM DA RELIGIOSIDADE DE JUAZEIRO DO NORTE.”** O candidato fez uma exposição sumária da dissertação, em seguida procedeu-se à arguição pelos membros da banca e, após a defesa, o candidato foi APROVADO COM LOUVAR pela Banca Examinadora. A sessão encerrou-se às 17:00h ____min. Para constar, lavrou-se presente ata, que vai assinada pelos membros da Banca Examinadora.

Prof.^a Dr.^a Clélia Peretti

Clélia Peretti

Presidente/Orientador.

Prof. Dr. Adriano Holanda

Adriano Holanda

Convidado Externo

Prof. Dr. Márcio Luiz Fernandes

Márcio Luiz Fernandes

Convidado Interno

Agenor Brighenti

CIENTE

Prof. Dr. Agenor Brighenti

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Teologia - *Stricto Sensu*
PPGT - PUCPR



Dedico

À minha mãe Edite, uma mulher sabia, corajosa e amante do conhecimento,
com quem fui alfabetizado e aprendi não somente o alfabeto mas também a ser,
a viver e aprender a aprender;
ao meu pai José Alves, homem do campo que na sua simplicidade
sempre foi um exemplo para todos;
ao meu irmão José Luís que sempre me acolheu e em alguns momentos
desenvolveu função de pai;
a Felita, minha queridíssima irmã primogênita a quem sempre foi minha fonte
de inspiração, a qual sou eternamente grato pelo seu amor materno;
aos estudos de Teologia e História no Brasil.

Agradeço,
a Edite - minha mãe -
a Felita - minha irmã -, por apoiarem meus esforços e me compreenderem;
a Prof^a. Dr^a. Clélia Peretti - minha estimada orientadora,
que sempre esteve em absoluto envolvimento com a pesquisa e
também por tornar possível um olhar teológico sobre
a questão religiosa de Juazeiro do Norte;
a secretária do Programa de Pós-Graduação em Teologia;
a todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Teologia da
Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR)
pelo exemplo de pesquisa e prática teológica na contemporaneidade.

SUMÁRIO

RESUMO	8
INTRODUÇÃO.....	10
1. MARIA DE ARAÚJO E A ORIGEM RELIGIOSA DE JUAZEIRO DO NORTE ..	17
1.1 Da lembrança ao esquecimento, do esquecimento a lembrança.....	23
1.2 Juazeiro do Norte: tensões políticos, econômicos e religiosas.....	28
1.2.1 O Vale do Cariri: aspectos político e econômico	28
1.2.2 As tensões religiosas no Vale do Cariri.....	30
1.3 Padre Ibiapina : o precursor.....	32
1.3.1 O cenário religioso do Vale do Cariri com o Padre Ibiapina.....	35
1.4 A religiosidade popular de Juazeiro do Norte.....	38
1.5 A purificação do catolicismo brasileiro no Vale do Cariri.....	41
1.5.1 O Padre Cícero e o cenário religioso de Juazeiro do Norte.....	42
2. MARIA DE ARAÚJO: EMBUSTEIRA OU MILAGROSA.....	52
2.1 A Beata: o símbolo da religiosidade de Juazeiro do Norte.....	54
2.2 O sangramento da Hóstia: peregrinação e conflito	57
2.3 A visão da Igreja	59
2.4 A reação da Igreja: inquéritos, acusações e julgamento.....	61
2.5 O Padre e Beata no meio do conflito.....	64
2.5.1 A mulher no centro das atenções: mentirosa e fraudulenta.....	68
2.6 O milagre visível e o embuste forçado.....	70
3. A CONTRIBUIÇÃO DE MARIA DE ARAÚJO PARA OS ESTUDOS DE GÊNERO: UMA ENTRE INÚMERAS MULHERES BRASILERAS.....	74
3.1 As mulheres são invisibilizadas nas relações de poder.....	74
3.2 Nas relações de poder : o gênero fala.....	78
3.3 Mulher religiosa, corpo e poder.....	81
3.4 Gênero, religião, simbolismo e representações sociais	82

4. A BEATA OU O PADRE: O “AGRAVO” EM CONSTRUIR UMA MEMORIA RELIGIOSA	86
4.1 A memória sobre Maria de Araújo e seu papel político.....	87
4.2 A identidade e a memória da Beata Maria de Araújo.....	90
4.3 De onde vem essa memória.....	97
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	103
6. ANEXOS.....	106
6.1 ANEXO 1.....	106
6.2 ANEXO 2.....	107
6.3 ANEXO 3.....	109
6.4 ANEXO 4.....	111
6.5 ANEXO 5.....	112
6.6 ANEXO 6.....	113
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E OBRAS CONSULTADAS.....	115

RESUMO

A pesquisa sobre *Maria de Araújo: a história de uma mulher na origem da religiosidade de Juazeiro do Norte*, vinculada ao projeto *Teologia e Gênero: novas configurações sociais*, da Linha de Pesquisa *Teologia e Sociedade* do Programa de Pós-graduação Mestrado e Doutorado em Teologia PUCPR, tem por finalidade compreender a função desempenhada por Maria de Araújo na origem da religiosidade de Juazeiro do Norte a partir do Milagre da Hóstia por ela protagonizado. Um fato extraordinário que na segunda metade do século XIX, transforma o pequeno povoado de Juazeiro, situado no sul do Estado do Ceará. A hóstia consagrada, que para os católicos é o corpo de Cristo, se transformava em sangue na boca de uma mulher, Beata, pobre, negra e analfabeta, invertendo a ordem vigente naquele período que afirmava não haver comunicação com Deus fora da hierarquia da Igreja. O fato instaura uma dinâmica de poder e uma disputa pelos bens simbólicos entre um poder paralelo, associado a origem da religiosidade regional e um poder institucionalizado na Igreja do Padre Cícero. Busca-se, ainda, identificar a importância e o desempenho de Maria de Araújo num contexto em que tira de cena a figura da Beata, ficando o Padre Cícero como protagonista dos acontecimentos. Propomo-nos assim elaborar uma nova historiografia que inclui Maria de Araújo, ao contrário da historiografia tradicional que colocou padre Cícero como personagem principal da cidade e da religiosidade do Juazeiro do Norte e, excluiu Maria de Araújo do cenário sócio-religioso desta mesma cidade. Maria de Araújo deu origem a religiosidade de Juazeiro do Norte. As ações do Padre Ibiapina, o surgimento do Padre Cícero e os aspectos sociais, político, econômico e religioso do Vale do Cariri, são de fundamental importância para compreender a origem religiosa e a formação de Juazeiro do Norte, bem como o conflito religioso envolvendo Maria de Araújo, o Padre Cícero e a Igreja Católica, representada no estado do Ceará pelo bispo Dom Joaquim.

Palavras-chave: Beata Maria de Araújo. Padre Cícero. Memória Histórica Protagonismo Religioso. Religião.

ABSTRACT

Research on Maria de Araújo: the story of a woman at the origin of Juazeiro of religiosity, linked to the project Theology and Gender: new social settings, Theology Line of Research and Fellowship of Postgraduate Master's and Doctoral Program in Theology PUCPR, aims to understand the role played by Maria de Araújo at the origin of Juazeiro of religiosity from the Miracle of the Host for her starring. An extraordinary fact that in the second metado nineteenth century, transformed the small town of Juazeiro, situated in the south of Ceará. The consecrated wafer, which for Catholics is the body of Christ, turned into blood in the mouth of a woman, Beata, poor, black, reversing the established order in that period claimed no communication with God outside of the church hierarchy. That sets up a dynamic of power and competition for symbolic goods between a parallel power, coupled with regional origin of religion and power institutionalized in Father Cicero church. The aim is to also identify the importance and Maria Araujo performance in a context that takes scene the figure of Blessed, getting Cicero priest as a protagonist of events. We propose thus develop a new historiography which includes Maria de Araujo, unlike traditional historiography that put Father Cicero as main character of the city and the religiosity of Juazeiro and excluded Maria de Araujo, a woman, poor, black, illiterate Beata and the socio-religious landscape of that city. Maria de Araujo was giving rise to Juazeiro of religiosity. The actions of Father Ibiapina, the emergence of Father Cicero and the social, political, economic and religious Cariri Valley, are of fundamental importance for understanding the religious origin and the formation of Juazeiro and religious conflict involving Maria de Araújo, Father Cicero and the Catholic Church, represented in the state of Ceará by Bishop Joaquim.

Keywords: Beata Maria de Araujo. Padre Cicero . Historical Memory. Religious Leadership. Religion.

INTRODUÇÃO

Juazeiro do Norte, cidade localizada no Cariri cearense, destaca-se nacionalmente como centro de visitação religiosa, resultado da atração exercida pela figura mítica do Padre Cícero Romão Batista nascido em 1844 no Estado do Ceará. Um homem, tornado o “homem do século”, uma terra, um “milagre” e o grande número de peregrinos transformaram o Ceará num cenário de conflitos e esperanças ao mesmo tempo.

Padre Cícero foi um importante líder religioso brasileiro. No ano de 1889, ganhou notoriedade no Nordeste, pois um fato extraordinário aferiu repercussão nacional. Relata-se que, durante uma missa no dia 01 de março de 1889 na Capela de Nossa Senhora das Dores em Juazeiro do Norte (Ceará), a hóstia consagrada por ele transformou-se em sangue na boca de uma mulher, ***Maria Magdalena do Espírito Santo de Araújo***,¹ nascida no dia 23 de maio de 1863, filha de Ana Josefa do Sacramento e de Antônio da Silva Araújo. Aos nove anos (1872) de idade Maria de Araújo fez sua primeira comunhão, quando foi convidada pelo Padre Cícero a se consagrar a Cristo, o que ela atendeu prontamente.

A transformação da hóstia repetiu-se muitas vezes e o povo achou que se tratava do sangue de Jesus Cristo, portanto, era um milagre. Foi este *fenômeno* que deu origem à religiosidade daquele lugarejo, até então anônimo. Tratava-se, de uma experiência religiosa vivenciada por uma mulher pobre, negra e analfabeta, na cidade de um homem, o Padre Cícero.

É **objeto** desta pesquisa averiguar por quê o “*Milagre da Hóstia*”, que promoveu grandes romarias, assim como a construção de toda uma religiosidade regional e possibilitou ao lugarejo ser um dos maiores centros de peregrinação do Brasil, levou ao ocultamento daquela que protagonizou o milagre.

A relevância da pesquisa consiste em *situar* no tempo e no espaço a presença de Maria de Araújo, uma mulher que a partir da experiência do Milagre gerou uma disputa pelos bens simbólicos e de poder na cidade de Juazeiro do Norte. Pretende-se, deste modo, estudar o desocultamento da figura de Maria de Araújo, um tema pouco explorado no cenário histórico-religioso da tradicional Juazeiro do Padre Cícero. Têm-se como **hipótese de trabalho** que Maria de Araújo,

¹ Em nossa pesquisa, o nome de Maria Magdalena do Espírito Santo de Araújo será abreviado na forma carinhosamente conhecida pelos fiéis: Maria de Araújo.

mulher “invisibilizada” pela históriografia², é um dos principais personagens que permitiu à cidade de Padre Cicero ser um dos expoentes (talvez o principal) centros de fé e de peregrinação no Brasil. As multidões se transformaram em romeiros e alguns em beatos e beatas. A cidade de Crato, depois Diocese, em 1916, fez-se participante ativa nas controvérsias e lutas travadas, sobretudo a partir do “Milagre”. Tudo adquiria importância, não somente a questão religiosa, mas também a questão política. Todavia, o centro de todas as atenções era o Padre Cícero do Juazeiro.

Para entender este fenômeno nos servimos como base de leitura e análise a perspectiva das relações de poder e de gênero proposta pelos estudos feministas. Os estudos acerca do poder, suas relações e efeitos no âmbito das organizações, envolvem, entre outros elementos, a subjetividade, o conflito, a dominação, adesões e resistências no processo de gestão de pessoas. No contexto de nossa pesquisa, as relações de poder, abarcam também as relações de gênero vivenciadas no espaço de interação social, cuja análise deve ir além da simples polarização entre o masculino e o feminino, em que o homem desempenha o papel de *dominador* e a mulher atua como *dominada*.

A fim de alcançar maior abrangência analítica das relações de gênero deve-se estabelecer a relação existente entre as especificidades do espaço social em análise, no caso desta pesquisa, da organização, das características dos seus membros e do contexto sócio-histórico em que estão inseridos, e a configuração das relações de poder que se interpõem à convivência nesse meio. Para tanto, mostra-se adequada a adoção de uma perspectiva sobre o poder que seja capaz de apreender seus efeitos nas relações sociais que permeiam a interação entre os indivíduos (MEYER, 1996; LOURO, 1996; 1997).

Emerge, deste modo, a necessidade de uma releitura do dado histórico a fim de ampliar o espaço de discussão teórica de alguns aspectos relativos a participação das mulheres nos espaços públicos como sujeitos de sua história. A primeira dificuldade que se enfrenta, ao se dedicar ao estudo da história das mulheres, decorre do que se pode denominar de *natureza masculina* ou

² São muitos os autores que têm salientado a invisibilidade na história imposta às mulheres. George Duby e Michelle Perrot, por exemplo, perguntam: “Escrever a história das mulheres? Durante muito tempo foi uma questão incongruente ou ausente. Voltadas ao silêncio da reprodução materna e doméstica, na sombra da domesticidade que não merece ser quantificada nem narrada, terão mesmo as mulheres uma história? (DUBY; PERROT, 1990, p. 7).

androcentrismo da história, que tem levado ao ocultamento do papel desempenhado pelas mulheres na sociedade.

Os estudos de gênero nos últimos tempos têm dado a historiografia contemporânea importantes contribuições que possibilitaram a visibilização e valorização das mulheres na história. O uso do gênero³, enquanto categoria de análise é recente e tenta estabelecer compreensões teóricas acerca dos questionamentos e debates sobre posturas e atitudes discriminadoras e práticas de dominação e submissão. Como define Scott (1995), o gênero é empregado para designar as relações sociais entre os sexos: uma maneira de indicar “construções sociais” – a criação inteiramente social de ideias sobre papéis adequados aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. O gênero é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre o corpo sexuado.

O gênero se apresenta, portanto, neste estudo como uma categoria necessária para ler e compreender as relações de poder implicadas no fenômeno religioso do “*Milagre da Hóstia*”, protagonizado por Maria de Araújo. Quando analisamos sua história, logo compreendemos que a imagem do feminino da época, está ligada aos afazeres domésticos, sem visibilidade, enquanto que aos homens são destinadas funções mais qualificadas e mais valorizadas no espaço público.

Outro aspecto importante a ser considerado em nosso estudo, é o surgimento da religiosidade popular⁴ de Juazeiro do Norte em fins do século XIX, envolvendo o Padre Cícero e a Beata Maria de Araújo, bem como a difusão da ideia de que Juazeiro era uma terra santa. Juazeiro era um pequeno distrito do município do Crato, ponto de apoio para viajantes e mercadores que se dirigiam de Missão Velha para a feira daquela localidade. Já nos primeiros anos do século XX, o

³ Para fundamentar o uso da categoria de gênero recorreremos ao artigo de SCOTT, Joan. “Gênero, uma categoria útil de análise histórica” (1995, p. 13). A construção do conceito de poder na História das Mulheres está diretamente vinculada a uma representação masculina sobre o mesmo. As mulheres sempre foram representadas como portadoras de “poderes” restritos ao campo da vida privada, cujo significado desses poderes esteve associado aos seus atributos biológicos. (FOUCAULT, 2003, pp. 231-232).

⁴ Para Oliveira (1985), o termo religiosidade popular logo nos faz lembrar uma série de atividades religiosas, tais como romarias, promessas votos, rezas fortes, novenas, festas de santos padroeiros, devoções especiais às almas do purgatório e outras. A religiosidade popular está carregada de elementos culturais. No entanto, é com frequência considerada mais uma prática ligada a superstição ou à ignorância do que a uma autêntica religiosidade cristã. A autenticidade da religiosidade cristã é uma tentativa de padronizar os costumes e a religião de um povo. Este fato será evidenciado quando nos referimos ao contexto da colonização do Brasil onde os costumes dos colonizadores prevalecem com mais intensidade e foi implantada a religião católica como única (1985, p.22).

povoado contava com um próspero comércio e com uma boa indústria artesanal. O fato de Juazeiro ser considerado um refúgio para os sertanejos e Padre Cícero, ter assumido o compromisso, nos primórdios de sua atuação, de guiar o rebanho que lhe fora confiado por Deus, fez com que o vilarejo exercesse atração sobre pessoas “de bem”, ricas, pobres, desafortunadas, e também sobre criminosos e “malfeitores” em geral que o padre acreditava poder regenerar. O povoado passou por um grande desenvolvimento sócio-econômico, tornando-se, em pouco tempo, o segundo maior município do Estado do Ceará.

O debate acerca da ocorrência dos milagres gerou uma ampla questão religiosa entre o padre Cícero e a hierarquia eclesiástica católica. Durante décadas, a atitude da Igreja Católica frente ao movimento sócio-religioso de Juazeiro foi de intolerância e rejeição. A questão religiosa resultou no amplo combate por parte das autoridades diocesanas ao movimento romeiro e às representações e práticas devocionais populares. Juazeiro passou a ser considerado pelas elites religiosas e intelectuais como um centro de fanatismo e sectarismo. Cada vez mais as elites civis e eclesiásticas atribuíam a Juazeiro a condição de cancro dentro do Cariri, um antro de fanáticos, por aglutinar uma turba de malfeitores “[...] cujo histórico contemplava todos os tipos de crimes contra a vida, a propriedade, a honra e os costumes” (CORTEZ, 2000, p. 49).

Em consequência desse debate, a localidade tornou-se para os devotos uma cidade santa, à Juazeiro Celeste. A atração exercida pelo carisma do padre Cícero, e pela ideia de que Juazeiro era um espaço sagrado fomentavam o crescimento populacional, atraindo também comerciantes e profissionais liberais, que buscavam se fixar em Juazeiro, a fim de aproveitar a demanda dos romeiros e estrangeiros, apelido dado aos romeiros que decidiam se fixar na cidade.

Considerando suas origens, que estão fortemente atreladas a uma base católica, como de resto boa parte das localidades surgidas naquele contexto, e levando em conta também que a expansão e visibilidade desta localidade estão intrinsecamente vinculadas ao padre Cícero e às romarias tem-se, como fato, que no Cariri, especialmente em Juazeiro do Norte, o catolicismo é hegemônico, sob diversas perspectivas, ofuscando a visão da presença e expansão de outras religiões.

Cabe, além disso, ressaltar que o Brasil, se formava através do cruzamento de distintas culturas⁵: indígena, africana e europeia, sendo que a cultura europeia se encontrava numa posição de superioridade em relação às outras. Imperava nesse contexto um modelo patriarcal vinculado com a religião institucionalizada que determinava o campo de atuação das pessoas na sociedade nas mais variadas categorias: ricos, pobres, homens, mulheres, brancos, negros, indígenas, escravos, ex-escravos, etc... . No caso de Juazeiro do Norte, nossa atenção, se orienta para as relações de poder que se estabeleceram a partir do Milagre da Hóstia protagonizado por Maria de Araújo pois, a historiografia nos apresenta uma mulher desconhecida quando se fala em padre Cícero e em Juazeiro do Norte.

Com base nos pressupostos fundadores da religiosidade de Juazeiro do Norte, enfatizamos que a **objetivo central** desta pesquisa não será discuir a existência em si do fenômeno – *O Milagre* - mas, compreender como a ideia sobre o próprio Milagre transformou o imaginário religioso daquela região e, também, porque uma mulher incomodou tanto o poder da Igreja Católica, fazendo com que a própria Igreja abrisse um inquérito para investigação e condenação da mesma.

Maria de Araújo sofreu resistência por parte da cúpula da Igreja na figura do bispo Dom Joaquim José Vieira, que também puniu ao padre Cícero por apoiar a Beata. Por este motivo, o padre foi promovido frente ao crescente número de fieis e resistiu às penalidades hierárquicas da Igreja. É nessa perspectiva de gênero, onde a dinâmica de poder masculino prevalece que o padre passa a ser o símbolo da religiosidade da cidade. Maria de Araújo⁶ – o principal ícone do movimento religioso que desempenhou um importante papel sócio-político e religioso no nordeste – foi ocultada, apagada da história oficial. **Objetiva-se**, aprofundar, através das ciências específicas, o que se revela e se encontra por trás deste fenômeno. Constitui-se em abordagem qualitativa, com base histórico-sociológica e religiosa, através de aproximações teológico-antropológicas. O recurso de depoimentos, observações de fatos e leituras dos textos, solidificam o conhecimento do fato extraordinário e da religiosidade popular, constituída em fecundo espaço de indagações.

⁵ Recorremos a GEERTZ (1998) e apropriamo-nos do conceito de cultura proposto na sua obra “*A interpretação das culturas*”, que irá nos ajudar na análise das contradições existentes no cenário socioreligioso brasileiro e, como esse complexo padrão de comportamentos reflete no cotidiano da região de Juazeiro do Norte.

⁶ Nesta pesquisa recorreremos ao nome de Maria de Araújo e não meramente Beata. Essa escolha justifica-se pelo fato que em alguns documentos oficiais da época, seu nome é ignorado e substituído simplesmente com o sinônimo de Beata. Queremos nomeando-a com Maria de Araújo ressaltar sua importância na história da religiosidade de Juazeiro do Norte.

Tem-se como **fonte principal** para a análise do fenômeno da experiência religiosa, compreendida como Milagre, os dados da Primeira Comissão de Inquérito.⁷ A partir dos dados desta Comissão é analisada a condição da mulher – Maria de Araujo, protagonista do milagre - na Igreja Católica. Fundamentados nos dados desta Comissão, é possível desmistificar a crença construída ao longo do tempo pela tradição regional que atribui a religiosidade de Juazeiro apenas a figura do padre Cícero Romão Baptista, uma vez que tal comissão reconhece o Milagre sob a figura da Beata Maria de Araújo.

A pesquisa **se estrutura** em quatro capítulos. No **primeiro capítulo** destaca-se a figura de Maria Araújo – mulher que surge num lugarejo anônimo, sendo ela a fonte principal da religiosidade de Juazeiro do Norte. A Beata aparece na cena, sendo a protagonizadora do milagre e, ao mesmo tempo, considerada uma embusteira. Discute-se também os aspectos sócio-políticos, econômicos e religiosos do Vale do Cariri; o movimento religioso de Juazeiro do Norte com um olhar atento aos aspectos do Vale e seus conflitos; as contradições sociais e religiosas, a proposta de purificação do catolicismo brasileiro e a atuação do padre José Antônio Maria Ibiapina na região carirense. São analisadas as figuras de Maria de Araújo e padre Cícero e o papel da Igreja Católica, representada pela figura do bispo Dom Joaquim.

No **segundo capítulo** a reflexão verte sobre a origem do suposto milagre. Objetiva-se evidenciar a importância de Maria de Araújo, assim como sua presença na origem da religiosidade regional. Concentramos nossa atenção no fenômeno religioso inserido num contexto histórico fortemente marcado pelas relações de poder. Em meio ao conflito religioso e severamente punida, Maria de Araújo é direcionada ao esquecimento na história de Juazeiro do Norte em prol, mesmo que indiretamente, da promoção do prestígio religioso do padre Cícero. Para a análise do desdobramento do conflito religioso far-se-à uso dos Documentos dos Inquéritos I (1891) e II (1892), fontes principais, desse conflito religioso, mas que durante muito tempo tiveram sua divulgação proibida em Juazeiro do Norte.

No **terceiro capítulo**, aborda-se as contribuições de Maria de Araújo aos estudos de gênero para resgatar a função desempenhada por inúmeras mulheres na

⁷ Constituíram-se duas Comissões de Inquéritos instaurados para investigar os fatos em Juazeiro do Norte. Na primeira, realizada em 1889, a Comissão Episcopal determinou que o fato era “extraordinário”, constituía mesmo um - Milagre.

História da humnidade. As análises se direcionam sobre como se estrutura o imaginário e o ocultamento do feminino a fim de propor uma historiografia que visibilize as mulheres. Conceitos como gênero, religião, cultura, poder e dominação são analisados, a princípio em uma forma mais abrangente e, depois de forma mais singular aplicados ao estudo da figura de Maria de Araújo, evidenciando os motivos pelos quais na sua condição de mulher foi invisibilizada pela história da religiosidade de Juazeiro do Norte.

No **quarto capítulo** segue uma análise sobre o agravante que Maria de Araújo representava para a Igreja. Neste, os dois inquéritos instaurados pela Igreja Católica de Juazeiro do Norte, são apresentados a partir de uma perspectiva hermenêutica,⁸ pois são fundamentais para analisar a possível memória criada em torno da Beata. Falar de uma memória ameaçadora possibilita uma abordagem que contradiz a ideia de naturalização do sexo masculino e feminino.

É evidenciado que historicamente as mulheres foram representadas sempre as margens, silenciadas e ocultadas. No âmbito religioso de Juazeiro essa relação de dominação fica nítida: Maria de Araújo não deveria aparecer na história. Mas considerando que ela foi a principal personagem na religiosidade de Juazeiro do Norte se faz necessário entender como se constituíram as relações de gênero e de poder no contexto da experiência religiosa vivenciada pelos fies: *o suposto milagre*.

⁸ Como era de se esperar, a Igreja Católica e sua propagada hierarquia eclesiástica comportou-se ceticamente em relação aos supostos fenômenos sobrenaturais que começaram a acontecer em Juazeiro. Mandou dois respeitados especialistas, doutores em teologia - os padres Cícero e Antero - para averiguar os fenômenos que envolviam o padre Cícero e a beata Maria de Araújo. Depois de quase um mês acompanhando os acontecimentos em Juazeiro, eles chegaram a um veredito: não havia nenhuma explicação científica para o fenômeno envolvendo as hóstias que se transformavam em sangue quando colocados na boca da beata. Mas o fenômeno começou a acontecer com outras beatas que viviam próximo ao padre Cícero. Conforme os documentos oficiais da Diocese de Crato são utilizados como fontes originais sobre os fatos: ARQUIVOS DA DIOCESE DE CRATO: Inquéritos I (1891) e II (1892) das duas Comissões.

1. MARIA DE ARAÚJO E A ORIGEM RELIGIOSA DE JUAZEIRO DO NORTE

Maria de Araújo, uma vida ainda envolta em mistérios. Era de uma família pobre, humilde, seus pais viviam da agricultura e seu ofício foi de costureira. Era morena e de pequena estatura, vestia o hábito preto das beatas, cujas mangas lhe cobriam os braços. Os poucos atributos físicos eram compensados por elevada piedade. Entregou-se totalmente à oração, tendo por orientador espiritual o padre Cícero, a quem transcrevemos da sua “Exposição Circunstanciada” ao Bispo Dom Joaquim José Vieira, datada em Fortaleza do dia 18 de julho de 1891. Da transcrição dos autos do inquérito remetidos pela (primeira) Comissão Episcopal vinda a Juazeiro para investigação dos fatos extraordinários ocorridos com hóstias dadas em comunhão a Maria de Araújo, lê-se:

Conheço, Excelentíssimo Senhor, Maria de Araújo, desde menina, isto é, desde a idade de oito a dez anos, quando a confessei para fazer ela sua primeira comunhão. Notando aí então as melhores disposições daquela menina para a vida interior, aconselhei-a a se consagrar a Nosso Senhor, o que ela executou do modo o mais íntimo e perfeito, considerando-se desde aquela data como uma verdadeira esposa de Jesus Cristo. Na idade de dezoito a dezenove anos, mais ou menos, foi Maria de Araújo vítima das mais graves tentações e perturbações de espírito, as quais todas convergiam para distraí-la da oração e inspirar-lhe receio das práticas de piedade, além de serem contrárias à Santa Virtude da castidade. Algum tempo depois, mas pouco a pouco, vieram-lhe visões contrárias àquelas tentações e perturbações: inspiravam-lhe elas paz d’espírito, animação e perseverança na oração. Maior fervor e tal generosidade na prática de todas as virtudes, que seu desejo, sua contínua oração era condenar-se mais antes do que violar a virtude da castidade, consentindo naquelas tentações. Maria de Araújo muito receava-se tanto das consolações como das provações que experimentava. Já ela conhecia os ardis do inimigo. Passo às visões. A princípio e maiormente em mil oitocentos e oitenta, mais ou menos, pareceu-lhe ver a SS. Virgem, mas não tendo então certeza disso, do que se receava, fez a conselho meu, em qualidade de seu diretor espiritual, uso de água benta, quando aquela visão tornou-se-lhe mais patente, representando-se-lhe tomar, a dita visão, a atitude de quem ora e inclina a cabeça em sinal de veneração. É desta data em diante que apareceu-lhe Jesus Cristo mas da primeira vez de passagem e dirigindo-lhe duas a três palavras de animação, e isso por ocasião de sofrer ela uma grande perturbação. Ela porém não conheceu bem ao Senhor. Renovando ela a conselho meu o ato de consagração a Nosso Senhor, deu-se que tal visão tornou-se mais patente e Nosso Senhor mandou-lhe então que, depois de uma confissão e com participação disso a seu diretor, ela celebrasse com ele, isto é, com Jesus Cristo, mesmo um consórcio espiritual, o qual havia de se celebrar na Capela do SS. Sacramento, o que se efetuou com grande solenidade. Com esse fato acendeu sê-lhe o coração num verdadeiro incêndio de amor. Desde aquele fato Nosso Senhor se constituiu seu mestre e seu diretor: ensinava-lhe a orar, a ouvia mesmo de confissão, a preparava cada vez mais para a vida unitiva

(Páginas 6-7). Também há muito davam-lhe estes fenômenos na pessoa de que tratamos, talvez salvo engano, desde o ano de mil oitocentos e oitenta e cinco, mas com interrupções. Nesse estado de estigmas, via-se sangue em sua testa a sair como de uma coroa de espinhos, nas mãos, um como cravos, no lado uma chaga que só na Quaresma do corrente ano chegou a cicatrizar, jorrando destes estigmas copioso sangue. Confirma-se a Consagração de Maria de Araújo ao Senhor. Era o dia dezanove de agosto de mil oitocentos e oitenta e nove. Naquele dia orava a Beata na Capela do SS. Sacramento. Então apareceu-lhe Nosso Senhor perguntando-lhe se ela queria de novo a ele consagrar-se e fazer em seu lugar penitência por vivos e mortos e havido dela o consentimento requisito (indispensável) intimou-lhe que de tudo desse parte ao confessor, que fizesse quinze estações com comunhão; significando-lhe que era sua vontade fazer daquele lugar um Centro de atração ou de chamamento das almas para a salvação, recomendando-lhe para esse feito a devoção às dores de sua Mãe Santíssima e ao seu preciosíssimo sangue para ser um meio de salvação para todos que ali fossem (Páginas 8-9).

Na descrição de sua aparência física encontram-se segundo Forti algumas contradições⁹, isto porque os documentos fotográficos não identificam de forma absoluta suas próprias características.

Há duas fotos de pessoas diferentes que dizem ser ela. Uma delas, a de aparência mais miúda, parece ser a verdadeira. Em geral descreviam-na como uma pessoa franzina de estatura média, mestiça, com predominância do negro, cabeça pequena e arredondada, cabelos quase carapinhos, olhos pequenos e lábios grossos. Feia e vulgar, usava hábito preto de beata (FORTI, 1999, p.38).

Essa descrição evidencia os preconceitos que Maria de Araújo enfrentou. Por essa razão devemos levar em consideração o contexto histórico-político para apreender as diferentes maneiras com que esta mulher foi vista no processo de formação e transformação religiosa da cidade de Juazeiro do Norte entre o fim da década de 1870, com a chegada do padre Cícero na cidade, ao final da década de 1880, quando ocorreu o milagre.

Era um momento de grandes transformações, tanto políticas quanto sociais, que atingia todos os segmentos da sociedade. A seca assolava todo o nordeste brasileiro, agora não mais como um mero fenômeno natural, mas como uma questão social, o que implica todos os horrores que esta traz consigo. A História do Brasil era marcada por um período de intensas revoltas de escravos, um momento em que muitos senhores sentiram-se inseguros em função das inúmeras revoltas e das constantes formações de quilombos.

⁹ Transcrição realizada por Maria do Carmo Forti, a qual constitui o volume *A Questão Religiosa do Joazeiro*, das Edições IPESC - Instituto José Marrocos de Pesquisas e Estudos Socioculturais, 1989.

Em 13 de maio de 1888, após um longo processo de luta, de rebeliões, a Princesa Isabel assinava a Lei Áurea¹⁰, libertando todos os escravos no Brasil; pouco mais de um ano depois, a população do Rio de Janeiro assistia, nos dizeres de Aristides Lobo, “bestializado” a Proclamação da República, que mudaria toda a estrutura política do país (CARVALHO, 1987).

A decisão tomada pela Corte Imperial brasileira ocultava, de certa forma, as lutas cotidianas que buscava executar, colocar em prática o princípio da isonomia. Referimo-nos a libertação dos escravos sob o comando da Princesa Isabel (1846-1921),¹¹ concebida pela historiografia positivista como a protetora dos escravos e pela cultura tradicional como a libertadora de 1888. Este modo de conceber a realidade oculta, de certa forma, todo o processo histórico de lutas pelos escravos para o fim da escravidão legal.¹² A ideia que circulava era a de que o negro, apesar de sua rebeldia, estava impossibilitado de conferir sentido político às suas ações, isto porque suas próprias condições de produção os reduzia irremediavelmente à alienação ou à incapacidade de assumir por iniciativa própria uma consciência. (AZEVEDO, 1987, p.175).

A chamada “Onda negra” legitimava as ações dos escravos e mostrava que as estruturas mentais da camada dominante da sociedade brasileira definia os negros como incivilizados, e que esses agiam apenas pelo instinto animalesco, inculto, vulgar e por costumes duvidosos (AZEVEDO, 1987). Tal concepção se faz evidente quando nos deparamos com a mistura étnica brasileira, ou seja, a formação do Brasil através do hibridismo cultural (CANCLINI, 1996).

Para o autor a questão da representação, problematizada pela crítica teórica, trouxe à tona a noção do híbrido, que se impõe na contemporaneidade como um conceito básico no quadro de referências teóricas dos discursos pós-colonialistas e

¹⁰ Lei Imperial de número 3.353 de 13 de maio de 1888, que determinava a extinção da escravidão. Sua principais determinações são: Artigo 1º - é declarada extinta desde a data desta lei a escravidão no Brasil. Artigo 2º - Revogam-se as disposições em contrário. Manda, portanto, a todas as autoridades, a quem o conhecimento e execução da referida Lei pertencer, que a cumpram, e façam cumprir e guardar tão inteiramente como nela se contém.

¹¹ Isabel Cristina Leopoldina Augusta Micaela Gabriela Rafaela Gonzaga de Bragança e Bourbon (1846-1921).

¹² Vale ressaltar que no contexto em que foi promulgada e assinada a Lei 3.353, apenas 5% do povo negro viviam sob regime de escravidão. A maioria tinham conseguido sua libertação por meio dos próprios esforços. A Lei serviu como estratégia para dar à população negra respaldo de libertação jurídica. Não objetivava fixar as comunidades negras na terra e garantir as terras nas quais já viviam, reconhecida pelas próprias leis dos dominantes. Após a promulgação da Lei Áurea surge um movimento exigindo que o governo indenizasse os senhores que haviam perdido seus escravos. Rui Barbosa reagiu dizendo: "Se alguém deve ser indenizado, indenizem os escravos!". Ele tinha plena consciência das injustiças cometidas pela sociedade contra o povo negro e como eram subjugados.

feministas, bem como nas teorias da comunicação, da arte e da técnica. Os novos sujeitos híbridos são seres emergentes, indissociáveis da urgência do presente e da marca que neles vai deixando o acontecer da diferença (CANCLINI, 1996).

Foi nesse cenário, de seca, de hierarquização da Igreja, da “tentativa” de inserção do negro na sociedade, de hibridação cultural, do surgimento de novas ideias, que acontece em Juazeiro, pequeno povoado do Sul do Ceará, através de uma mulher, pobre, analfabeta e negra, um “milagre” que mudaria a vida daquela cidade e de milhares de sertanejos de todo o sertão nordestino. O povo sofria as consequências da seca de 1888, conhecida como a “Seca dos dois oitos”. 1889 chegava sem expectativa de melhores dias, de dias de chuva.

O povo retornou, com tristeza, às suas orações em busca da consolação divina, enquanto os padres da região o conduziam com renovado fervor. [...] No dia 1º de março de 1889, Maria de Araújo era uma das várias devotas que se encontravam na capela do Joaseiro para assistir a missa e acompanhar os rituais que celebravam todas as sextas-feiras do mês, em honra ao Sagrado Coração de Jesus. Foi uma das primeiras a receber a comunhão. De repente, caiu por terra e a Imaculada Hóstia branca que acabara de receber tingiu-se de sangue (DELLA CAVA, 1976, p.45).

A Hóstia Sagrada havia se transformado em sangue, Cristo estava se manifestando através de Maria de Araújo, como aqueles milhares de romeiros que agora chegavam de todos os cantos para ver as manifestações de Deus. Maria de Araujo era, pois, uma mulher, que para milhares de sertanejos estava sendo um canal da graça de Deus, um instrumento pelo qual todos os pecados e sofrimentos iriam acabar. Era também como diz Maria do Carmo Forti, presunçosa, pois

se colocava diante dos melhores teólogos do Ceará e não tinha dúvidas em apressá-los para que o processo ficasse pronto logo, em dar-lhes comunhão miraculosa, em dizer-lhes que tinha ido falar com o Papa, passando por cima das ordens do Bispo, para que ele aprovasse os fatos do Juazeiro (FORTI, 1999, p.41).

Uma mulher simples até então desconhecida, mas que agora passa a incomodar, principalmente a hierarquia da Igreja católica Romana. Ela fazia parte da etnia negra. Os negros não eram dignos de credibilidade social e causavam um atraso significativo na implantação de um catolicismo que tinha como finalidade suprimir os elementos culturais da tradição africana. Mas, nas contradições da historiografia tradicional, Maria de Araújo está na origem da cidade do Juazeiro do Norte no Ceará e na atuação do padre Cícero. Era, portanto uma *Mulher “Santa”, e*

de Fé no imaginário de milhares de nordestinos, sertanejos, o que incomodava alguns membros do clero, pois como nos diz FORTI:

Maria de Araújo faz parte daqueles 'sem-lugar', 'sem-poder', dos leigos, ou ainda mais, de acordo com o código de Direito Canônico vigente na época, abaixo dos leigos, pois era mulher. Ou ainda mais: abaixo do status de mulher, pois era negra: "raça infecta" pelas constituições do arcebispado da Bahia. E podemos ir mais longe na desqualificação de Maria de Araújo: era analfabeta. Ela, portanto fazia parte daqueles que não constroem a história (1999, p. 109).

Maria de Araújo foi uma beata do Nordeste do Brasil pertencente ao inúmero grupo de penitentes que frequentavam as igrejas naquela época e se arrependiam dos pecados praticados. Ainda que fosse ela a protagonista do Milagre, todo imaginário¹³ social e religioso daquela região foi centralizado oficialmente pela memória construída e preservada em torno do padre Cicero. Oliveira (1985), ao estudar a formação histórica da religiosidade popular no Nordeste a firma que:

A hóstia que ele [o padre Cícero] havia dado a uma fiel, Maria de Araújo, ficou da cor de sangue. Este fato, que se repetiu muitas vezes, foi o começo de um acontecimento religioso em Juazeiro do Norte, o que teve influência considerável na formação da cidade (1985, p. 97).

Para Oliveira (1985), centenas de pessoas corriam para essa cidade para ver o milagre. Iam também em busca das "bênçãos" prometidas por Deus, pois a notícia se expandia por toda a região. Todos que chegavam até Juazeiro do Norte queriam ver o fenômeno do milagre acontecer por intermédio de quem o realizava.

Este fato foi preocupando cada vez mais a Igreja Católica. Isso porque poderia não ser conveniente que centenas de pessoas fixassem sua atenção em torno de uma mulher! Era como se a religiosidade na Igreja do Juazeiro do Norte, o centro das atenções fosse direcionado para a figura feminina, de classe social desprovida de bens materiais .

¹³ Para Bourdieu (2007, p.34), a dominação é exercida pelo sexo masculino e está ancorada no imaginário coletivo de tal forma que não é percebida, pois faz parte de uma estrutura subjetiva, em que a organização social se estrutura através de princípios androcêntricos. Inscritas nas coisas, a ordem masculina se inscreve também nos corpos através de injunções tácitas, implícitas nas rotinas da divisão do trabalho ou dos rituais coletivos ou privados (basta lembrar, por exemplo, as condutas de marginalização impostas às mulheres com sua exclusão dos lugares masculinos). As regularidades da ordem física e da ordem social impõem e inculcam as medidas que excluem as mulheres das tarefas mais nobres (conduzir a charrua, por exemplo), assinalando lhes lugares inferiores.

Deparamo-nos aqui com uma dicotomia centralizada na disputa de um poder,¹⁴ institucionalizado contra uma instauração de um poder paralelo. O poder institucionalizado era a Igreja Católica, e um dos representantes oficiais na região naquele momento, a partir de um catolicismo romanizado era o padre Cícero. O poder paralelo se formava através de Maria de Araújo e de um catolicismo popular, mas no seu âmbito encontrava-se a fé, a crença que ali havia um milagre.

O termo catolicismo romanizado é destacado por Della Cava (1976), onde segundo o autor, no contexto da formação religiosa da cidade do Juazeiro do Norte a Igreja Católica tinha a pretensão de combater algumas crenças da cultura indígena e africana inseridas no catolicismo brasileiro.

Restaurar o prestígio da Igreja e a ortodoxia da sua fé e remodelar o clero, tornando-o exemplar e virtuoso, de modo que as práticas e as crenças religiosas do Brasil pudessem ficar de acordo com a fé católica, apostólica e romana de que a Europa se fazia então estandarte. [...] Inaugurar uma nova era na qual a Igreja e seu clero liderariam a substituição do catolicismo colonial do Brasil pelo catolicismo universalista de Roma com toda a rigidez hierárquica, moral e doutrinária que tal transição implicava (1976, p.32).

Como já dissemos o catolicismo popular está ligado ao hibridismo cultural, uma mistura entre as culturas indígenas, africanas e dos colonizadores. “A estreita ligação da religião popular com as tradições culturais do povo é o único ponto comum nas diversas definições deste fenômeno” (DELLA CAVA, 1976, p. 32).

OLIVEIRA (1985), ao falar de religião popular em Juazeiro relaciona-a com o suposto milagre protagonizada por um mulher inserida no contexto reformista da Igreja romanizada empenhada em combater as crenças populares dentro das Igrejas Católicas brasileiras que uma mulher do interior do Brasil seria incapaz perante o poder institucional (a Igreja), de obter qualquer interseção divina (de Deus), pois ela não seria sua representante na terra. A presença de Maria de Araújo incomodou o poder institucionalizado pela Igreja e de forma indireta enfraquecia o poder do Padre Cícero, representante oficial, naquele momento, do poder da Igreja. Para essa Igreja, a mulher era nada mais que uma truculenta e vulgar, “ideia construída no cristianismo desde seus primórdios onde instituíra uma relação entre a feminilidade, o

¹⁴ Para melhor entender as relações de poder e dominação existentes na estrutura da religião cristã, especificamente a denominação católica, tomamos com base a discussão dos tipos de dominação descritos por Weber (2000). É sob uma perspectiva de gênero que devemos analisar as funções e as relações entre os homens e mulheres, pois o conceito de dominação weberiana é rigorosamente aprofundada quando anexamos a categoria gênero. A dominação acontece através de uma relação dinâmica entre poder, interesse e vantagens por parte daquele que obedece a um simples costume ou tradição de um comportamento antigo, enraizado fortemente pelo tempo, ou ainda a partir do puro afeto pessoal do súdito. A dominação pautada nesses fundamentos não seria possivelmente estável.

sexo e o mal” (FORTI,1999). Para a autora isso justifica uma desclassificação social e religiosa digna de uma grande pecadora que foi apagada da história de tal maneira que hoje ainda não se conhece Maria de Araújo na mesma medida que se conhece o Padre Cícero Romão Baptista do Juazeiro do Norte.

A desclassificação da mulher segundo Nunes (2000), como no caso de Juazeiro, pode ser legitimada através do entendimento do imaginário religioso da Igreja medieval em que compreendia as mulheres como seres traiçoeiros que atiçavam a luxúria e o ciúme, lançando os homens uns contra os outros. Considerada culpada pela queda de Adão, embora toda a humanidade seja condenada, a mulher corporifica a corrupção material associada à carne.

A figura feminina, definida como mais sexuada e, portanto, mais sujeita a sucumbir às tentações. Assim, a mulher perante a Igreja foi colocada no âmbito da maldição e da inferioridade. Uma das crenças universalmente aceita é a de inferioridade inerente e insuperável ao gênero feminino. Portanto, fazendo uma analogia a Nunes (2000), Maria de Araújo era filha e herdeira de Eva, a fonte do pecado original e um instrumento da maldade.

1.1 Da lembrança ao esquecimento, do esquecimento à lembrança

Asseveramos no item anterior que o *Milagre da Hóstia*, em 1889, em Juazeiro do Norte no Ceará, deu origem a um movimento religioso que atingiu todo o Nordeste brasileiro. Este fenômeno alterou o cotidiano das pessoas que habitavam naquela região, modificou a maneira como a instituição católica exercia seu domínio naquela localidade. Num contexto histórico onde o trabalho escravo¹⁵ era

¹⁵ Após o Brasil ser colonizado, os portugueses precisavam de mão-de-obra para empregar nas lavouras. Primeiro eles tentaram os índios, porém muitas barreiras foram encontradas, então os portugueses passaram a implementar as mesmas práticas de outros países da Europa e começaram a escravizar povos de origem africana. Os escravos eram transportados da África por meio de navios, eram trancados em porões e passavam fome. Deste modo, muitos morreram durante a viagem. Os primeiros indícios no combate da escravidão se deram a partir de 1870, quando a região sul começou a empregar brasileiros imigrantes estrangeiros. O governo da Inglaterra foi pressionado a acabar com a escravidão, mas naquela época, os grandes proprietários eram contra, porque extinguir a escravidão arrecaria grandes prejuízos para eles. Para por fim no trabalho escravo no Brasil ocorreram muitos anos de luta, sendo que o primeiro passo foi dado em 1850, com a extinção do tráfico negreiro. Em 1871 foi declarada a Lei do Ventre-Livre, que tornava livre os filhos dos escravos nascidos após a aprovação da lei. Em 1885, foi aprovada a lei dos sexagenários, que visava promover benefícios aos negros com mais de 65 anos. E em 1888, exatamente em 13 de maio, a princesa Isabel assinou a Lei Áurea (3.353/1888) em que abolia a escravidão, o trabalho escravo passou a ser considerado ilegal (APOLINARIO, 2013).

reconhecido como impróprio, servia para promover a modernização dos meios de produção e implantar o republicanismo, se levantam alguns questionamentos: o que levou a transformar o cotidiano religioso e como as pessoas se relacionavam com a Igreja Católica? Quem foram os principais responsáveis pelas mudanças ocorridas e qual era a sua relação com a instituição?

Aferindo uma leitura, atenta a historiografia acerca do fenômeno religioso de Juazeiro, percebe-se que essa coloca o padre Cícero como protagonista, como figura central desses fatos e Maria de Araujo como coadjuvante, como podemos ler na fala inicial de Della Cava no seu livro *Milagre em Joazeiro* quando ele diz: “Nada no seu comportamento [do Padre Cícero], nem no exercício de seus deveres sacerdotais indicava que, na Capela de Nossa Senhora das Dores, menos de dois decênios mais tarde, viria ele ser o protagonista de um milagre” (1976. p. 25)

Para Della Cava é o padre Cícero o protagonista de tais acontecimentos e não Maria de Araújo, é ele o responsável por tais fatos. E o mesmo acontece em várias outras obras que desqualificam Maria de Araújo, ou simplesmente a esquecem deixando-a a margem dos acontecimentos, sendo destacada a figura do padre, sendo tal destaque de forma positiva ou negativa. Muitas obras relatam a história de Juazeiro e do padre Cícero como sendo inseparáveis (o que concordamos), mas deixando esquecida a figura de Maria de Araújo. (BARROS, 2008; DELLA CAVA, 1976; GUIMARÃES, DUMOULIN, 1983).

Até que ponto tal mudança de protagonismo não seria uma estratégia da historiografia, que está, ou estava fadada a contar a história dos grandes homens, dos grandes heróis? Partindo do pensamento de Marc Bloch, em que o historiador é um investigador, que realiza um ofício (2001), nos dispomos então a investigar, a tentar encontrar pistas que respondam aos questionamentos, as lacunas que a historiografia deixou com relação à Beata Maria de Araújo.

Numa tentativa de entender como se deu tal processo de esquecimento, se foi uma seleção natural da memória da coletividade, ou se foi uma construção, seja da historiografia seja de um grupo dominante que supostamente tenha interesse no esquecimento da memória coletiva acerca dos fatos de Juazeiro tendo a Beata como figura central de tais fatos. De acordo com Le Goff (1990), é preciso, ainda entender

essa relação entre história e memória, porque [...] há pelo menos duas histórias [...]: a da memória coletiva e a dos historiadores. A história deve esclarecer a memória e ajudá-la a retificar os seus erros. Mas estará o historiador imunizado contra uma doença senão do passado, pelo menos do presente e, talvez, uma imagem inconsciente de um futuro sonhado? (1990, p.30). É, pois, necessário “fazer justiça” a memória de Maria de Araújo que foi apagada da história como veremos mais adiante.

Para isso, é preciso considerar que há uma série de fatores que concorrem para levar Maria de Araújo à margem dos acontecimentos, pois acreditamos que a memória, como diz Le Goff (1990), faz parte de um processo de construção ideológica, faz parte do jogo de poder, é manipulada consciente ou inconscientemente, obedecendo a interesses pessoais ou coletivos, mas já a história, “[...] como todas as ciências, tem como norma a verdade. Os abusos da história só são um fato do historiador, quando este se torna um partidário, um político ou um laiaio do poder político” (LE GOFF, 1990, p.33).

Certamente o esquecimento de Maria de Araújo na origem da religiosidade de Juazeiro do Norte está ligado ao fato de ter sido acusada pela Igreja como embusteira e tais fatos como sendo “vãos e supersticiosos”, os fiéis ficaram proibidos, a quem quer que seja, falar sobre tais acontecimentos, sob pena de ser excomungado da Igreja. Vale lembrar que o fato se deu sob o protagonismo de uma Beata negra, numa sociedade recém liberta da escravidão, num período de reafirmação da Igreja enquanto hierarquia, motivo pelo qual poderá ser justificado o processo de marginalização de Maria de Araújo.

Este fato pode ser verificado a partir da análise do material escrito a cerca de tais fenômenos, construídos pela cultura histórica uma vez que foi a partir de 1989, que se começa a falar, a estudar, a resgatar a memória dessa mulher frágil, mas que foi até o fim com o plano que ela acreditava ser um projeto divino aquele da redenção das almas. Maria de Araújo, uma mulher simples, mas que no seu jeito de ser desafiou o maior dogma da Igreja Católica: o derramamento do Sangue de Cristo.

Em 1891, inicia-se as investigações da Primeira Comissão de Inquérito, enviada por Dom Joaquim, Bispo diocesano naquele período, para investigar os fatos ocorridos em Juazeiro. A comissão encerra seus trabalhos dando parecer favorável ao milagre de Juazeiro o que deixa o Bispo não muito satisfeito, porque

Transformar Maria de Araújo em Santa era tudo que não podia acontecer, [...], pois haveria que se admitir a sua mediação - e não a do Clero masculino - entre Deus e a humanidade, ouvir-lhes os ensinamentos teológicos dados diretamente por Deus em suas comunicações com ela, e, portanto admitir um outro caminho para a salvação que não o da Igreja Institucional (FORTI, 1999, p 49).

Era o que Dom Joaquim não podia aceitar, pois ia contra o processo de romanização. É enviada uma segunda comissão a Juazeiro, que sob as ordens do Bispo levam as investigações de forma tal que seu resultado é negativo, condenando dessa forma os fatos extraordinários como embuste. Tal descrição nos mostra como esta mulher era vista, ou como se tentou passar uma imagem negativa dela, numa tentativa de apagá-la da história

Para compreender este fato, devemos, contudo, olhar atentamente para os aspectos sociais, políticos, econômicos e religiosos do Vale do Cariri, para evidenciar as contradições sociais e religiosas, a proposta de purificação do catolicismo brasileiro e a atuação do Padre Ibiapina na região do Cariri. A partir do sangramento da hóstia, caracterizado pelos fieis como um milagre, muitas coisas mudaram no Vale do Cariri. Geograficamente, merece destaque especial os recursos naturais, as condições climáticas e as desigualdades sociais provocadas por questões estruturais no contexto político. Não havia fronteiras definitivas entre o cenário social, político, econômico. As mesmas desigualdades observadas no contexto político e social também se refletiam no âmbito religioso, pois ser ou não desprovido de bens materiais, influenciava diretamente na participação das pessoas no ambiente religioso e sagrado da Igreja Católica.

A participação do povo na Igreja seguia as regras da sociedade. Os que eram privados do espaço oficialmente sagrado, seguiam sua religiosidade as margens do catolicismo da Igreja oficial. Para estes fieis certamente essa era uma possibilidade de se relacionar com o sagrado e manter contato com os bens simbólicos, privados pelo poder religioso instituído.

Nesta desigual relação de poder, incluindo escassez e privação, a luta pelo contato com o sagrado fazia com que as pessoas vivessem sua religiosidade de forma alheia à instituição Católica. No mesmo contexto surge o Padre Ibiapina, uma figura importante na transformação da religiosidade do Vale do Cariri e também se constitui como uma ponte entre o espaço sagrado¹⁶ da Igreja Católica e o espaço

¹⁶. A hierofania é descrita por Mircea Eliade como um paradoxo. “[...] Manifestando o sagrado, um objeto qualquer torna-se outra coisa, e contudo, continua a ser ele mesmo, porque continua a

religioso popular. Além de promover a “igualdade religiosa”, o padre Ibiapina criou a Casa de Caridade e instituiu uma Congregação religiosa de mulheres, onde todas que fizessem parte deveriam usar o hábito de Beata já instituído pelo catolicismo.

A propósito do espaço sagrado, Eliade (1977), nos diz o homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo de absolutamente diferente do profano. Para o autor o termo hierofania indica o ato da manifestação do sagrado; é um tema prático, porquanto apenas exprime o conteúdo etimológico, a saber, que “algo sagrado se nos mostra”. As religiões não são mais do que o encadeamento de hierofania. Nelas, encontramos-nos diante de algo misterioso: a manifestação de uma realidade diferente, que não pertence ao nosso mundo, através de objetos que formam parte dele.

É neste cenário que evidenciamos um terreno propício para formação marginal ao catolicismo, da religiosidade de Juazeiro do Norte. Coincidentemente, a Igreja Católica estava empregando todo seu esforço para eliminar do seu bojo elementos religiosos considerados supersticiosos e ilegítimos, principalmente os que derivavam dos costumes indígenas e africanos. Não obstante, esses constituíssem a base da formação da religiosidade brasileira em consequência do “hibridismo cultural”¹⁷. Nesse mesmo período, a Igreja Católica de Roma pretendia purificar o catolicismo no Brasil, processo nomeado de “Romanização”.

A Romanização do catolicismo brasileiro foi um movimento dirigido pela hierarquia eclesiástica que visava desvincular a Igreja da coroa luso-brasileira e colocá-la sob as ordens da Santa Sé. Esse processo não se realizou pacificamente, pois a romanização seria a aspiração de moldar-se à cultura europeia e combater as

participar do seu meio cósmico envolvente. Uma pedra sagrada nem por isso é menos uma pedra; aparentemente (com maior exatidão: de um ponto de vista profano) nada a distingue de todas as demais pedras. Para aqueles a cujos olhos uma pedra se revela sagrada, a sua realidade imediata transmuda-se numa realidade sobrenatural. Por outros termos, para aqueles que têm uma experiência religiosa, toda a natureza é suscetível de revelar-se como sacralidade cósmica. O Cosmos na sua totalidade pode tornar-se uma hierofania”. A propósito do aspecto vivencial do sagrado, destaca o seguinte: “[...] o sagrado e o profano constituem duas modalidades de ser no mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem ao longo da sua história”. O escritor romeno salienta que o estudo dessas vivências interessa não só ao historiador das religiões, mas também “[...] a todo investigador desejoso de conhecer as dimensões possíveis da existência humana”. Embora na caracterização das vivências do sagrado e do profano, Mircea Eliade acuda a exemplos da história das religiões, o seu interesse inicial é identificar as feições essenciais, arquetípicas, delas, notadamente da experiência religiosa. O que nos interessa em primeiro lugar – frisa Eliade, é “apresentar as dimensões específicas da experiência religiosa, salientar as suas diferenças com a experiência profana do mundo” (ELIADE, p. 22-261972).

¹⁷ Entende-se por hibridismo cultural, a formação da sociedade brasileira que se constitui a partir das matrizes culturais africana, indígena e europeia. Este conceito é discutido por Caclini em sua obra *Culturas Híbridas, poderes oblíquos* (1997).

crenças populares que se incorporavam no catolicismo brasileiro visto pelos “puritanos” como ignorância, superstição e fanatismo.

O recebimento da hóstia das mãos do padre Cícero Romão Batista e seu sangramento, deu início a questão religiosa de Juazeiro do Norte, cujas consequências repercutem até nossos dias. Este fato causou admiração a todos que presenciaram, e fez com que a pequena povoação de Juazeiro se torna-se conhecida” no Brasil e sua religiosidade fosse referenciada em outras regiões do mundo (OLIVEIRA, 2000, p.75). Maria de Araújo e o fenômeno religioso do sangramento da hóstia é o fato fundante da religiosidade de Juazeiro do Norte.

1.2 Juazeiro do Norte: tensões políticas, econômicas e religiosas

A cidade de Juazeiro do Norte fica no Vale Cariri¹⁸, na extremidade sul do estado do Ceará. “Ali vivia a nação indígena cariri, em guerra com os vizinhos desejosos da fertilidade daqueles vales, os Cariús, os Calabaças e os Inhamums” (FEITOSA, 1984, p.13). A região foi povoada em meados do século XVIII por criadores de gado vindos de Pernambuco e da Bahia atraídos por suas terras férteis. Os recursos naturais do Vale do Cariri constituíam uma espécie de “oásis” cercado por infinitas extensões de terras planas por todos os lados, assoladas periodicamente pelas secas. Nessa região quase nada se produzia. Juazeiro do Norte forma um triângulo com Crato e Barbalha, hoje são cidades interligadas, mas Juazeiro entre elas ocupa uma posição privilegiada por ser uma das cidades do interior mais populosa no Estado do Ceará.

1.2.1 O Vale do Cariri: aspectos políticos e econômicos

Em função dos recursos naturais do Vale do Cariri surgiu a agricultura, especialmente a cana-de-açúcar, que predominou sobre outras atividades inclusive as pastoris. No final do século XVIII, grande parte dos rebanhos foi forçada a emigrar para o norte rumo a uma zona mais fértil do Vale. A cidade de Croato onde

¹⁸ O Vale do Cariri limita o estado do Ceará com os estados de Pernambuco, Piauí e Paraíba. Abrange os municípios cearenses de Araripe, Baralha, Brejo Santo, Caririaçu, Crato, Farias Brito, Jati, Jardim, Juazeiro do Norte, Mauriti, Milagres, Missão Velha, Potengi, Penaforte, Porteiras e Santana do Cariri.

nasceu o Padre Cícero em 1844 se torna o mais importante centro populoso do Vale.

Sendo um dos melhores solos da região, Crato tornou-se o principal produtor e fornecedor de excedentes alimentícios para todo o sertão árido em aos poucos fo se transformando num significativo centro comercial do interior do estado onde distribuía produtos manufaturados para o mercado europeu. “Suas elites agrárias e mercantis, ligaram-se mais estreitamente com Recife, o principal porto atlântico do nordeste e florescente capital da era colonial. A insignificante sede administrativa portuguesa da capitania geral do Ceará” (DELLA CAVA, 1976, p. 25).

Os laços da cidade de Crato com Recife foram politicamente importantes durante todo o período do século XIX. Por se situar longe da capital, buscava sua independência econômica e recebia apoio da cidade capital de Pernambuco, palco de movimentos de emancipação naquela época.

A cidade-porto era o foco de fermentação de movimentos nacionalistas e separatistas cujas ideologias e cujos programas políticos foram introduzidos no Vale do Cariri por muitos cratenses ilustres. Assim, tornou-se Crato, um centro de exércitos patrióticos que, no Ceará, buscavam independência, após uma luta árdua contra os antigos senhores portugueses de Fortaleza e Iço, os outros dois únicos centros importantes, em população e riqueza, naquele tempo (GIRÃO, 1962, p. 6).

Crato alcançou a vitória sobre os realistas, mesmo assim não garantiu para o Vale do Cariri a almejada hegemonia política. “Os líderes políticos da região eram demasiadamente radicais e logo caíram em desgraça com os conservadores que dominavam cada vez mais a estrutura de poder altamente centralizada no império brasileiro recém-independente” (DELLA CAVA, 1976, p. 27).

A independência do Vale do Cariri não surtiu efeito por causa da sua posição econômica e geográfica. Por se localizar também longe dos portos seus produtos quase nunca eram comprados pelos países da Europa. Para os europeus era melhor e mais barato comprar produtos da região litorânea. Outro motivo também era a falta de comunicação entre o Cariri e o litoral, que além das secas locais, contribuía para o surgimento generalizado do banditismo e do cangaço. Estes fatos só provocavam ruínas econômicas no Vale.

Grandes transformações ocorreram durante este período no âmbito político e econômico. Fortaleza e outras cidades do interior do Estado do Ceará aumentavam cada vez mais sua população, isso causava um impacto na região do Cariri, o que

aumentava a demanda de alimentos. Com o objetivo de responder às necessidades sociais, a produção de alimentos passou a ser mais intensa, no entanto, a economia desta região foi se transformando aos poucos de subsistência para uma produção comercial exportadora.

O algodão era bastante cultivado na região do Vale para ser exportado até a Europa, mas o principal produto da região era a cana-de-açúcar. Os engenhos contribuíam com a formação da hierarquia social, portanto os fazendeiros da cana-de-açúcar, os donos dos meios produtivos, gozavam de privilégios sociais, políticos e religiosos na região. A força de trabalho era desempenhada por pessoas ligadas a terra dos produtores, os agregados. Este fato, além de criar laços de dependência fortalecia ainda mais o prestígio social dos “senhores de engenho” na região.

As tarefas dos agregados não se limitavam à produção. Em tempo de rivalidades entre os proprietários de terras, aos trabalhadores da fazenda eram entregues armas para que defendessem com lealdade os interesses de seus patrões. Poucas vezes ocorreu uma rebelião contra o patrão, pois os laços sociais e religiosos, representados pelo compadrio e pela afilhagem, ligavam entre si proprietário e trabalhadores, numa rede de relações e obrigações mútuas (DELLA CAVA, 1976, p. 29).

Os laços que se criavam entre compadres, padrinhos e afilhados estabeleciam uma hierarquia e uma relação de mando e obediência, ou seja, uma rede de relações de dependência e obrigações extremamente complexas. A posição social que os donos de engenhos, de terras e do comércio regional ocupavam, contribuíam com seu destaque sobre as camadas sociais desprivilegiadas.

1.2.2 As tensões religiosas no Vale do Cariri

No século XIX o cenário sócio-religioso era bastante fragmentado no Brasil. A mobilidade espacial de indivíduos e famílias tem sido muito comum ao longo de nossa história. Nas últimas décadas do século XIX e nas décadas iniciais do século XX, Minas Gerais e o Nordeste brasileiro passaram por um notável crescimento demográfico o que permitiu, com o desenrolar do tempo, a consolidação em ambas as regiões de grandes reservatórios de mão-de-obra livre e escrava.

O país continuava se formando através do cruzamento de culturas e raças distintas e tal cruzamento era considerado um perigo de degeneração, e o embranquecimento da população, um alvo a alcançar. O pensamento dominante na

época via o desaparecimento da herança cultural e biológica de negros e indígenas como fator de progresso. A religião predominante era o catolicismo que determinava o espaço de atuação das pessoas na sociedade. É importante notar que a preocupação básica do movimento ultramontano, iniciado na Europa no princípio do século XIX, tendo como corolário o Concílio Vaticano I (1869-1870), era implantar uma nova política para a igreja católica pautada, em linhas gerais, numa tentativa de recristianização da sociedade, a partir da reação face ao mundo moderno, laicizado, baseado em ideologias liberais e positivistas, fundamentadas na ciência e no materialismo, em detrimento da fé e dos valores sustentados pela igreja. Foi dada ênfase no reforço do trabalho missionário, nos incentivos à nacionalização do clero em áreas coloniais de missão (sobretudo na Ásia e África) e onde os interesses econômicos europeus vigorassem, como no caso latino-americano (MICELI, 1988).

Em meados do XIX, o quadro religioso vigente no sertão nordestino, era de extrema carência. Havia o dismantelo do clero e do corpo de crença e práticas ligadas ao catolicismo, baseadas na doutrina católica, mas que funcionavam de maneira autônoma frente às autoridades eclesiásticas. Também não havia padres suficientes para atender a região, e muitos estavam envolvidos com os desmandos morais. A vida sacramental era incompleta e ausente. As crenças supersticiosas e escatológicas cresciam dentro do fértil terreno popular (DELLA CAVA, 1976). Foi neste contexto de impantação do catolicismo romanizado, que se intensificaram os trabalhos pastorais e catequéticos mais vigorosos e sintonizados com as diretrizes e valores ultramontanos.

Quando nos referimos a religiosidade coletiva do Vale é importante notar que a atuação da Igreja Católica era marcada por fortes contradições entre a “ação e a pregação”. As classes inferiores tinham apenas contatos marginais com a Igreja oficial. Muitas vezes isso se dava nas festas dos dias santificados e nos feriados importantes, quando se realizavam procissões solenes e comemorações sociais nos centros urbanos. Segundo Pinheiro:

No Cariri, como em quase todo o resto do Brasil, nos anos que antecederam a década de 1860, estava o catolicismo ortodoxo em estado de decomposição. O número de Padres era inadequado, e grassava a imoralidade clerical. George Gardner, viajante inglês que visitou o Crato em 1838, ficou chocado com o número de padres que possuíam filhos ilegítimos, os quais eram exibidos, despudoradamente, em público. Até as igrejas, santuários e cemitérios careciam de reparos materiais; e o costume imperial de realizar eleições no recinto das igrejas acarretava, muitas vezes, profanação e destruição daqueles locais, na medida em que os inimigos

políticos se digladiavam dentro dos santuários em dias de eleições (1950, p. 224-225).

Entre contradições e profanações no âmbito da Igreja Católica, a participação dos pobres nas liturgias sacramentais era restrita. Mesmo o batismo e outros sacramentos eram negligenciados, em virtude de ser pouco frequentes as visitas dos sacerdotes às zonas rurais, até mesmo por que a quantidade de sacerdotes era reduzida e também os honorários clericais estavam acima do alcance do povo. Apenas as missões ocasionais, normalmente pregadas por padres estrangeiros, levavam a religião às classes inferiorizadas socialmente. Mas a ênfase que os missionários emprestavam à ira de Deus e à perdição iminente do homem por causa do pecado contribuía para gerar um emaranhado de crenças supersticiosas (ARQUIVO DO BISPADO DE CRATO, 1914).

De acordo com Menezes (1960, p.56), “os pobres chegavam a acreditar que os frades brancos europeus eram homens de excepcional santidade, dotados do dom da profecia. Assim foi como o capuchinho italiano, Frei Vitale de Frascarolo, que pregou no Cariri no princípio do século XIX, descreveu”. Depois da sua morte foi-lhe atribuído um anúncio sobre a destruição do mundo¹⁹ e circularam textos impressos desta profecia em todo o nordeste durante quase um século. Tanto os ricos quanto os pobres acreditavam em suas mensagens.

Segundo os relatos de Menezes, as mensagens apresentavam caráter profético e eram lidas e repassadas oralmente para os demais, por pessoas que obtinham o domínio da leitura, algo que não era comum a todos nesta época no Brasil. O conteúdo das mensagens, além de professar o fim do mundo, dava um grande destaque para os castigos que poderiam vir de Deus a qualquer momento, para que toda humanidade pudesse se arrepender de seus pecados. “Neste dia o sol pararia de brilhar, o dia viraria noite e somente uma ‘vela benta’ seria capaz de iluminar o caminho dos pecadores” (MENEZES, 1960, p. 59).

Era nítido o contraste entre o catolicismo popular e o ortodoxo. Predominavam em todas as classes sociais as práticas litúrgicas e credices populares que se mantinham paralelamente à ortodoxia católica.

¹⁹ “Haverá um momento em que mundo ira escurecer por três dias. Só será salvo quem estiver em casa com uma vela benta ou aqueles que antes disso tiver absolutamente se arrependido de seus pecados” (MENEZES, 1960, p. 59).

Faziam-se, comumente, promessas aos santos na esperança de obter saúde, felicidade, fortuna, enquanto que entre os trabalhadores rurais, o plantio era precedido de preces, numa tentativa de afastar os maus espíritos, os quais se atribuíam invariavelmente às más colheitas. Até nas elites do Cariri, uma maneira de agir mística e supersticiosa era comum para se conseguir melhoria material. Assim se fazia principalmente nas épocas de seca. Os padres do Cariri até os anos de 1850 eram talvez os únicos a receber e dar educação formal achavam que as secas cíclicas e devastadoras eram castigos de Deus para com os povos desgarrados. Conseqüentemente, padres e proprietários de terra praticavam uma liturgia antiga e complexa, carregando as imagens dos santos padroeiros das paróquias em procissão e implorando chuva a Deus, por sua intercessão. Novenas e outras práticas litúrgicas populares eram também correntes com o intuito de sanar os males do mundo (DELLA CAVA, 1976, p. 28).

O contraste entre o catolicismo ortodoxo e as práticas litúrgicas populares produziu algumas tensões no contexto religioso do Vale do Cariri. A Igreja Católica pretendia purificar a religião, deixá-la livre das superstições e dos elementos culturais que não faziam parte dos costumes religiosos ocidentais. É neste contexto que surge o padre Ibiapina, uma figura que tentou combater as contradições religiosas naquela região. Seu intuito era fazer com que todos tivessem acesso aos bens sagrados da Igreja. Para ele as práticas litúrgicas e as superstições populares não tinham menor importância, era necessário apenas ter fé.

1.3 Padre Ibiapina: o precursor

Pouco se sabe sobre essa figura “lendária” quem é o padre José Antônio Maria Ibiapina. Um dos raríssimos documentos em que aborda suas as ações encontra-se no livro de Celso Mariz (1942) intitulado como Ibiapina: um apóstolo do Nordeste.

Segundo os relatos de MARIZ (1942) José Antônio Pereira Ibiapina nasceu em Sobral, Ceará, no dia 5 de agosto de 1806. Era o terceiro filho do casal Francisco Miguel Pereira e Teresa Maria de Jesus. Em 1816, sua família se transfere para a vila de Icó e Ibiapina é matriculado na escola do professor José Felipe. Na vila Sobral, seu pai trabalhou como tabelião público, sendo convidado em 1919 a ocupar o mesmo cargo na recém-criada Comarca do Crato. Na mesma cidade, Ibiapina teve aulas com o José Manuel Felipe Gonçalves.

Diante das agitações políticas após a Revolução Pernambucana de 1817, que teve na vila de Crato um de seus pilares no Ceará. Em 1820, o pai de Ibiapina decide enviar o filho para a recém-criada vila de Jardim para estudar com o latinista

Joaquim Teotônio Sobreira de Melo. Em 1823, toda a família se transfere para Fortaleza. Nesse ano morre sua mãe e Ibiapina ingressa no Seminário de Olinda, onde permaneceu por um curto período. Em Fortaleza seu pai e seu irmão mais velho, Alexandre, se envolveram na Confederação do Equador. O pai foi fuzilado em 1825, e o irmão, preso em Fernando de Noronha, onde morreu pouco tempo depois. Ibiapina, que voltará ao Ceará no início de 1824, teve que assumir e manter financeiramente a família.

Segundo MARIZ (1942), é nessa época que adota o sobrenome Ibiapina, uma homenagem do pai à povoação de São Pedro de Ibiapina, como também fizeram outros confederados a fim de homenagear topônimos regionais. Em 1828, Ibiapina retorna ao Seminário de Olinda para continuar os estudos mas, permanece apenas seis meses. No seu retorno do Seminário, cursou Direito em Recife e fez parte da 1ª turma de bacharéis de Olinda, em 1832. No ano seguinte, exerce o cargo de professor substituto de Direito Natural na Faculdade de Olinda, foi eleito Deputado Geral e nomeado, em dezembro, Juiz de Direito da Comarca de Campo Maior (hoje Quixeramobim), no Ceará. Em 1837, Ibiapina volta para o Recife, mas exerce a função de advogado na Paraíba. Em 1840 volta ao Recife e continua a exercer a advocacia.

A partir de 1850, Ibiapina resolve abandonar seus trabalhos forenses e inicia um período dedicado à meditação e exercícios de piedade. Após três anos de meditação e reflexão, Ibiapina decepcionado com a vida política e a carreira jurídica. Decidiu ser sacerdote, quando, aos 47 anos de idade, ordenou-se presbítero no dia 3 de julho de 1853. Após sua ordenação, o Bispo Dom João da Purificação o nomeia Vigário Geral e Provedor do Bispado, e professor de Eloquência do Seminário de Olinda, mas ele opta pela vida missionária. Padre Ibiapina partiu como missionário e até a sua morte, em 13 de fevereiro de 1883, percorre os estados do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco (CARVALHEIRA, 1994, p. 6), fundando colégios, hospitais, capelas, cemitérios e até açudes. Em cada lugar ele pregava, orientava, promovia reconciliações, construía obras e Casas de Caridade, destinadas as moças pobres. Nestas casas, elas eram educadas para a fé, o exercício dos trabalhos domésticos e para o casamento. No Ceará ele atuou entre o período de 1862 a 1870, primeiro na região norte, na vila de Sobral e adjacências e depois no Cariri, sul da província.

1.3.1 O cenário religioso do Vale do Cariri com o Padre Ibiapina

O cenário religioso do Vale do Cariri era extremamente dicotômico, aparentemente nada iria acontecer para mudá-lo. Surge neste contexto padre Ibiapina cujos esforços missionários eram orientados para substituir uma religiosidade plural, multifacetada, marcada por credices, atrasos e fanatismos, pela única forma correta de se crer e praticar o catolicismo. Daí o forte embate em relação às práticas e representações religiosas vigentes na região. A vida religiosa do Vale carirense sofreu profunda mudanças nas décadas de 1860 e 1870.

A presença “missionária” do Padre Ibiapina, se tornou uma das figuras mais conhecidas dos nordestinos no âmbito religioso (MARIZ, 1942). Sua influência política e religiosa naquela região está relacionada com sua ação junto as classes menos favorecidas. Essas, além de não usufruírem dos bens materiais e serem exploradas pelos grandes proprietários de terras, também viviam às margens da instituição católica. Além de sua ligação com as classes desfavorecidas, por fazer parte da aristocracia brasileira, suas ações religiosas ganhavam maior visibilidade, pois era um aristocrata e agia diferentemente dos demais. Ele também fundou uma Congregação religiosa em Sobral (1868), diocese de Fortaleza, mas não foi aceita pela Igreja e pelo bispo do Ceará que ordenou seu afastamento temporário na liderança diocesana.

O trabalho realizado por Ibiapina no Vale teve, realmente, algo extraordinário: fundou uma congregação de mulheres, talvez a primeira do Nordeste, a qual a despeito de sua ilegalidade canônica constituiria um precedente importante na tentativa das futuras gerações eclesiásticas do Cariri para estabelecerem ordens religiosas genuinamente brasileiras. Com suas casas de caridade, difundiu no interior, as primeiras instituições educacionais para mulheres. Por fim, reuniu pobres e ricos no trabalho em comum pela glória de Deus e pelo progresso material do homem. O exemplo de Ibiapina seria lembrado pelos habitantes do Cariri, no entanto a hierarquia eclesiástica e igualmente devota não teve boa acolhida, tendo sido, na realidade por ela contestada (DELLA CAVA, 1976, p.31).

Fora do domínio total de seus superiores eclesiásticos, Ibiapina que já era politicamente conhecido por ricos e pobres, não apenas no estado do Ceará, mas também em Pernambuco, permaneceu desenvolvendo um trabalho missionário e, com isso suas visitas ao Vale do Cariri passaram a acontecer com mais frequência. Deste modo fundou a Casa de Caridade, “popularizou as ordens com as beatas, pessoas que se consagravam ao serviço de Deus por amor aos pobres. A partir de

então, a Casa de Caridade passou a ser sinônimo de consagração e o conceito beata foi perdendo o sentido pejorativo” (BARRETO, 2002, p. 27). A instituição fundada pelo padre passou a ser geradora de conflitos religiosos, uma vez que se encontrava nas ilegalidades eclesiais locais. O bispo do Ceará Dom Luis Antônio dos Santos não aceitava a criação da congregação.



Foto 1. Casa de Caridade de Crato fundada por Ibiapina²⁰

Dentre os motivos pelos quais os líderes da Igreja marginalizavam a Casa de Caridade e as ações de Padre Ibiapina, destaca-se que a casa parecia representar uma organização de leigos e a hierarquia da Igreja sentia-se ameaçada; a Casa que abrigava apenas mulheres e formava uma irmandade (mesmo na ilegalidade eclesial), se constitui como a primeira congregação feminina do Nordeste; as mulheres que permaneciam na casa, desde que consentissem com as regras internas, passariam a obter o título de Beata. Vale ressaltar que essas mulheres vinham das classes inferiores de vários estados nordestinos em virtude de sua aproximação como o Padre com as camadas populares. Outro aspecto que contrariava a Igreja era que Padre Ibiapina exigia que as beatas portassem hábitos e fizessem votos, como se a congregação tivesse uma aprovação canônica.

Dessa maneira, a Casa de Caridade se institui como uma congregação de mulheres em que todas viviam sob a regra da união do trabalho físico e das práticas de devoção. Posteriormente a Casa de Caridade serviu como local de prisão para a

²⁰ A Foto 1, pertence ao Centro de Estudos Históricos da cidade de Crato, no Estado do Ceará.

Beata Maria de Araújo. Ela permaneceu clausurada por alguns meses quando foi acusada e condenada pelo bispo Dom Joaquim de cometer um “embuste”.²¹

O povo chamava Ibiapina de padre Mestre. Acometido de paralisia nas pernas, devido a problemas vasculares e alguns derramens, faleceu na Casa de Caridade em Santa Sé, Paraíba, aos 19 de fevereiro de 1883. O povo o aclamou santo, ainda em vida. Ele estava preparando o solo para um padre que pudesse ser fiel à missão. Tudo repercutia naturalmente na pessoa de Padre Cícero.

É notável a influência da trajetória religiosa de Ibiapina, tanto para o Padre Cícero quanto para a Beata Maria de Araújo, ela é parte da tradição das Beatas comandadas pelo Padre Ibiapina. Foi através dele que muitas mulheres deixaram de serem privadas do espaço religioso e do contato com os símbolos sagrados da Igreja Católica, essas passaram a circular no interior das Igrejas do Nordeste fortalecendo a condição das beatas. “Um sonho tornou-se ideia fixa de Ibiapina, recuperar o povo para a Igreja” (BARRETO, 2002, p. 27).

Padre Cícero e padre Ibiapina caminham em linha de continuidade. Padre Cícero deu continuidade ao trabalho desenvolvido por Ibiapina, conseguiu construir um carisma semelhante ao seu na região. Conforme Barreto (2002), além de promover o renascimento religioso na região do Cariri, o Padre Ibiapina também provocou um conflito na Igreja devido ao fato de introduzir as mulheres no espaço compartilhado dos símbolos sagrados da Igreja reservado até então somente aos homens. Para Barreto,

toda essa sementeira do bem plantada por Ibiapina repercutia no coração sacerdotal do Padre Cícero. [...] desde construção da Igreja viva, a Igreja da linguagem compreendida e escutada. Enquanto Ibiapina não tem domicílio certo, é peregrino de Deus, Cícero se assenta à sombra do Juazeiro, mas para inovar uma maneira forte de ser pastor (BARRETO, 2002, p. 28).

O padre Ibiapina, da mesma forma que padre Cícero, falava e compreendia a linguagem do povo e estava mais próximo da religiosidade “produzida pelas classes populares ou para as classes populares” (BRANDÃO, 1993, p. 63), e mais distante da religião oficial romanizadora. Embora representantes oficiais da fé católica tanto em padre Ibiapina quanto em padre Cícero, emergia a preocupação com a vida e a existência dos fieis que iam além das propostas da Igreja. “Ensinava a rezar e a

²¹ Entende-se por embuste uma mentira que, estando repleta de astúcia, é usada com o intuito de enganar ou prejudicar outra pessoa; logro ou engodo.

trabalhar, aos desocupados obrigava a irem trabalhar” (OLIVEIRA, 2001, p. 59). De tal modo ia se formando a cidade de Juazeiro e toda sua religiosidade popular. Sobre Ibiapina, os verzejadores populares cantavam:

Padre Ibiapina deixou
dois pés de arvores plantadas:
o terço à boca da noite,
o ofício das madrugadas (BARRETO, 2002, p. 26).

Dom Luis Antônio²² expulsou o famoso missionário do Ceará proibindo-o de voltar ao seu Estado. Se empenhou para cuidar das “quatro casas de Caridade” que Ibiapina tinha fundado no Ceará. Segundo Comblin (1991, p. 8-10), mais tarde Padre Cicero tomará conta das casas e reuniu um grupo de beatas dedicadas a uma vida de piedade e de oração, ao catecismo e à participação em todos os atos celebrativos.

1.4. A religiosidade popular de Juazeiro do Norte

Em meados do século XIX Juazeiro era um povoado que se localizava entre Missão Velha e Crato duas cidades cearenses. Neste lugar existiam pés de juazeiros²³, que abrigavam os tropeiros sob sua sombra, isso marcava o povoado como uma das paradas principais para o descanso. A origem do nome da cidade se deve ao nome das duas árvores.

Além dos tropeiros que ali descansavam, havia um fluxo constante de pessoas das proximidades que compravam alimentos. Por este motivo o lugar foi se tornando um ponto de referência de troca de produtos. Os homens das tropas eram os principais responsáveis pela manutenção dos alimentos nas cidades daquela região. Alguns desses tropeiros acabavam pernoitando no lugarejo de descanso e esse também foi um dos fatores que contribuiu para que o povoado fosse se formando de maneira discreta.

²² Foi o Primeiro Bispo do Ceará, nasceu em Angra dos Reis, Estado do Rio de Janeiro, aos 03 de março de 1817 e faleceu na Capital baiana, aos 11 de março de 1891. Indicado para o Bispado do Ceará, por Decreto Imperial de 31 de janeiro de 1859 e confirmado por Pio IX em 28 de setembro de 1860, sagrado aos 14 de abril de 1861. Governou a Diocese de Ceará de 18 de junho de 1861 a 11 de agosto de 1881, quando foi transferido para a Bahia. Levou para o Ceará os Padres Lazaristas e as Irmãs de Caridade. Fundou os Seminários de Fortaleza e do Crato e o colégio da Imaculada Conceição. Promoveu a construção da Igreja do Coração de Jesus. Duplicou o número de paróquias. Resignou ao Arcebispo da Bahia a 20 de junho de 1890 e faleceu a 11 de março de 1891.

²³ Juazeiro é o nome de uma árvore nativa da região, dessa árvore origina o nome da Cidade.

As pessoas que frequentavam aquele local evidentemente tinham algumas similaridades: viviam no campo e através do cultivo da terra tiravam o sustento, além do mais eram vítimas da estiagem. A seca periódica, que é um fenômeno geográfico da região nordeste, contribui para a explicação da formação e manutenção da religiosidade regional, em especial da cidade de Juazeiro do Norte.

A região do Juazeiro, assim como outras regiões do Brasil, era habitada por pessoas de culturas diferentes como já dissemos anteriormente. As culturas indígenas, negra e europeia são referências fundamentais para análise da formação da religiosidade no nordeste brasileiro. Dentre os costumes vigentes naquela região, destaca-se o culto religioso vindo da religiosidade indígena “dirigido pelo pajé, o feiticeiro e adivinho”. Este exercia um papel importante e sua dominação era total. “Os índios estavam completamente sujeitos a ele no que diz respeito às crenças religiosas” e, tais hábitos faziam parte do cotidiano e eram exercidos coletivamente (OLIVEIRA , 1985, p. 42).

Outra influência deve-se a religião dos portugueses: o cristianismo. Desde o começo da colonização com seu símbolos e práticas foi considerado pagão pela Igreja Católica era tido como uma religião do tipo rural, ligada à cultura popular. Os fatos do dia-a-dia eram interpretados a partir de perspectiva religiosa de difícil estabelecimento de uma fronteira entre religião e religiosidade ou religião e magia.

O catolicismo brasileiro era ligado com a religiosidade dos negros. A fé ensinada na comunidade era transmitida de geração em geração e todos eram guiados pelos ritos religiosos. Reinava na região do Juazeiro do Norte uma espécie de sincretismo religioso.

O nordestino em particular, possui tendências a interpretar certos sinais e acontecimentos como de bom e/ou mau augúrio. Tal tendência é herança de três raças: o português, com suas rezas fortes, os africanos, com o despacho, a quizila, e os índios com a caipora e a poética, que são os causadores do mau augúrio. Até hoje, o sertanejo considera como sinal de seca e tempo ruim o canto da acauã, quando ele se torna frequente. O candomblé do caboclo e o culto religioso que comporta o número mais elevado de elementos sincréticos. Neste culto utiliza-se cachaça – os índios utilizavam bebidas fermentadas e seus cultos – ao mesmo tempo as danças indígenas e africanas, o charuto indígena, o incenso da Igreja e ervas aromáticas. O candomblé do caboclo pratica a medicina popular por intermédio do curandeiro. Ele invoca tanto os santos católicos quanto os orixás (OLIVEIRA, 1985, p. 43-44).

Os costumes religiosos na região nordeste foram certamente caracterizados pela herança dos índios com seu “animismo” e “superstições”; dos portugueses com

seus cultos aos santos e as almas; dos africanos com suas as divindades, seus orixás, seu culto aos ancestrais dentre outros. O contexto religioso de Juazeiro do Norte representa todo imaginário popular daquela região. Na sua base estão as lendas rurais, os mitos da religiosidade indígena e africana e os ritos do catolicismo europeu. As devoções das pessoas se davam no âmbito de um pluralismo religioso. Para Forti,

Na zona rural, os santuários populares e as capelas, em geral fundadas por leigos, eram centro de romarias onde o povo se relacionava com seus santos e praticava sua devoção de maneira própria, independente dos ritos e rituais da Igreja Oficial, até porque esta se encontrava muito distante de seu mundo. O devocional, as rezas, a ladainha, os benditos, as festas, tudo estava intimamente, ligado ao ritmo de vida: nascimento, morte, doença, casamento, seca, inverno, plantação, colheita, situações cotidianas que remetem à presença de Deus, do sagrado, do maravilhoso na história de cada dia (1999, p.61).

Reinava um modelo de igreja “popular” que se organizava sob um imaginário regionalizado, com identificação e ritmo próprio. Eram manifestações religiosas paralelas às propostas pela igreja oficial, representada pelos padres. Tais manifestações eram compostas também por leigos. A participação dos leigos de forma tímida, dava margem para a fixação dos padrões estabelecidos pela própria igreja que objetivava promover um catolicismo purificado sem elementos de outras religiões.

Fazia-se necessária, portanto, uma reforma religiosa para combater os costumes regionais. Deste modo, o poder religioso passa a controlar as pessoas que frequentavam a Igreja e praticavam outros costumes religiosos. Não bastava apenas controlar, era necessário extinguir os agrupamentos que não seguissem fielmente os ensinamentos do catolicismo. Tudo causava dano à religião católica, as práticas religiosas de outros grupos fragmentavam e enfraqueciam a instituição. Era necessário, portanto, combater os costumes regionais, a cultura popular, a crença aos santos, a existência das beatas, os valores dos sertanejos, as lideranças leigas, as irmandades, entre outros.

A Igreja Católica local percebe que havia maior devoção, respeito e obediência junto a população camponesa, dos ensinamentos pré-estabelecidos institucionalmente. Este fenômeno fortalece as tensões dos seus membros clérigos que pretendiam influenciar os fieis. Não obstante o controle da Igreja, os fieis continuavam praticando sua religiosidade, cultuando seus “bens simbólicos” com as crenças da religião africana e indígena.

O catolicismo brasileiro, em especial na região de Juazeiro, estava cada vez mais distante dos dogmas da Igreja Católica Romana. As substâncias religiosas de outras culturas deixavam-no cada vez mais “impuro”. É neste contexto que a Igreja se empenha na purificação da religião, reformando o clero, retomando o prestígio e tornando a fé católica brasileira semelhante à Igreja ortodoxa romana, restaurando o prestígio religioso dos padres, combatendo algumas práticas comuns e frequentes entre eles, como por exemplo, a constituição de famílias e filhos. Para DELLA CAVA(1976), esta ação é parte do processo de romanização do catolicismo brasileiro.

1.5 A purificação do catolicismo brasileiro no Vale do Cariri

A diocese do Ceará foi criada por Roma em 1854. Menos de uma década depois Dom Luis Antônio dos Santos foi nomeado primeiro bispo daquela província. Natural do Rio de Janeiro sua missão na região era purificar o catolicismo popular e excluir da Igreja elementos que tornavam a religião católica impura. Ele foi o precursor da romanização do catolicismo brasileiro desenvolvido pela hierarquia eclesiástica ao longo do tempo.

Foi esse estado de coisas que levou à determinação drástica, da parte de Dom Luis de traçar objetivos de uma política básica para a nova diocese. Tais objetivos, que seriam mais tarde incorporados por outros bispos militantes de mentalidade reformista, eram de duas ordens: (1) restaurar o prestígio da Igreja e a ortodoxia da sua fé e (2) remodelar o clero, tornando-o exemplar e virtuoso, de modo que as práticas e as crenças religiosas do Brasil pudessem ficar de acordo com a fé católica, apostólica e romana de que a Europa se fazia então estandarte. Ou seja, Dom Luis procurava inaugurar uma nova era na qual a Igreja e o seu clero liderariam a substituição do ‘catolicismo colonial’ do Brasil pelo ‘catolicismo universalista’ de Roma (DELLA CAVA,1976, p.32).

Mas o que se entende por romanização, catolicismo universalista e catolicismo colonial? A romanização da Igreja Católica foi um movimento de “ordenação” ao sistema de padroado que aconteceu ainda nos períodos colonial e imperial brasileiro. Seu principal objetivo era colocar a instituição eclesiástica do Brasil em sintonia com as diretrizes da Santa Sé. Esse processo de remodelação assentou-se sobre alguns princípios: unidade e autoridade dos bispos, disciplina do clero e regeneração da vida religiosa do povo. Sua intenção era “livrar” o catolicismo brasileiro dos “excessos” das “superstições” e das “crendices” (DELLA CAVA,1976).

Enquadrar o catolicismo popular nas regras e normas emanadas por Roma foi um dos principais objetivos do bispo do Ceará. Conforme já destacamos, o cenário religioso do Vale do Cariri era bastante contraditório. Alguns padres, como Ibiapina e Cícero, estavam mais próximos daquilo que a Igreja entendia como credence popular e mais distante do movimento de purificação da religião institucionalizada, o que os impediu de agir junto à população marginalizada pela igreja. As ações do padre Ibiapina foram importantíssimas no cenário religioso de Juazeiro do Norte, mas a transformação maior estava por vir, quando realmente entra em cena o padre Cícero.



Foto 2 - O atual pátio da Igreja, antiga Capela.²⁴

1.5.1 Padre Cícero e o cenário religioso de Juazeiro do Norte

Juazeiro do Norte era um povoado que contava além da capela, também com a presença de uma escola, algumas casas e um comércio, ainda, precário com pouquíssimos produtos para oferecer aos seus moradores. Vez por outra, mercadores vindos de Missão Velha rumo ao Crato, transformava em feira a praça

²⁴ Arquivo pessoal do autor. Pátio da atual Igreja Nossa Senhora das Dores, antiga Capela Nossa Senhora das Dores, onde ocorreram os primeiros sangramentos da Hóstia. No centro do pátio há uma cruz, passagem obrigatória dos romeiros para se adentrar na Igreja para fazer orações e agradecimentos.

em frente à capela Nossa Senhora das Dores, abastecendo deste modo, com mercadorias os habitantes da cidade.



Foto 3 - Atual Igreja Nossa Senhora das Dores. ²⁵

É impossível compreender o cenário religioso de Juazeiro do Norte e a atuação do padre Cícero, sem considerarmos as ações e as transformações ocorridas na vida religiosa coletiva das pessoas do Vale do Cariri, conforme já

²⁵ Arquivo pessoal do autor. A Igreja Nossa Senhora das Dores vista de frente. Local considerado o símbolo fundador da religiosidade da Cidade. Neste pátio, há inúmeras imagens do padre Cícero que são vendidas por comerciantes e raramente encontramos algo que menciona a existência da Beata Maria de Araújo.

ilustrado anteriormente. A história de Juazeiro está fortemente vinculada a história de padre Cícero, ainda antes da transformação da hóstia em sangue na boca de Maria de Araújo. A figura histórica do Padre Cícero dominava o cenário religioso e político na então insignificante Juazeiro. Sua ação no socorro às multidões de famintos, sobretudo por ocasião das grandes secas, foi notória. O *Milagre da Hóstia*, pelo fato de ser um fenômeno sagrado transformou a história de padre Cícero e do cotidiano religioso, mas também foi o ponto conflitivo, que redundou na chamada “*Questão Religiosa do Juazeiro*”. A cidade de Crato, depois Diocese, foi participante intrigante nas controvérsias e lutas travadas, sobretudo a partir do Milagre.



Foto 4 - Imagem de cera do padre Cícero na Capela do Horto – Juazeiro do Norte.²⁶

Cícero Romão Batista nasceu no Crato, sul do Ceará, aos pés da verdejante Chapada do Araripe. Nasceu em 24 de março de 1844, de uma família humilde. Seus pais se chamavam Joaquim Romão Batista e Joaquina Vicência Romana. Formou-se no Seminário Maior de Fortaleza, segundo o modelo importado da Europa. Foi ordenado padre no dia 30 de novembro de 1870. Após sua ordenação retornou ao Crato e, enquanto o bispo não lhe dava paróquia para administrar, ficou a ensinar latim no Colégio Padre Ibiapina, fundado e dirigido pelo professor José Joaquim Teles Marrocos, seu primo e grande amigo.

Depois de ter em sonho uma visão que segundo ele, “Cristo” lhe ordenou que cuidasse dos pobres e necessitados, no dia 11 de abril de 1872, fixa com sua família residência definitiva no Juazeiro, tornando-se, assim o sexto capelão daquela cidade. Uma vez instalado, no pequeno aglomerado de casas de taipa e uma

²⁶ Arquivo pessoal do autor.

capelinha erguida pelo primeiro capelão Padre Pedro Ribeiro, em honra a Nossa Senhora das Dores, padroeira do lugar. Ele tratou de melhorar o aspecto da capela, adquirindo várias imagens e santos com as esmolas dadas pelos fiéis. A notícia sobre sua chegada espalhava-se no povoado e ao longo das margens do rio Salgadinho. Ao chegar em Juazeiro, o padre Cícero encontrou, segundo Barretos (2002), uma população vivendo uma rotina marcada por rodas de samba, consumo de álcool e prostituição.

A capela dedicada a Nossa Senhora das Dores, erguida pelo primeiro capelão - Padre Pedro Ribeiro de Carvalho; [era] frequentada por pessoas, somente com os rudimentos da fé e viciadas, aos sábados e domingos, aos sambas e forrós que se prolongavam pela noite inteira; atraindo cambiteiros e moradores dos sítios, dependentes de cachaça dos alambiques espalhados em toda região, com promiscuidade, até as portas da bagaceira moral. Formação religiosa fragmentada e reduzida a uma catequese desencarnada da vida; influência da ingerência política do coronelismo nordestino (BARRETO, 2002, p. 24).

Para auxiliá-lo no trabalho pastoral, o padre Cícero resolveu, a exemplo do que fizera padre Ibiapina, recrutar mulheres solteiras e viúvas para a organização de uma irmandade leiga, formada por beatas, sob sua inteira autoridade. Ele se preocupava com a situação de penúria material e moral e movido pelo desejo de mudar a situação promove melhores condições de vida para seu rebanho, realizando um trabalho árduo de atuação moralizadora e, em pouco tempo, Juazeiro reencontrou a ordem.

Padre Cícero não era contrário à punição pública de pecadores. Proibiu as danças, fez com que os homens parassem de beber e obrigou as prostitutas a confessarem os seus pecados, fazendo penitência pública e emendando suas vidas. Relativamente em pouco tempo, diz-se que Juazeiro retornou a ordem, graças ao trabalho de seu capelão [...] começou ele a recrutar desde o início, as mulheres solteiras do povoado para uma irmandade que estaria sob sua autoridade direta. Outras de posição social e inteligência mais modesta entregavam-se simplesmente, a uma vida de piedade e oração, ao ensino ocasional do catecismo e a uma participação exuberante nos serviços anuais da Semana Santa e nos atos do Natal, o que, sob a orientação do Padre Cícero, se destinava à edificação dos habitantes, inculcando-lhes fervor a Igreja e as suas doutrinas (DELLA CAVA, 1976, p. 27).

Carismático, atuou com zelo na sua missão e conseguiu fazer com que as pessoas deixassem seus antigos vícios e pecados, ficando mais próximos da religião e de uma vida pautada no trabalho e na oração. Com sua ação pastoral obteve grande prestígio e influência sobre a vida social, política e religiosa do Ceará bem como do Nordeste.

Não há muitos registros a respeito de sua vida e também do povoado de Juazeiro, da sua chegada em 1872, ao suposto milagre, em 1889. Sabe-se pelas fontes históricas que a partir de seu contato pessoal e de seu carisma, o povoado foi crescendo e em poucos anos o pequeno arraial começou a dar sinais de desenvolvimento. Muitas pessoas eram atraídas pela fertilidade das terras do Vale do Cariri, pela orientação firme e acolhedora do padre Cícero, baseada no lema “trabalho e oração”.

No ano de 1889, durante uma missa celebrada pelo padre Cícero, a hóstia ministrada pelo sacerdote à religiosa Maria de Araujo se transformou em sangue na boca da religiosa. Segundo relatos, tal fenômeno se repetiu diversas vezes durante cerca de dois anos. Rapidamente espalhou-se a notícia de que acontecera um milagre em Juazeiro. O contexto religioso de Juazeiro e do Padre Cícero teriam seguido sem grandes acontecimentos se não fosse o suposto milagre por intermédio de uma mulher, Maria de Araújo, entre 1889 e 1892.

Não pretendemos fazer um juízo de valor nem tampouco discutir a veracidade do milagre, mas entender como a partir deste fato se constituiu a relação entre o padre Cícero, a hierarquia eclesiástica e Maria de Araújo. O *Milagre da Hóstia* reativou novamente o conflito entre o catolicismo popular e a Igreja de Roma. A reação inicial do Padre Cícero foi de cautela e inquietação. Ele soube lidar com o fato de tal forma que mais tarde o privilegiou. Em uma de suas correspondências afirmou:

Afligi-me muito com o caso. Avisei a todos que tinham visto que guardassem reserva e não dissessem nada a ninguém, e quanto a ella [Maria de Araújo] que chorava com a maior angústia, mandei que fosse orar em um lugar mais reservado que indiquei. Tomei a toalha purificando o lugar onde tinha caído o sangue e guardei a toalha para não ser vista e evitar celeuma. Procurei ocultar o quanto pude; o fato continuou a se reproduzir muito tempo (Carta do Padre Cícero ao Padre Constantino Augusto, em 23.10.1914).²⁷

Mas apesar de sua reserva, os fatos foram se tornando conhecidos entre a população daquela região. O bispo do Ceará, Dom Joaquim, tomou conhecimento indiretamente apenas meses depois, o que lhe causou profunda indignação. Mas por qual motivo padre Cícero não comunicou o ocorrido ao bispo Dom Joaquim?

²⁷ ARQUIVOS DA DIOCESE DE CRATO: Cartas do Padre Cícero (1877-1934). Mantida a ortografia original do documento.

Numa carta enviada ao bispo, Padre Cícero relatou minuciosamente o que vinha ocorrendo em Juazeiro e pediu perdão pela sua imprudência no que diz respeito à desobediência à autoridade episcopal. Sua justificativa pela demora em comunicá-lo a respeito dos fatos, devia-se ao enorme fluxo de romeiros que buscavam Juazeiro. O padre Cícero deu total apoio à Beata Maria de Araújo e, isso contribuiu para sua elevação social junto aos inúmeros fieis que ali se estabeleciam. padre Cícero relatou:

O que eu devia fazer era comunicar tudo a V. Excia.; porém chove de toda parte um aluvião de gente, que todos querem se confessar, e contritos deveras, verdadeiros romeiros, aos quinhentos, aos mil, aos dois mil, uma cousa extraordinária, famílias e mais famílias, uns a cavalo, outros a pé com verdadeiro espírito de penitência quanta gente ruim se convertendo, outro milagre, se cumprindo o que Nosso Senhor no dia 20 para o dia 21 agosto, passado disse em uma das manifestações maior do que acabei de referir, constituindo-a para ela [a Beata] fazer penitência e orar no lugar dele pelos vivos e pelos mortos e que orasse a S.S. Virgem para que as suas dores fossem a conversão e salvação de todos os que viessem aqui.²⁸

Em consequência ao fenômeno, a pedido de padre Cícero a diocese formou uma comissão de padres e profissionais da área da saúde para investigar o suposto milagre. A comissão tinha como presidente o Padre Clycério da Costa e como secretário o Padre Francisco Ferreira Antero, contava ainda, com a participação dos médicos Marcos Rodrigues Madeira e Ildfonso Correia Lima, além do farmacêutico Joaquim Secundo Chaves. Em 13 de outubro de 1891, a comissão encerrou as pesquisas e chegou à conclusão de que não havia explicação natural para os fatos ocorridos, sendo portanto um milagre. Mas Insatisfeito com o parecer da comissão, o bispo Dom Joaquim José Vieira nomeou uma nova comissão para investigar o caso, tendo como presidente o padre Alexandrino de Alencar e como secretário o padre Manoel Cândido. A segunda comissão concluiu que não houve milagre, mas sim um embuste.

Indignado, o bispo Dom Joaquim proibiu taxativamente a qualificação dos eventos como sendo miraculosos e solicitou ao Padre Cícero a elaboração de um relatório detalhado sobre os acontecimentos. Obedecendo as determinações do Bispo, padre Cícero elaborou um relatório minucioso sobre os fatos extraordinários, que comporá o Inquérito I de 1891. A seguir, transcrevemos os dados do relatório na sua íntegra.

²⁸ ARQUIVOS DA DIOCESE DE CRATO, documentos que compõe os Inquéritos I e II das duas Comissões. Mantida a ortografia do documento.

Excellentissimo e Reverendissimo Senhor Bispo. Em cumprimento a ordem de Vossa Excellencia Reverendissima, exigida no auto de perguntas retro, venho fazer a exposição dos factos extraordinários que se hão operado em Maria de Araújo e dos quais tenho sido testemunha, ao menos com maior reflexão desde mil oitocentos e oitenta e quatro até a presente data. Irei por partes, começando pelas DISPOZIÇÕES E PROVAÇÕES DE MARIA DE ARAÚJO. Conheço Excelentissimo Senhor à Maria de Araújo, desde menina, isto é, desde a idade de oito a dez anos, quando a confessei para ella fazer a sua primeira communhão. Notando eu então as melhores dispozições daquella menina para a vida interior, aconselhei-a a se consagrar a Nosso Senhor, o que ella executou do modo o mais intimo e perfeito, considerando-se desde aquella data como uma verdadeira esposa de Jesus Christo. Na idade de dezoito a dezenove annos, mais ou menos, foi Maria de Araújo, victima das mais graves tentações e perturbações de espirito, as quais todas convergiam para distrahir-a da oração e inspirar-lhe receio das práticas de piedade, além de serem contrarias à Santa Virtude da castidade. Algum tempo depois, mas pouco a pouco, vierão-lhe visões contrarias aquellas tentações e perturbações: inspiravão-lhe ellas paz d'espirito, animação e perseverança na oração. Maior fervor e tal generosidade na prática de todas as virtudes, que seu desejo, sua continua oração era condenar-se mais antes do que violar a virtude de castidade, consentindo naquellas tentações. Maria de Araújo muito receiava-se tanto das consolações como das provações que experimentava. Já ella conhecia os ardis do inimigo. Passo às visões VISÕES DE MARIA DE ARAÚJO. A principio e maiormente em mil oitocentos e oitenta, mais ou menos, pareceu-lhe ver a S.S. Virgem, mas não tendo então certeza disso, do que se receiava, fez a conselho meu, em qualidade de seu director espirital uzo da água benta, quando aquella visão tornou-se-lhe mais patente, representando-se-lhe tomar a dita visão, a attitude de quem ora e inclina a cabeça em sinal de veneração. É desta data em diante que appareceu-lhe Jesus Christo mas da primeira vez de passagem e dirigindo-lhe duas a três palavras de animação, e isso por ocasião de soffrer ella uma grave perturbação. Ella porém não conheceu bem ao Senhor. Renovando ella a conselho meu o acto de consagração a Nosso Senhor, deu-se que tal visão tornou-se mais patente e Nosso Senhor mandou-lhe então que, depois de uma confissão e com participação disso a seu director, ella celledrar na Capella do S.S. Sacramento, o que effectuou-se com grande solemnidade. Com esse facto accendeu-se-lhe o coração num verdadeiro incendio de amor. Desde aquelle facto Nosso Senhor se constituiu seu mestre e seu director: ensinava-lhe a orar, a ouvia mesmo em confissão, a preparava cada vez mais para a vida unitiva. DOM DE ORAÇÃO. É desde aquelle tempo que sua meditação versou especialmente sobre a Paixão de Nosso Senhor, que com jaculatórias, as quais elle próprio lhe ensinava e de que ella não fazia uzo, se não com autorização do Director ordinário, a incitava a um mais perfeito amor. Quanto mais intimamente se communicava ella com o Divino Espozo, mais graves tentações e perturbações soffria da parte do inimigo, o que era compensado por maiores consolações. E teve ella ordem do Senhor para nenhuma attenção prestar a visão alguma, qualquer que ella fosse, sem que dissesse: "Louvada seja a Sagrada Morte e Paixão de Nosso Senhor Jesus Christo"; que de tudo daria conta a seu confessor e lhe prestasse inteira obediência; meio este seguro para poder ella chegar ao conhecimento das cilladas do inimigo e dellas se livrar. Davam-lhe auzencias do Divino Espozo, o que lhe causava profundíssima pena; era como a pena de danno. Chegamos aos colloquios: COLLOQUIOS. Os colloquios que ella entretinha com o Divino Espozo eram taes que, com muita propriedade se podiam comparar com o dos Cânticos dos Cânticos. É assim que se preparava ella para o espirito de penitencia a par do de oração que já chegava a seus mais elevados grãos. ESPIRITO DE PENITENCIA. O primeiro facto sensível que se operou na pessoa a que me refiro, relativamente a paixão de Nosso Senhor Jesus Christo, digo a Paixaõ de Nosso Senhor, foi o seguinte: Assistia Maria de Araújo ao Mês das Almas, e isso na oitava de todos os Santos de 1883 a 1884, quando sentio ella que alguém lhe dera um amplexo, ficando impressa no peito uma cruz a deitar sangue, do que fiu eu mesmo testemunha. Era a consagração della a vida de

penitencia. Nessa vida de união com os sofrimentos de Nosso Senhor, a bem das almas ficou ella até hoje. Offerece-se ella como vitima de expiação pelas almas do purgatório e pelos pecadores em geral. FACTOS EXTRAORDINARIOS. Era na primeira Sexta-feira do mez de março de mil oitocentos e oitenta e nove. Então, a convite meu, fazia toda a Associação do S. Coração de Jesus, legitimamente instituída na Capella do Joazeiro, uma Communhão reparadora pelas necessidades da S. Igreja; em dezagravo as injúrias feitas a N. Senhor, no Sacramento de seu amor e para a Conversão dos pecadores, tudo segundo as intenções do terno e adorável Coração de Jesus. Ahi sente-se a devota chamada ainda não somente a commungar sacramentalmente e com maior amor; mas inda a uma communhão espiritual de maior intimidade que com razão dir-se-ia miraculoza. Passar Maria de Araújo com outras senhoras em vigília, adorando em espírito de reparação ao S.S. Sacramento. Eram já cinco horas da manhã e attendendo eu ao Sacrificio que tinham feito aquellas pessoas passando toda noite em adoração a N. Senhor, julguei conveniente dar-lhes a communhão; o que effectivamente se deu. Pela primeira vez a vi então tomada de um raptó extático, resultando segunda ella affirmara a transformação da Sagrada Hóstia em sangue, tanto que além do que ella sorveu, parte caio na toalha e parte caio mesmo no chão; do que tudo foram testemunhas seis a oito pessoas que com ella tinham commungado. Durante o tempo quaresmal daquelle ano e principalmente as quartas e sextas-feiras de cada semana, observaram-se aquelles phenomenos; o que deu-de também uma vez, no sábado da Paixão no mencionado anno, depois do que passaram a ser diários até a Ascensão do Senhor. Na festa do Preciozissimo Sangue reproduziram-se os phenomenos de que me occupo. Era, por isso grande o temor de Maria de Araújo, que quis até abster-se da Communhão no que porém continuou só por obediência. Em suas communicações intimas com Deus, foi lhe dada a seguinte resposta, as respostas, digo, as perguntas que nesse sentido ella fizera: É isso uma manifestação de tua fé e da Mizericórdia de Deus para com os homens, assim é preciso e que nada mais lhe era preciso saber. EXTASES. De, há muito davam-se na devota de que me occupo raptos de espírito, verdadeiros êxtases, mas só da primeira Sexta-feira de Março de mil oitocentos e oitenta e nove é que tornaram-se mais longos e frequentes; duram algumas vezes, cerca de cinco horas e é deles revocada sempre que assim lhe é mandado por obediência. Sua intimas communicações com Deus, dam-se sempre em estado extático. ESTYGMAS. Também de há muito davam-se estes phenomenos na pessoa de que tratamos, talvez salvo o engano, desde o anno de mil oitocentos e oitenta e cinco, mas com interrupções. Nesse estado de estygmas, via-se sangue em sua testa a sair como de uma coroa de espinhos, nas mãos, como que cravos, no lado uma chaga que só na Quaresma do corrente anno chegou a cicatrizar, jorrando destes estygmas copioso sangue. Consumma-se a Consagração de Maria de Araújo ao Senhor. Era o dia dezoenove de Agosto de mil oitocentos e oitenta e nove. Naquelle dia orava a Beata na Capella do S.S. Sacramento. Então apareceu-lhe Nosso Senhor perguntando-lhe se ella queria de novo a elle consagrar-se e fazer em seu lugar penitencia por vivos e mortos e havido della o consentimento requezito intimou-lhe que de tudo desse parte ao confessor, que fizesse quinze estações com Communhões; significando-lhe que era sua vontade fazer daquelle logar um Centro de atração ou de chamamento das almas para a salvação, recommendando-lhe para esse effeito a devoção às dores de sua Mãe Santissima e ao seu preciozissimo sangue para ser um meio de salvação para todos que alli fossem. COMO NISSO PROCEDI. Direi-lhe nesse sentido que, como os diversos factos de tansfusão da hóstia consagrada em sague operados desde mil oitocentos e oitenta e nove até hoje não tinham sido a principio testemunhados sinão por mim, julguei de necessidade que outras pessoas tanto eclesiásticas como leigos, que fossem dignas de fé, as testemunhassem. Effectivamente assim aconteceu e guardo o resgistro de mais de mil pessoas que foram testemunhas prezenciais, entre as quais dois médicos e um pharmaceutico e que tudo isso observarão diversas vezes e no curso de duas a três horas. Releva notar-se que aquella devota em vez de gloriar-se com a publicidade desses factos, muito ao contrario experimentara com isso o maior tormento. Quanto ao mais que possa ter

aqui omitido e para o que não me sobejou tempo refiro-me aos diversos attestados que quanto me cabe confirmo e julgo authenticos. Eis, Excellentissimo Senhor, quanto me occorre agora; certo de que só a obediência, a maior honra e glória de Deus e a edificação dos fieis a isso me obrigão, isto é, a fazer público todos esses factos. Fortaleza, dezoito de julho de mil oitocentos e noventa e um. Pe Cícero Romão Baptista.²⁹

Dom Joaquim se posicionou contra a postura de padre Cicero e elaborou um documento intitulado “As Determinações do Bispo” que orientava para que todos tivessem como obrigação considerar os fatos de Juazeiro como não verdadeiros. As recomendações do bispo estavam embuidas de sutilezas de tal modo que os fieis não atentos, não conseguiam discernir o conteúdo.

O Senhor Bispo Diocezano, determinou o seguinte: Tendo nós ouvido attentamente e bem ponderado as respostas as nossa interrogações e outras narrativas feitas pelo Reverendo Cícero Romão Baptista, a nosso chamado, vindo a esta Capital, a cerca das condições de Maria de Araújo e dos factos extraordinários com ella succedidos no Povoado do Joazeiro, da Freguesia do Crato, deste Bispado, factos estes attestados por dois médicos, um phamaceutico, dois sacerdotes e mais pessoas: Primeiro que tudo declaramos que reconhecemos na pessoa do Reverendo Cícero Romão Baptista, um sacerdote de costumes puros, regularmente instruído, zeloso e em extremo dedicado a Santa Religião que professamos, incapaz por tanto de qualquer embuste ou de pretender enganar a quem quer que seja; o que não o impede de poder illudir-se. Não bastante porém, o que fica dito, desejando Nós em observância ao que determina o Sagrado Concílio de Trento na sessão vinte e cinco, instruir um processo regular a tal respeito, no intuito de descobrir a verdade, ordenamos o seguinte: Prohibimos expressamente qualquer culto aos pannos ensanguentados, encerrados na caixa de vidro a que se referio o Reverendo Cícero Romão Baptista, o qual deverá guardar cautelozamente, a dita caixa com o conteúdo d’ella, até que chegue ao Joazeiro o Reverendo Sacerdote que pretendemos commissonar para o respectivo inquérito. Ordenamos ainda ao mesmo Reverendo Cícero se desdiga no púlpito da propositão que avançou affirmando que o sangue apparecido nas Sagradas partículas era Sangue de Nosso Senhor Jesus Christo, pois que não o é nem pode ser, segundo os ensinamentos da Theologia Católica.³⁰

A orientação proferida pelo Bispo, para que não se apregoasse a presença do “Sangue de Cristo”³¹ na hóstia dada a Maria de Araújo, não impedia as pessoas de comentarem sobre os acontecimentos e nem de acreditarem que as hóstias se transformavam verdadeiramente no precioso “Sangue de Cristo”, e se constituíam sinais do Juízo Final.³²

²⁹ ARQUIVOS DA DIOCESE DE CRATO, documento que compõe o Inquéritos I (1891) , intitulado EXPOSIÇÃO CIRCUNSTANCIADA DO PADRE CICERO o qual consta em anexo.

³⁰ ARQUIVOS DA DIOCESE DE CRATO, documentos que compõe os Inquéritos I (1891) e II (1892) das duas Comissões. Mantida a ortografia do documento , também em anexo.

³¹ Assim chamado pelos fieis o suposto sangue da hóstia.

³² Os Padres acreditavam que os milagres eram sinais da Segunda Redenção; o sangue divino era novamente derramado para salvar o mundo dos males que o atacavam: o racionalismo, o materialismo, a maçonaria, o positivismo e a falta de fé, portanto sinais evidentes do esforço divino para recuperação da Igreja católica. Para o povo, o que calava mais fundo era a ideia de que o fim dos tempos estava próximo.

Dom Joaquim se posicionou favorável ao segundo parecer e, com base nele, suspendeu as ordens sacerdotais de padre Cícero e determinou que Maria de Araújo, que viria a morrer em 1914, fosse enclausurada. Mesmo assim, por ela e com ela a cidade transformou-se em um centro de romarias e constitui um dos movimentos sociais mais importantes da História do Brasil. O movimento ganhou força naquela região, mas a Igreja estava cada vez mais empenhada no combate às crenças da religião popular. Buscou desarticular o movimento que se formava ao redor da figura de Maria de Araújo, uma simples mulher do sertão nordestino.

Conforme já mencionado, uma das primeiras reações dos membros da Igreja foi abrir uma Comissão de Inquérito para verificar os motivos do sangramento da hóstia. Mas, talvez o principal objetivo fosse condenar Maria de Araújo, porque o movimento representava autonomia e enfraquecia as forças católicas locais, além do mais, visibilizava a ação e o protagonismo de uma figura leiga feminina num espaço religioso reservado apenas para o poder masculino. Com o passar do tempo, Maria de Araújo, qualificada como embusteira pela Igreja Católica, foi sendo apagada da história de forma que não se conhece Maria de Araújo na mesma medida que se conhece o padre Cícero.

A formação histórica da religiosidade de Juazeiro do Norte e a complexa dinâmica de poder gerada em torno do simbolismo religioso será melhor assimilada quando conseguirmos perceber o papel histórico e sociológico desempenhado por uma mulher e um padre diante do principal representante da Igreja, o bispo. Os três personagens são centrais nas tramas que configuram o conflito em que distancia Maria de Araújo da qualidade de milagrosa, caracterizando-a como embusteira.³³

³³ O termo Embuste era compreendido algo que se caracterizava uma conduta criminosa. É uma tentativa de enganar um grupo de pessoas, fazendo-as acreditar que algo falso é real.

2. MARIA DE ARAÚJO: EMBUSTEIRA OU MILAGROSA

Maria de Araújo, mulher que influenciou fortemente a trajetória do Padre Cícero, realizava prodígios. Em sua boca, a hóstia se transforma em sangue; ela conversava com a corte celeste, fazia experiências de êxtase. Confirmando tudo isso, Padre Cícero diz ao bispo de Crato, Dom Joaquim José de Viera, que Jesus Cristo teria se manifestado a beata. Toda a trajetória do padre Cícero deve-se aos fenômenos protagonizados pelas beatas de Juazeiro, especialmente por Maria de Araújo. Ela foi convocada para depor diante dos dois melhores teólogos do Ceará de então. Dom Joaquim José Vieira constituiu duas Comissões de Inquérito para investigar o caso do sangramento da hóstia. Os membros da Comissão foram pessoas escolhidos por ele e deveriam por obrigação averiguar se a beata tinha alguma ‘anomalia’. O milagre se repetiu por volta de 140 vezes, e com diversos sacerdotes. A primeira Comissão após várias análises, dando-lhes a hóstia inúmeras vezes concluiu que os fatos relacionados à comunhão da beata não tinham “explicação natural”. Vejamos parte da conclusão do primeiro Inquérito.³⁴

No dia 24 pelas seis e meia hora da manhã, conosco Reverendissimo Padre Clycerio da Costa Lobo colocou sobre a língua da referida Beata uma particulla tirada da ambula, e depois de 15 minuots mais ou menos, este sacerdote aproximou-se da Beata que se achava em êxtases e a quem so obedeceu depois que elle ordenou que o fisesse em obediência a Deus e a Igreja. De facto, abrindo ella a bocca e estendendo a língua verificamos achar-se a particulla transformada em sangue menos na parte central, que não estava ainda completamente transformada e depositando-a em um sanguinho verificamos depois disto estar a língua completamente limpa e sã, mesmo na pequena parte que pouco antes occupava a mesma particulla. Pelo exame que fizemos nesta occasião na cavidade buccal e na língua não encontramos nenhum fermento ou ulceração donde pudesse provir o liquido sanguíneo [...]. Obedecendo de novo a ordem do mesmo sacerdote e no fim de cinco minutos mais ou menos, depois que ella recebeu a segunda particulla, abrio a bocca e verificamos se transformava em sangue a particulla da periferia para o centro. Em seguida a este exame, o mesmo sacerdote recitou o *misereatur* e ella consumio subitamente a particulla ensanguentada, verificando-se logo após este facto estarem a língua e a bocca limpas e sem o menor vestígio da particulla e de sangue. [...] Continuando os mesmos exames na Casa de Caridade no dia 25 do corrente para hi nos transportarmos muito cedo e fizemos um exame medico na beata Maria de Araújo, antes da communhão e não encontramos moléstia ou lezão alguma que pudesse nos explicar a origem de semelhante sangue. Quando a beata teve de commungar neste dia, examinamos de novo a língua e a bocca na occasião de receber a particulla e verificamos que a cavidade buccal e a língua se achavam

³⁴ ARQUIVOS DA DIOCESE DE CRATO: **Inquéritos I (1891) e II (1892) das duas Comissões**. In: Atestados e relatórios médicos. Dr. Marcos Rodrigues Madeira, e Dr. Ignácio de Souza Dias, membros das Comissões de Inquérito, após examinar a Beata e pedir que ela fizesse diversos gargarejos, atesta que o sangramento da hóstia se tratava de um fato inteiramente sobrenatural. Documento completo em anexo 6 do presente trabalho.

completamente limpas, depois de que commungou a referida beata e deu-se a transformação da particulla em sangue, deixando ainda ver a parte central esbranquiçada, sendo pelo exame reconhecido ser esta parte esbranquiçada o resto da particulla que não estava de todo transformada. Logo após este facto, verificamos de novo que a língua e demais partes da cavidade buccal se achavão completamente limpas, não havendo o menor vestígio de sangue nem de ferimento ou ulceração alguma. Verificamos isso, fizemos com que a beata gargarejasse varias veses com uma porção d'agua fria com perchlorureto de ferro, depois do que foi ministrada outra particulla pelo Reverendissimo Padre Clycerio, a qual no fim de alguns minutos se achava completamente transformada em sangue rubro, que nos pareceu arterial ou capilar. [...] Pelo que temos observado e exposto excluimos também a ideia de hysterismo. Outro facto para o qual chamamos particularmente attenção d'aquelles que querem considerar estes phenomenos como ligados a uma moléstia, é o seguinte: que feito o gargarejo diversas veses com poção de perchlorureto de ferro, não devia se reproduzir, e quando isso se desse o sangue seria de uma cor negra o que não se deu, ao contrario, fez o sangue apparecido mais rubro doq eu os outros anteriormente observados. Não podemos attribuir este sangue a uma lezão de larynge ou de pulmão por isto que estes factos se reproduzem há três annos e ella não tem soffrido na sua constituição e temperamento, alem de que não tem ella a menor tosse, febres e pelo exame que fizemos, não encontramos indícios de uma lezão interna, que podesse ser a origem de taes hemorragias. Não encontramos pois, pelos meios por nos empregados, uma explicação scientifica, somos levados a crer que os factos que se tem reproduzido na beata Maria de Araújo são sobrenaturaes. E assim pensando passamos este no qual assignamos. Cidade do Crato, estado do Ceará. 26 de setembro de 1891. Assignados: Dr. Ignacio de Souza Dias, Dr. Marcos Rodrigues Madeira.

O bispo Dom Joaquim inconformado com o resultado, formou um segundo inquérito que reflete mais uma questão política, uma intenção deliberada, pré-concebida, de negar o milagre, pois era difícil admitir que na América pudesse acontecer um milagre. Os membros da Comissão avaliaram aquele sangramento, fizeram diversos exames na beata, e não constataram nenhuma explicação, nenhuma doença de sangramento, como hemoptise, nem truque com uso de nenhum produto químico. Era sangue mesmo, sangue rubro. Os médicos atestaram ainda, que, após o milagre, a beata não apresentava nenhum ferimento na boca, o que também nega teses como a de que ela mordia a língua. Ao término dos Inquéritos, Maria de Araújo foi acusada de cometer “embuste”.³⁵ Como punição recebeu do Padre comissário ‘uma dúzia de bolos de palmatória’.³⁶ No mesmo contexto cumpriu as ordens expressas de Dom Joaquim que ordenou sua transferência para Crato, uma cidade próxima de Juazeiro, onde cumpriria reclusão domiciliar, por tempo indeterminado, na Casa de Caridade fundada por Padre Ibiapina, instituição não bem aceita pela ordem eclesiástica. O padre Cícero não era

³⁵ ARQUIVOS DA DIOCESE DE CRATO: **Inquéritos I (1891) e II (1892) das duas Comissões.** Mantida a ortografia original do documento.

³⁶ Esse termo refere-se a uma forma de castigo físico comumente utilizado como forma de punir aqueles que mentiam.

favorável a transferência de Maria de Araújo para a cidade de Crato, pois, a considerava como personagem principal do cenário religioso e da atração de centenas de fieis.

O apoio manifestado por padre Cícero à Maria de Araújo foi suficiente para o bispo Dom Joaquim proibir sua pregação em público e distribuir hóstias em qualquer celebração. Mesmo sendo “disciplinado” pelo bispo, o Padre ganhava prestígio e se fortalecia cada vez mais junto ao crescente número de fieis, mas isso causava incomodo ao bispo.

A partir do milagre, tudo mudou no Juazeiro e no Nordeste, permanecendo em mudanças até os dias atuais. A repercussão coletiva é a verdadeira prova do milagre. Daí a importância de trazer à tona este conflito, analisando a atuação da Igreja em relação à Maria de Araújo e conseqüentemente ao padre Cícero.



Foto 5. Imagem em cera da Beata Maria de Araújo localizada na Capela do Horto Juazeiro do Norte – CE.³⁷

2.1 A Beata: o símbolo da religiosidade de Juazeiro do Norte

O sertão nordestino é um lugar místico, capaz de inspirar verdadeiras vocações religiosas. Nele encontramos figuras de beatos e beatas como José

³⁷ Arquivo pessoal do autor.

Lourenço e Maria de Araujo, de profetas populares e místicos, como Antônio Conselheiro e dos apóstolos do sertão como Padre Ibiapina e padre Cícero. Entre as figuras e personagens mais significativos da religiosidade do Nordeste devemos lembrar aqueles que surgem, conforme já afirmamos no primeiro capítulo, à margem da sociedade e da religião estabelecidas, os pobres, os analfabetos, os negros e as mulheres. Neste sentido, destacamos a figura de Maria de Araújo, a beata do milagre de Juazeiro do Norte, que sofreu com a exclusão, sendo considerada embusteira e mentirosa, porque o famoso ‘milagre eucarístico’ acontecido no final do século XIX na cidade de Juazeiro do Norte tinha como personagem central uma mulher desprovida de beleza, de bens materiais e não letrada.

Conforme relatórios do Padre Cícero esta mulher desde muito cedo apresentou tendências místicas, voltada para as práticas ascéticas da oração, jejum, penitência, além de ter visões, como o ‘casamento espiritual’ com Cristo quando era ainda criança, receber os estigmas de Cristo, ver Maria e os Santos, o que a levou a dedicar-se a uma vocação religiosa que a conduziu ao sofrimento e ao esquecimento, ao fim de sua vida, seu túmulo foi violado e seus restos mortais foram perdidos. O nome de Maria de Araújo traz a marca da religiosidade de Juazeiro do Norte. É imbuído do discurso e práticas que estruturam as relações de gênero entregando ao masculino a direção e o comando, porque é o masculino o símbolo primeiro da criação,³⁸ enquanto o feminino é apenas um corpo herdado.

A Igreja oficial se via diante de um dilema, pois se de um lado era necessário resguarda a fé dos ataques dos protestantes, dos positivistas e dos maçons, todos descrentes em relação à veracidade dos fatos da religião católica, por outro lado era necessário evitar o avanço descontrolado do cristianismo popular e laico, contaminado de milenarismos e misticismos, que poderiam por em cheque a autoridade do clero e do magistério, bem como dos dogmas teológicos aceitos pelos intelectuais da Igreja, por fim, havia a questão dos milagres, das romarias e da renovação da fé proporcionada pelas devoções do catolicismo sertanejo.

É importante observar que não obstante os obstáculos, Maria de Araújo foi o símbolo primeiro da formação da religiosidade de Juazeiro do Norte, a causadora do principal motivo de um conflito religioso provocado por um “fenômeno” fora da

³⁸ O termo símbolo primeiro da criação é, portanto baseado no livro de Gênesis da Bíblia onde descreve o criacionismo. Deus criou primeiramente o homem - Adão, fez dele sua imagem e semelhança, posteriormente de sua costela, sem que ele percebesse, criou a Mulher e fez sua companheira (NUNES, 1995).

normalidade, que criou e mantém o espaço popularmente sagrado no nordeste do Brasil. Este fato, quando analisado por óticas distintas, possibilita inúmeras interpretações. Poderia uma beata ignorante, mestiça e pobre ter se tornado uma mediadora dos sinais divinos, em oposição aos teólogos e o clero instituído pela Igreja de Cristo? A Igreja interpreta o milagre da hóstia como um “embuste”, enquanto para o povo significava um milagre. Para os fieis Maria de Araújo era uma “santa popular” e, isso lhe rendeu um processo eclesiástico que transformou sua vida em um verdadeiro martírio. Maria de Araújo, símbolo da religiosidade popular de Juazeiro, foi vítima de preconceito, de perseguição, da intolerância e da intransigência de homens representantes do “poder de Deus” na terra, através da Igreja Católica, que era considerada a única, legítima e oficial religião do Brasil naquela época.

Mesmo longe do tempo e dos fatos em que viveu a Maria de Araújo é possível compreender que sua presença foi significada e teve grande prestígio na formação da religiosidade de Juazeiro. Da mesma forma, entendemos os motivos pelos quais, o padre Cícero ganhou destaque social, religioso e político frente a um dos mais intensos movimentos religiosos do país, que já dura mais de um século.



Foto 6. Destaque da religiosidade local, uma visão completa do padre Cícero na Capela do Horto.³⁹

³⁹ Arquivo pessoal do autor.

Sem Maria de Araújo e sem o padre Cícero, Juazeiro do Norte não teria se transformado na segunda maior cidade do Estado do Ceará. Ambos tiveram importante contribuição para que isso acontecesse, mas com o passar do tempo Maria de Araújo foi esquecida, enquanto o padre Cícero jamais deixou de ser lembrado. Por este motivo, ele ficou reconhecido historicamente como o principal ícone da religiosidade de Juazeiro do Norte.

2.2 O sangramento da Hóstia: peregrinação e conflito

O ano de 1889 foi um ano de seca. O povo multiplicava as súplicas e as romarias, pedindo proteção em vigília a “todos os santos” para que chovesse, pois os horrores das secas deixava todos aterrorizados com a perspectiva de uma nova calamidade. O padre Cícero em Juazeiro e outros de Missão Velha e Crato, faziam romarias de penitência de uma cidade para outra e levavam as imagens aos campos suplicando que fizesse cair chuva (OLIVEIRA, 2001, p.70). Era o amanhecer da primeira sexta-feira da quaresma no mês de março de 1889. Depois de uma longa vigília e oração noturna, as beatas deveriam tomar café, para em seguida voltarem à missa que marcava o encerramento daquela vigília. O padre Cícero resolveu dar-lhes a comunhão antes da missa. Maria de Araújo foi uma das primeiras que se aproximou. “De repente, caiu por terra e a Imaculada Hóstia branca que acabava de receber tingiu-se de sangue” (DELLA CAVA, 1976, p.40). O padre Cícero em uma das Comissões de inquéritos relata:

Quando dei à Beata Maria de Araújo a Sagrada Forma, logo que a depositei na sua boca, imediatamente transformou-se em porção de sangue, que uma parte ela engoliu, servindo-lhe de comunhão, e outra correu pela toalha, caindo algum no chão; e não esperava e, vexado para continuar as confissões interrompidas, que eram muitas ainda, não prestei atenção e por isso não apreendi o fato na ocasião em que se deu; porém depois que depositei a âmbula no sacrário e vou descendo, ela vem entender-se comigo, cheia de aflição e vexame de morte, trazendo a toalha dobrada, para que não vissem, e levantava a mão esquerda, onde nas costas havia caído pouco e corria um fio pelo braço. E ela com o temor de tocar com a outra mão naquele sangue, com certeza de que era a mesma hóstia, conservava certo equilíbrio para não gotejar no chão (INQUÉRITOS I E II).⁴⁰

⁴⁰ Foi assim que o Padre Cícero descreveu para as autoridades eclesiásticas o suposto milagre ocorrido pela primeira vez em março de 1889, no então povoado de Juazeiro do Norte interior do Ceará, o qual mudou completamente a vida da Beata Maria de Araújo e também sua vida. Esse trecho se encontra no documento ARQUIVOS DA DIOCESE DE CRATO: Inquéritos I e II das duas Comissões. Mantida a ortografia original do documento.

Maria de Araújo tinha cerca de 30 anos, era costureira solteira e natural de Juazeiro, conforme sua declaração à primeira Comissão de inquérito. A seguir transcrevemos parte do documento que se refere ao ato de perguntas à Beata,

Passou o Reverendo Commissário a fazer as seguintes perguntas: Primeira: Como chamasse? Respondeu chamar-se Maria Magdalena do Espírito Santo de Araújo. Segunda: de quem é filha? Respondeu ser filha legítima de Antonio da Silva de Araújo (já falecido) e de Anna Jozepha do Sacramento. Terceira: donde é natural? Ao que respondeu ser natural da povoação do Joazeiro. Quarta: que idade tem? Respondeu que tinha vinte e nove annos commçados. Quinta: qual é o seu estado? Ao que respondeu que é solteira. Sexta: qual é seu modo de vida? Respondeu que se dá ao trabalho de costuras. Sétima: sabe ler e escrever? Ao que respondeu que não (INQUERITOS I e II).⁴¹

Conforme já verificado nesta pesquisa, os fieis atribuíam a Maria de Araújo a responsabilidade de transformar a hóstia em sangue, isso gerou uma série de consequências tanto para ela quanto para o padre Cícero e para os fieis da Igreja, em particular naquela região. Durkheim (2000)⁴² afirma que um fato se reconhece pelo poder de coerção externa que exerce ou é capaz de exercer sobre os indivíduos. Ele atribui como característica dos atos sociais a circunstância de tais fatos existirem fora da consciência individual de cada um dos membros da sociedade.

Segundo Durkheim (2000), os fatos sociais já existiam quando nascemos e muito dificilmente poderemos mudá-los pelo nosso próprio esforço, e independem de nossa vontade, exercendo sobre nós, força coercitiva. Podemos observar que quando alguém não observa uma regra, institucionalizada ou não pelo sistema do Direito, mas que possua vigência no meio em que vive, a referida pessoa experimenta, ou deveria experimentar, uma sanção correspondente, oriunda de outra pessoa ou uma instituição, e tal é a força coercitiva dos fatos sociais, que não necessariamente excluem a personalidade individual.

Deste modo, o fenômeno que ocorreu em 1892 tem uma repercussão sobre milhares de peregrinos que vão ainda hoje em peregrinação até o local do milagre. Um fato que se repetiu muitas vezes, influenciou o fenômeno religioso em Juazeiro do Norte, que teve influência considerável na formação da cidade e na sua

⁴¹ ARQUIVOS DA DIOCESE DE CRATO: Inquéritos I (1891) e II (1892) das duas Comissões. In: *Auto de perguntas à Beata Maria de Araújo*. Mantida a ortografia original do documento.

⁴² Utilizamos o conceito de “fato social” em Durkheim para analisarmos o fenômeno religioso entendido pela primeira comissão de Inquérito como Milagre.

preservação atual. De acordo com Della Cava (1976), foi uma experiência religiosa que se popularizou.

Um dos componentes nascente da religião popular de Juazeiro era a sua contagiante euforia espiritual. Predominou em 1891 e 1892 e transformou o lugarejo num acampamento que se constituía no posto avançado do renascimento espiritual. Todos os dias chegavam novos contingentes de romeiros: homens, mulheres e crianças, leigos e clérigos, ricos e pobres, pessoas ilustres e simples desconhecidos. Superlotavam a capela nas horas de missa e lá iam para confessar os pecados e venerar a urna sagrada. Entre eles havia maçons e protestantes que, em declarações públicas, arrendiam-se de seus pecados e se convertiam ao Cristo. Nesse ínterim, Beatas corriam pelas ruas apinhadas, exibindo crucifixos de bronze que sangravam 'milagrosamente', havendo ainda as que caíam em 'êxtases' e transes no meio da multidão. À frente da aldeia, encontrava-se o clérigo, o Padre Cícero. Garantia aos ricos e pobres que, o que viram e ouviram era verdadeiro (DELLA CAVA, 1976, p. 68).

Como já enfatizado neste estudo, é as margens da instituição religiosa que se formava de maneira crescente uma religiosidade que incomodava a ordem clerical. Por tal motivos competia a segunda comissão de Inquérito II (1892), produzida pelo bispo do Ceará fazer uma pernicioso investigação a fim de não deixar que a crença no fato sobrenatural não tomasse rumos e que fosse de encontro com a autêntica proposta da Romanização do Catolicismo. Tinha também como pretensão determinar que a Beata Maria de Araújo tinha alguma enfermidade⁴³, alguma patologia psicológica e/ou espiritual. Mas nada disso foi confirmado. Mais uma vez Maria de Araújo é injustiçada pela própria Igreja Católica, mas sem ela não teria existido o padre Cícero, ou pelo menos, não o padre Cícero que a gente conhece hoje. Sua figura é absolutamente decorrente da existência dela. Ela era uma das mulheres que viviam ali na casa dele, a margem dele e que foi a protagonista do fato gerador da sua história, que começou em 1889, no dia do Milagre da Hóstia, e também neste mesmo dia iniciou o calvário simbólico de Maria de Araújo.

2.3 A visão da Igreja

Como vimos, a Igreja Católica e sua propagada hierarquia eclesiástica comportou-se ceticamente em relação aos supostos fenômenos sobrenaturais que começaram a acontecer em Juazeiro. A partir do Milagre do sangramento da Hóstia, multidões se dirigem ao lugarejo. O acontecimento ocupa espaço na imprensa da

⁴³ ARQUIVOS DA DIOCESE DE CRATO: Inquéritos I (1891) e II (1892) das duas Comissões. In: *Auto de perguntas à Beata Maria de Araújo*.

capital e no interior. Há uma imensa comoção no Nordeste. “Milhares de romeiros iam para a cidade e muitos ali se instalavam como moradores absolutos” (FORTI, 1999, p. 25). Todos queriam ver o fenômeno acontecer por intermédio de quem o fazia. Conforme se atribuía a Maria de Araújo a responsabilidade de transformar a hóstia em sangue, notícias iam se espalhando e a Igreja que já estava em processo de purificação do catolicismo brasileiro, permanecia cada vez mais irada.

Para Dom Joaquim, as informações que chegavam de Juazeiro só podiam significar um embuste incrível e sacrilégio. Convencido, porém, de que o Padre Cícero era incapaz de qualquer embuste, por mais teimoso, ingênuo e rebelde que fosse, acabou o bispo por acreditar que a culpa cabia a Maria de Araújo (DELLA CAVA, 1976, p. 69).

Mas afinal, porque Maria de Araújo estaria mais propensa a cometer embuste segundo o bispo? A ideia perpassada por Dom Joaquim através de sua afirmação, não era diferente do ideário medieval elaborado pelos teólogos que viam na figura da mulher uma representação do mal. “A ação da Igreja junto à população feminina, não pode ser compreendida sem uma referência ao que ocorreu em outras esferas da vida social” (NUNES, 1995, p. 43).

Permaneceu durante vários séculos a ideia de que a mulher era portadora do mal e da morte, não possuindo nem bondade nem amizade, sendo incapaz de fortalecer os laços afetivos que poderiam ser construídos com os homens. Foram frequentemente submetidas a teorias naturalistas como a do sexo frágil e teorias conspiratórias como – facilmente possuídas pelo mal e predadoras da humanidade.

A visão androcêntrica é assim continuamente legitimada pelas próprias práticas que ela determina: pelo fato de suas disposições resultarem da incorporação do preconceito desfavorável contra o feminino, instituído na ordem das coisas, as mulheres não podem se não confirmar seguidamente tal preconceito” (BOURDIEU, 2007, p. 43).

Segundo o autor a dominação masculina é legitimada através das práticas e a religião contribui para justificar este processo. Portanto, a desconfiança sobre a carne estava intrinsecamente ligada às mulheres, elas eram consideradas pelo clero como criaturas débeis e suscetíveis às tentações do diabo. Tentadoras, culpadas pelo pecado original e pela queda dos homens, estavam sempre associadas à figura de Eva (NUNES, 2000). A função das Comissões nos inquéritos ordenada era julgar Maria de Araújo nestes preceitos.

2.4 A reação da Igreja: inquéritos, acusações e julgamento

Já no início do processo, Maria de Araújo foi considerada pelos fieis como uma pessoa “abençoada por Deus, que fazia milagre” (FORTI, 1999, p. 112), foi intimada pelo bispo Dom Joaquim e assume o papel de réu perante a Igreja, mesmo antes do seu comparecimento ao local onde seria averiguado o sangramento da hóstia. Assim realizava-se o julgamento da primeira Comissão de inquérito com base nos acontecimentos do dia-a-dia no povoamento de Juazeiro.

Ano de mil oitocentos e noventa e um. Povoação do Juazeiro, freguesia do Crato. Commissariato Eclesiástico. Inquérito acerca dos factos extraordinários ocorridos nesta povoação do Juazeiro. O secretario Padre Doutor Antero Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo, de mil oitocentos noventa e um, aos nove dias do mês de Setembro do dito ano, em o Consistorio da Capella de Nossa Senhora das Dores da Povoação do Juazeiro, faço a autuação da portaria e mais papeis que adiante se seguem; do que para constar fiz este termo. E eu, Francisco Ferreira Antero, Secretario da Comissão Eclesiastica, nomeado por sua Excellencia Reverendissima, o escrevi. Padre Clycerio da Costa Lôbo, Presbytero secular, dellegado de sua Excellencia Reverendissima etc. O muito Reverendo Padre Doutor Francisco Ferreira Antero, logo que esta lhe seja apresentada, indo por mim assignada e munida com sello das armas de sua Excellencia Reverendissima, cite a Beata Maria de Araújo para comparecer no Consultorio da Capella de Nossa Senhora das Dores do Joazeiro, hoje, às onze horas da manhã, afim de se proceder ao auto de perguntas à mesma Beata, iniciando-se assim ao inquérito ordenado por sua Excellencia Reverendissima, acerca dos factos extraordinários, ocorridos nesta Povoação; passando ao pé desta a Certidão, como assim o fez. Assim o cumpra. Joazeiro, nove de setembro de mil oitocentos e noventa e um. Padre Clycerio da Costa Lobo, Delegado Episcopal. Certifico que intimei a Beata Maria de Araújo a portaria retro do que ficou ciente. Dou fé. Joazeiro, nove de setembro de mil oitocentos e noventa e um. Padre Doutor Francisco Ferreira Antero, Secretário da Comissão.⁴⁴

O Padre Cícero foi o primeiro a ser questionado sobre os fatos de Juazeiro do Norte que envolviam a Beata Maria de Araújo. No inquérito ele depõe afirmando conhecer Maria de Araújo desde a idade de oito anos, quando ela fez sua primeira comunhão e morava no povoado de Juazeiro com sua mãe até o ano de mil e oitocentos e oitenta e nove, mas nesse mesmo ano passou a residir na casa do próprio Padre na companhia de sua família.

Perguntado se a dita Beata lançava alguma vez sangue. Respondeu não ter disso plena certeza, mas que tem alguma ideia della ter algumas vezes vomitado sangue por ocasião dos ataques que sofria o que deu-se alguns

⁴⁴ ARQUIVOS DA DIOCESE DE CRATO, Inquéritos I (1891) e II (1892) das duas Comissões. *In: Processo instruído sobre os factos de Juazeiro.* Mantida a ortografia original do documento.

anos antes desses fenômenos extraordinários, de que ora se trata. – Perguntado se lhe constava alguma coisa acerca da regularização do fluxo menstrual daquela pessoa. Respondeu que lhe consta ser nisso bem regular, havendo alguma vez, algum excesso em o dito fluxo. – Perguntado mais se lhe constava sofrer alguma outra enfermidade a dita senhora. Respondeu que ela sofre algumas ligeiras perturbações de estomago, conservando apesar disso, bastante força tanto que pode, sem sacrifício maior ir do Juazeiro a Cidade do Crato.⁴⁵

A primeira Comissão de inquérito surpreendeu Dom Joaquim ao decidir que o fenômeno da hóstia era de “caráter divino”, ou seja, um milagre. Inconformado com o resultado do processo, o bispo exigiu um novo inquérito pelo qual Maria de Araújo deveria ser acusada. Foi adotada outra estratégia⁴⁶ com o intuito de obter o resultado esperado pelo bispo.

Sua reação em instaurar as Comissões de Inquéritos demonstra a autoridade diocesana frente à condição de Maria de Araújo. Uma leiga beata que atraía milhares de devotos, tornando a crença ao milagre mais importante que os ensinamentos litúrgicos oficiais da Igreja. Segue o trecho do Inquérito escrito pelo presidente da primeira Comissão concluindo que a mulher era mesmo uma milagreira.

[...] Maria de Araújo abrindo a boca em obediência ao Reverendo Cícero para mostrar-me a língua nesta a hóstia convertendo-se em sangue, a mesma hóstia precipitava-se da língua e caíria no chão se o Padre não a aparasse com a mão, desta vez não derramou sangue acompanhando a particular, porque a mesma Beata inclinando a cabeça ligeiramente para traz engoliu o sangue que enchia-se a bocca ficando neste a tom um tanto corado.⁴⁷

Temendo as graves implicações teológicas de tal parecer, bem como a potencialidade do movimento que crescia cada vez mais, Dom Joaquim adotou uma postura ainda mais autoritária. Nomeou um novo vigário para o Crato, Monsenhor Antônio Alexandrino de Alencar, visto que até então o atual, padre Fernandes Távora apoiava Maria de Araújo e padre Cícero. O bispo ordenou que a urna com as relíquias e os panos ensanguentados, que foram utilizados no primeiro inquérito, fossem removidos de Juazeiro, pois já estavam sendo venerados e isso era

⁴⁵ ARQUIVOS DA DIOCESE DE CRATO, Inquéritos I (1891) e II (1892) das duas Comissões. *In: Auto de perguntas feitas ao Padre Cícero Romão Baptista, 17/07/1891.* Mantida a ortografia original do documento.

⁴⁶ A estratégia era castigar Maria de Araújo a fim de comprovar que o primeiro inquérito foi um truque da Beata, pois o fenômeno do sangramento da hóstia não deveria ser entendido como um suposto milagre.

⁴⁷ ARQUIVOS DA DIOCESE DE CRATO, trechos da primeira Comissão de Inquérito. Documentos que compõem os Inquéritos I e II das duas Comissões. Mantida a ortografia original do documento.

considerado pela Igreja uma inovação litúrgica desautorizada, fonte de um fanatismo desenfreado. Na realidade, essa era uma forma de combater as crenças populares, ou seja, um culto a uma pessoa que não apresentava legitimidade para representar a Igreja.⁴⁸

A ira que a Beata representava para Igreja representada na figura de Dom Joaquim, é ainda mais notável na constituição da segunda Comissão de Inquérito. Todos os membros estavam na Casa de Caridade do Crato em abril de 1892. Monsenhor Alexandrino, secretariado pelo padre Manoel Antônio dos Santos, juntamente com outros padres e leigos, ministrou a comunhão à Beata Maria de Araújo durante três dias sem que nada acontecesse, fazendo com que os fenômenos fossem considerados um embuste, satisfazendo assim o bispo Dom Joaquim.

Veremos, em alguns trechos do segundo Inquérito, os métodos usados para classificar Maria de Araújo como embusteira. O relato a seguir permite-nos entender como se deu o processo de ocultamento da Beata.

O Reverendo Joaquim Sother de Alencar deu a sagrada comunhão a Maria de Araújo que conservou a boca aberta por dezesseis minutos, não tendo neste intervalo havido sinal de sangue e nem também mudança alguma na forma, depois do que ordenou o Reverendo Vigário Antonio Alexandrino de Alencar que a comungaste fechasse a boca por um ou dois minutos findo este prazo mandou abrir a bocca a Maria de Araújo e verificou-se o que tinha dado quando ella conservava a boca aberta, isto é, não apareceu ainda vestígio algum de sangue e ainda a partícula em perfeito estado. E só depois de tudo isto que o Reverendo Vigário ordenou que a referida Maria de Araújo fizesse o possível para consumir a sagrada hóstia. [...] Nada mais tendo a ser dado o Reverendo Vigário julgou esta experiência, ordenada pelo senhor Bispo Diocesano.⁴⁹

Esse mesmo método foi utilizado no segundo dia. A segunda experiência maquiavélica da Comissão pretendia julgar Maria de Araújo. Como entre a primeira e segunda experiência os métodos foram os mesmos, analisaremos a seguir o trecho da terceira e última experiência do segundo inquérito:

O Reverendo Capelão da casa deu a sagrada comunhão a senhora Maria de Araújo que conservou a bocca aberta por quinze minutos, não tendo aparecido na partícula consagrada vestígio algum de sangue; estando esta

⁴⁸ Sobre legitimidade recorreremos a fundamentação de Weber, a partir do conceito de dominação política, da crença na tradição e do fundamento carismático. Tais aspectos na concepção weberiana, é considerado fundamento racional baseado na legalidade (WEBER, 2000).

⁴⁹ ARQUIVOS DA DIOCESE DE CRATO, trechos da segunda Comissão de Inquérito, documento que compõem os Inquéritos I e II das duas Comissões. Mantida a ortografia original do documento.

em dois centímetros de extensão do lado esquerdo completamente humedecida em via de dissolução e a outra parte della adherida a língua humedecida. Depois do que Maria de Araújo fechou a bocca por cinco minutos e abrindo-a depois notou-se que a partícula estava nas mesmas condições sem que tivesse nella aparecido nenhum sinal de sangue; fechando-a de novo por três minutos e depois abrindo-a verificou-se que as espécies do lado esquerdo de que já fallou-se estavam dissolvidas e a outra parte apenas humedecida. Findo isto Maria de Araújo tratou de consumir a particular e encontrando dificuldade e sentindo vontade de vomitar, pediu água que foi recusado; nada obstante insistiu mostrando ainda sinal de vomitar. Nada mais tendo se dado o Reverendo Vigário julgou concluída esta experiência, ordenada pelo Senhor Bispo Diocesano INQUERITOS I e II).

Dom Joaquim tinha apenas uma pretensão: punir diretamente Maria de Araújo. De acordo com os relatos dos documentos da época, desde 1891 quando aconteceu pela primeira vez à transformação da hóstia em sangue, predominava em Juazeiro um clima de efervescência espiritual, isso era um incômodo para o representante da Igreja que via a religiosidade do povo se sobrepondo às crenças da instituição.

A postura do bispo fundamentada nas normas e na burocracia processual emanada de Roma, certamente não foi um recurso apropriado para lidar com o crescente movimento que surgia em Juazeiro. Concretizava-se ali uma questão religiosa, tendo como pano de fundo uma tensão básica entre duas formas distintas que o catolicismo exercia sobre sujeitos religiosos.

Uma delas era hierárquica autoritária, presa às leis canônicas e à instituição mais preocupada com a pureza e a ortodoxia da verdadeira religião. A outra era a mais vivida, apegada ao mágico, ao maravilhoso, ao extraordinário, que foge às explicações fundadas numa relação de causalidade direta e é considerado milagroso. Nesta os santos intervêm na resolução de questões mais práticas, cotidianas; uma atuação que reconhecia santidade da Beata Maria de Araújo e do padre Cícero que, sem longos processos burocráticos, passaram a ser santificados e cultuados pelo povo, “intuitiva e espontaneamente”.

Para a Igreja a questão religiosa de Juazeiro era engendrada por discussões de ordem teológica, da rígida observância às leis canônicas e à autoridade episcopal. Para o povo os acontecimentos em Juazeiro diziam respeito a uma experiência mais profunda, envolvia todo um conjunto de valores que orientava efetivamente não só o sentimento e a experiência religiosa dos fieis, mas a própria conduta de milhares de pessoas que iam para o lugarejo em busca da salvação num

sentido mais amplo. Salvar-se dos contrastes sociais e encontrar a paz em algo sagrado, neste caso o Padre Cícero passou a ser intermediário e condutor deste processo.

O movimento religioso de Juazeiro sofreu mudanças desde sua origem até a ação dura do bispo. Após a constituição das duas Comissões de inquéritos surgia outra fonte de inspiração, o padre Cícero. Enquanto Maria de Araújo era punida pela igreja, o padre se fortalecia. Se antes do “suposto milagre” o padre Cícero já atraía o carisma das pessoas que viviam em Juazeiro, após a condenação de Maria de Araújo, a fama do capelão crescia cada vez mais, por causa da divulgação dos fatos e também de seu apoio a Beata. Mas ela já não estava mais em cena porque parte de sua pena foi a proibição de aparecer para os fieis.

Um fluxo crescente de romeiros se dirigia para Juazeiro, sobretudo em épocas específicas como de semana santa, quando o volume de pessoas aumentava ainda mais. Enquanto Maria de Araújo era direcionada para o caminho do esquecimento, os fieis eram contagiados pela euforia religiosa vigente em Juazeiro. Portanto, Maria de Araújo teve uma função não somente religiosa, como também política e sociológica na formação e no desenvolvimento da cidade, assim como na constituição do prestígio adquirido pelo Padre Cícero, após o “suposto milagre”.

Maria de Araújo foi envolvida em processos eclesiásticos, em perseguições e conseqüentemente chamada de “embusteira”. Vale ressaltar que sem sua existência Juazeiro não seria a mesma e não seria atualmente conhecida. O nome da cidade está diretamente ligado a um homem – padre Cícero – de forma que deixa invisível a participação de uma mulher – Maria de Araújo.

Para Souza (2009), a Beata e o padre⁵⁰, principais protagonistas da religiosidade de Juazeiro, podem ser considerados também personagens que fizeram a ponte entre uma Igreja marcada por normas e regras rígidas com obediência à hierarquia eclesiástica (seguindo a ordem: papa – bispos – padres), e o respeito à religiosidade popular e sua maneira de vivê-la. A hierarquia católica considerava a religião praticada pelo povo, suas devoções, cultos e promessas,

⁵⁰Padre Cícero Romão Baptista (24/03/1844 - 20/07/1934), em 1894 foi suspenso da ordem, acusado de manipulação da crença popular pelo Vaticano. Inconformado, sem poder celebrar missa, foi ao Vaticano, em 1898, pedir revogação da pena, ao papa Leão XIII. Saiu de lá com a vitória mas o bispo não aceitou e pediu revisão do resultado. Mais de um século depois (2015), o Papa Francisco anuncia sua reconciliação com a Igreja, desta vez não há objeção alguma do Bispo local.

supersticiosas e errôneas, com práticas diferentes do que as autoridades pregavam. Estes motivos nos permitem entender porque o padre Cícero se manteve a favor da de Maria de Araújo.

Em meio a esta dinâmica religiosa, Juazeiro inaugurava uma intensa fase de apropriações e reelaborações das crenças e práticas católicas, surgiam ali espontaneamente novas doutrinas e novos cultos. As hóstias não consumidas e os panos tintos, interpretados pela primeira comissão como o “sangue de Cristo”, foram depositados numa urna de vidro, e expostos no altar da capela de Nossa Senhora das Dores. Esta urna tornou-se objeto de veneração dos romeiros, tornando-se mais atraente que as práticas litúrgicas da Igreja. No entanto, Maria de Araújo e conseqüentemente Padre Cícero, o homem pelo qual as hóstias eram ministradas, passaram a ser cultuados como santos anunciadores de novos milagres pelos fieis.

A discussão teológica em torno desta questão distinguia-se em dois pontos. De um lado a possível ocorrência de um fato extraordinário, uma manifestação da misericórdia divina, e do outro, a afirmação da natureza do sangue presente nas hóstias. Isto passava longe das preocupações dos fieis. A eles interessava entender que os milagres de Juazeiro eram apenas a revelação de que o lugarejo fora escolhido para ser o centro de “salvação da humanidade”. “Para os leigos, o ensinamento da Igreja em relação à hóstia consagrada, no entanto, favorecia um imaginário muito próximo ao da crença do povo de Juazeiro: a hóstia sangra, portanto é o corpo e o sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo” (FORTI, 1999, p. 68).

A repercussão dos fatos e o crescimento das romarias deixavam Dom Joaquim José Vieira sempre irado, por isso, mais uma vez agiu com todo rigor. Posterior o resultado das duas Comissões de Inquéritos que foram constituídas pelo bispo para averiguação dos fenômenos ordenou que o Padre Cícero negasse os fatos sobre a hóstia, que afirmava ter sangrado. No documento que constitui a Comissão de Inquéritos, o bispo demonstra sua aflição em relação aos fatos ocorridos em Juazeiro.

[...] constando-nos, além disso, que um grande número de romeiros, os quais visitam a capela do Juazeiro a testemunhar aqueles fenômenos, chegam até a dar certo culto àquele sangue, como se fora o verdadeiro sangue de Nosso Divino Redentor, e considerando Nós que com todo cuidado e vigilância devemos procurar o aumento e a conservação de nossa fé católica, somos também obrigados a trabalhar por impedir e até mesmo extinguir tudo quanto ofender possa à sua pureza e santidade, temos resolvido, em cumprimento

*do nosso ofício pastoral e em obediência do que a respeito disso dispõe o S. Concílio Tridentino [...] fazer examinar, como convêm, os referidos fatos.*⁵¹

Um mês depois, em outra carta, o bispo volta a exortar a obediência do padre Cícero quanto à veiculação dos fatos:

*Eu não proíbo, não posso proibir e nem quero que V. Revma. e outras pessoas deixem de narrar o que hão visto, e acho que o devem fazer, mas o que manda o Concílio de Trento é que não se qualifique de milagre, no púlpito, autoritariamente, nem V. Revma., nem qualquer outro sacerdote, podem fazer isto, antes que a Santa Sé examine os fatos; em particular cada um pode crer desde já nos fatos, como miraculosos; a questão é da solenidade do púlpito.*⁵²

Esta carta apresenta trechos significativos a respeito da postura inicial do bispo. Ele não escreve nada que vá contra ao padre Cícero. Nas entrelinhas ele alertava que o padre abandonasse a causa, pois a única pessoa culpada pelo “suposto milagre”, e pelos cultos dados a “urna”⁵³ com panos sujos de sangue, seria quem protagonizou o “milagre”, Maria de Araújo.

Laurentino Ferreira da Costa Ventura e, sendo ahi, fez o mesmo Reverendo Commissario abrir a Caixa que continha diversas manchas de sangue e cinquenta e cinco destes contendo particullas transformadas em sangue de modo tal que assemelhava-se a carne; sendo para notar-se que havia mais um sanguinho contendo as particullas miraculozas de que trata o Doutor Ildefonso em seu ateztado, uma das quaes particulas achava-se convertida em sangue, se bem que se distinguissem nella especie de pão; onze corporais contendo outras particullas transformadas também em sangue e mais dois que apresentavão somente manchas d’agua de sangue; um amicto todo ensanguentado; duas palas também com manchas de sangue; quatro toalhas do mesmo modo também ensanguentadas e dois pedaços de pannos, cortado de duas toalhas, apresentando um uma proção de sangue, outro somente algumas pintas; um véo e uma murça tintas de sangue em grande quantidade, sangue esse que sobre ella Beata foi derramado por occasião da Communhão miraculoza, a ella administrada n’um calice de ouro, como disso se faz menção já no auto de perguntas, já no aditamento a ella feito; uma outra murça com algumas manchas. Deve-se observar que dois ou três dos sanguinhos ensanguentados de que trata-se acima foram os de que se serviram para purificar o sangue derramado na occasião de duas ou três communhões miraculozas a que se referem alguns attestados que correm impressos.⁵⁴

⁵¹ ARQUIVOS DA DIOCESE DE CRATO, documentos que compõem os Inquéritos I e II das duas Comissões. Mantida a ortografia original do documento.

⁵² ARQUIVOS DA DIOCESE DE CRATO, documentos que compõem os Inquéritos I e II das duas Comissões. Mantida a ortografia original do documento.

⁵³ A urna foi um recipiente em que os panos ensanguentados eram guardados. Os panos eram usados para limpa a boca da Beata durante das inúmeras transformações da hóstia. Esta mesma urna era também cultuada pelos fiéis.

⁵⁴ ARQUIVOS DA DIOCESE DE CRATO, documentos que compõem os Inquéritos I e II das duas Comissões. Mantida a ortografia original do documento.

De maneira involuntária ou não, ele concedeu espaço para aumentar a crença no fenômeno incomum, porém de maneira diferente, a fé popular que era depositada em Maria de Araújo e conseqüentemente no padre (que apenas dava a hóstia) foi aos poucos se transferindo apenas para o padre Cícero. Dom Joaquim através dessa sua atitude autoritária abriu espaços para que os eventos tomassem outro rumo e fossem propagados em torno da figura do padre, que só tinha cada vez mais aumentado seu prestígio religioso, social e político.

Diferentemente do que afirma Della Cava (1976), o bispo não foi nada tolerante com o movimento que crescia e se mantinha fora dos padrões estabelecidos pela Igreja. A Igreja pretendia implantar um catolicismo “purificado” e deste modo, mantinha seu esforço constante no combate às crenças populares, com objetivo de apoiar e implantar os costumes romanos. Enquanto isso os acontecimentos de Juazeiro alcançavam grande repercussão na imprensa Católica e secular, com a veiculação de depoimentos de testemunhas tidas como idôneas constatando a veracidade dos fenômenos.

2.5 O padre e Maria de Araújo no meio do conflito

As informações que frequentemente encontramos sobre o Padre Cícero revelam um sacerdote conhecido e admirado nas redondezas. Muitos Padres o procuravam a fim de se confessar. Ele se tornou um modelador de conduta na região, pois já tinha certo carisma mesmo antes do sangramento da hóstia, mas após esse episódio, Maria de Araújo passou a ser fundamental na sua vida e em troca passou a receber sua gratidão, solidariedade e proteção. Ao longo da pesquisa verificamos que ela foi muito importante para a construção e manutenção de seu êxito.

2.5.1 A mulher no centro das atenções: mentirosa e fraudulenta

A história de Juazeiro encontra-se dividida em dois momentos: o antes e depois do surgimento desse fenômeno religioso. Até então, este lugarejo era obscuro, localizado no interior do Ceará, transformou-se em cidade, juntamente com ela nasceu o movimento religioso em confronto com o poder católico, em disputa pelos bens simbólicos “sagrados” da região. Todo este cenário se concretizou com o

“fato extraordinário” que é o ponto crucial para nossa pesquisa. A História de uma Mulher na origem da religiosidade do Juazeiro do Norte no Vale do Cariri.

Mesmo que pela essência do lugar isto seja notável, muitos historiadores consideram o sangramento das hóstias como um fato fundador deste movimento religioso brasileiro que já dura mais de um século. Nesse sentido, faz-se necessário olhar para quem o fez nascer.

No contexto do seu surgimento, assim como depois, essa mulher foi violentamente agredida. Muitos a condenavam, como é o caso do padre Alencar Peixoto, membro da última comissão de Inquérito. Para Souza (2009, p. 69), o padre Alencar descreve Maria de Araújo como uma “alma sobrenatural execrável”. Outros simplesmente a ignoravam, mesmo assim, havia muitos castigos e ameaças impostas aos fiéis e membros da Igreja que desobedecessem as determinações eclesiais. A determinação era a seguinte: todos que acreditassem no “fato” receberiam a excomunhão.

Ser privado(a) de receber a comunhão é a maior “sanção” que um fiel católico poderá receber. Essa foi uma das estratégias encontradas pela Igreja para conduzir a Beata ao caminho do esquecimento. Contudo, o padre Cícero tornou-se o maior símbolo do movimento. O argumento de que somente quando o padre dava a comunhão à Beata a hóstia sangrava não apresenta total fundamento, pois, de acordo com os inquéritos a hóstia sangrava mesmo quando o padre Clycerio, o Monsenhor Monteiro, ministravam a Eucaristia à Beata. Os padres da Comissão, e outros que iam à Juazeiro para ver o milagre também davam a hóstia, o que está explícito em parte do processo.

[...] o Reverendo Clycerio Commissario a celebrar o Santo Sacrificio da Missa, na qual administrou a communhão a Beata Maria de Araújo. Logo que lhe foi dada a communhão, caio a Beata em estado de extazes e um quarto de hora depois a mandado do já nomeado Reverendo Commissario, foi ella despertada do estado extático em que se achava, abrindo bem a bocca e estendendo sobre os lábios a lingua, de modo que poderam todos os circunstantes, especialmente as testemunhas acima nomeadas, observar a hóstia em via de transformação. Ainda para este facto ser mais bem testemunhado mandou o Reverendo Commissario que a Beata, já nomeada, deitasse n'uma salva garnecida com um sanguinho a particula que começava se transformar em sangue; transformação essa que se foi tornando mais completa quando já a particula se achava depositada na salva referida. O sangue que desta vez observava-se era um pouco denegrado, subsistindo, porém algumas parcellas das espécies sacramentais, sendo ainda para notar-se que a lingua da Beata, apenas deitava ella a hóstia sobre a salva, conservava-se, como todos attentamente testemunharão, perfeitamente limpa convencendo-se assim todos de que

*aquelle sangue não era o próprio sangue da Beata. Houve o Reverendo Commissario de dar a segunda vez a Communhão pelo facto de ter sido extrahida a primeira particula e operou-se pela segunda vez, e por modo ainda mais distincto, a transformação da hóstia em sangue que foi então em maior quantidade apresentando uma cor como que de violeta. Ainda para ser bem observada a transformação referida, teve o Reverendo Commissario de, fazendo-a debaixo de obediência, despertar do êxtase em que segunda vez cahira e manda-la abrir a bocca, estender a lingua e finalmente deitar na saliva a particula transformada em sangue e de modo mais completo que da primeira vez.*⁵⁵

A transferência de Maria de Araújo foi aos poucos se configurando, sua imagem e atuação foram aos poucos deixadas de lado. Apagada da história e invisibilizada pelo poder episcopal. Essa invisibilização foi um processo longo e certamente o primeiro passo, foi sua condenação religiosa e social.

O bispo empenhou-se em reunir testemunhos contra Maria de Araújo, dando-lhe nomes de mentirosa e fraudulenta. Exigiu que os padres crentes no milagre se retratassem sob pena de excomunhão, pois como citado anteriormente, essas penas se estendiam para todos os membros ou fieis que falassem sobre o milagre, visitassem os panos ensanguentados, cultuassem pessoalmente (quando ainda viva) em medalhas ou santinhos à Maria de Araújo. Isso só contribuiu para que o povo e a “história” esquecessem quem verdadeiramente protagonizou o movimento religioso. Por que o povo esqueceu Maria de Araújo? Como se deu a sua invisibilidade na História de Juazeiro do Norte, assim como e em todo o cenário social, político e religioso?

O peso da excomunhão para um devoto, um católico, de um modo geral é muito grande. Chega a ser imperdoável, pois sem comunhão não haverá confissão. Acusações como fraudes, embuste, mentira, excomunhão, suspensão dos sacramentos, exclusão do seio da Igreja eram as penas para quem falasse sobre Maria de Araújo. Assim, atitudes como repressão, desvio, silêncio e invisibilização iam se configurando.

2.6 O milagre visível e o embuste forçado

Para os fieis Maria de Araújo fez um milagre, pois segundo os Inquéritos a hóstia sangrou por cerca de quatro anos. Para a Igreja ela foi uma embusteira. Isso ficou evidente após o longo processo em que foi punida, excomungada, proibida

⁵⁵ ARQUIVOS DA DIOCESE DE CRATO. Inquérito I (1891) e II (1892) das duas Comissões. In: Termo de verificação da segunda transformação da hóstia. Mantida a ortografia do documento.

andar nas ruas de Juazeiro e excluída. Os fieis que fossem ao encontro da Beata também seriam suspensos dos sacramentos da Igreja.

Conforme a descrição do escritor Manoel Diniz (1935) ela “era mestiça, cabelos quase crespos que usava cortados baixinho, estatura média, franzina, cabeça pequena, um pouco arredondada, olhos quase negros e suaves na expressão, lábios um pouco grossos, nariz pequeno, faces um pouco salientes, queixo pequeno, pescoço bem proporcionado”. Vestia hábito de Beata, preto, conservando a cabeça coberta e tinha aspecto fisionômico e geral de pessoa simples, dócil e boa. Segundo Padre Azarias Sobreira, que a conheceu, ela “não despertava a atenção a não ser pela simplicidade de manias, boa educação doméstica, fácil inteligência das coisas, apesar de analfabeta” (SOBREIRA,1996, p. 36).

Maria de Araújo passou a ser o centro das atenções no contexto religioso da região. Alguns a defendiam e muitos a condenavam. Vejamos até que ponto vai a maldade humana, o ódio gratuito e a ira que essa mulher provocou para alguns membros da Igreja que se consideravam detentores da verdade.

Outro padre, membro da Comissão, que também a conheceu, Alencar Peixoto (1913), antes amigo de padre Cícero, e depois devido a interesse contrário, passou a ser seu cruel inimigo. No seu depoimento ele descreve com grande ira o retrato de Maria de Araújo. Retratamos, aqui em forma de resumo os relatos que foram escritos um ano antes de sua morte em 1914.

Logo no começo Peixoto (1913), menospreza primeiramente os pais de Maria de Araújo. Ao pai ele o chama de “divezo que andava sempre em temulência”; a mãe, “de cabra de cabelo ulótrico e mastigado, que apanhava com frequência do marido”. Maria de Araújo é apresentada como “um produto do cruzamento de duas raças desprezíveis, dando, portanto, uma hibridez horrível, uma monstruosidade feita mulher”. [...] “ela é de estatura regular, brunduzia, triste, vagarosa, entanguida, essencialmente cachética, porque tem como ascendentes uma série de cachéticos ou tuberculosos. A cabeça que traz sempre descoberta tem a configuração de um corredor de boi, escamado. O cabelo nem é preto nem branco. Os olhos pequenos, e sem um raio sequer de expressão que lhe ilumine o semblante, mexem-se histericamente nas faldas de uma testa estreita e protuberante. O nariz irrompe dentre os olhos, sem base, e levantando-se, pouco a pouco, alarga-se de asas chatas até os ossos molares, achamboirados, entupidos nas gelhentas bochechas

cavas. Os beijos moles e relaxados deixam a descoberto em um dos cantos da cacóstoma boca, à competência com pele de cor de azeitona em estado de putrefação, denegridos, os dentes lanianos”. [...] “é uma alma soberanamente execrável”.⁵⁶

A descrição feita pelo padre Alencar mostra sua indignação contra Maria de Araújo. Ela ameaçava mesmo o poder dos homens que comandavam a Igreja. Além do mais, estava ocupando o espaço público que historicamente jamais tinha sido ocupado por uma mulher no contexto religioso da época. Ainda sobre o padrão de beleza, é evidente que Maria de Araújo, cultuada e considerada santa por muitos fiéis ainda naquela época, não possuía a “formosura” das santas europeias, pois neste contexto os negros ainda eram considerados seres irracionais e instintivos. Descrita desta maneira, ela não seria uma pessoa humana, mas sim um monstro.

De acordo com os depoimentos dos Inquéritos ela perdeu seus pais – primeiro o pai, depois a mãe – por isso passou a morar, ainda menina, na Casa de padre Cícero, onde permaneceu até sua condenação pela Igreja. Depois de punida severamente, Maria de Araújo viveu como lavadeira, engomadeira e doceira, tirando desses trabalhos o seu sustento diário, evitando assim implorar caridade alheia. Mas o Padre Cícero nunca deixou de prestar-lhe ajuda e atenção.

A punição social fez com que muitas pessoas expressassem taxativamente uma aversão a sua pessoa, dentre essas destaca-se o historiador Padre Antônio Gomes. Igualmente o Padre Peixoto declarou que “Maria de Araújo não era Beata coisa nenhuma”. Essa afirmação está em seu livro *Apostolado do Embuste* (1975). O bispo Dom Joaquim empenhou-se intensamente para desqualificá-la, por isso muitas pessoas a contestavam. Sua estratégia era eliminar Maria de Araújo da história excluindo o que ela teria de mais expressivo: o aspecto religioso. Esse aspecto religioso não deveria ser representado por uma mulher que vivia as margens da instituição. Daí sua ocultação na fundação do movimento e o reconhecimento só de padre Cícero.

Semelhante a Maria de Araújo a história de muitas mulheres foi deixada de lado. O desenvolvimento da antropologia, a ênfase dada à família, a afirmação da história das mentalidades mais atenta ao cotidiano, ao privado e ao individual, contribuíram para fazê-las sair dessa penumbra. O movimento das próprias

⁵⁶ Relato da obra de Alencar Peixoto. Ela demonstra sua ira em relação à Beata Maria de Araújo.

mulheres e as interrogações por essas levantadas possibilitou o resgate de muitas histórias por muito tempo silenciadas.

É por meio desta perspectiva que no próximo capítulo, analisaremos o movimento religioso de Juazeiro do Norte em que a figura de uma mulher pobre, negra e beata se fez presente. Que representação social teria uma mulher pobre do sertão nordestino para a Igreja romanizada? Ela estava submetida a estas relações de poder que foram historicamente construídas e mantidas na sociedade. Maria de Araújo foi apenas uma dentre tantas outras mulheres silenciadas, ocultadas e punidas pelo poder dominador.

3. A CONTRIBUIÇÃO DE MARIA DE ARAÚJO PARA OS ESTUDOS DE GÊNERO: UMA ENTRE INÚMERAS MULHERES BRASILEIRAS

A construção do indivíduo na sociedade é marcada por códigos, regras, sentimentos e relações que possibilitam sua identificação enquanto sujeito histórico inserido em um determinado grupo social. Pensar numa historiografia das mulheres é remexer com os conceitos de dominação, submissão, poder e em particular, às questões de gênero. Neste caso exige-se de nós, sob novas perspectivas diferentemente daquela que fomos acostumados, educados e culturalmente condicionados, uma abertura para analisarmos o contexto em que os sujeitos masculino e feminino foram construídos.

Os paradigmas explicativos do sujeito universal, único, padronizado e assexuado, isentam das particularidades de sexo, classe, etnia, idade, cultura, comumente adotada, institucionalizada e legitimada por agências orientadoras de sentido, como a escola, a família a Igreja, deixando lacunas explicativas que nos permitem ir de encontro ao tradicionalismo que na sua essência é androcêntrica.

A religião vivenciada na prática por atores femininos possibilitou apresentar as contradições e distorções que fez-nos clamar novas perspectivas teológicas, sociais e políticas. Neste capítulo, pretendemos fazer uma abordagem a partir da perspectiva do ser mulher, explicitando as contribuições dadas por Maria de Araújo aos estudos de gênero. Para tanto, apropriamo-nos do conceito e categoria de gênero sob uma ótica historiográfica que visibilize a mulher no âmbito teológico, social, político e religioso.

3.1 As mulheres são invisibilizadas nas relações de poder

Durante muito tempo as mulheres foram colocadas à margem, na sombra da História e excluídas do espaço político, social e religioso. Com o desenvolvimento da antropologia, a ênfase dada à família, a afirmação da “História das mentalidades” (PERROT, 1988) focada no cotidiano, no privado e no individual, contribuiu para seu ingresso participativo no âmbito político da sociedade.

As interrogações que se suscitaram com o movimento das mulheres desde o século XVIII, contribuíram na compreensão dos vestígios de suas antepassadas e,

sobretudo na compreensão das raízes da dominação que suportavam nas relações entre os sexos através do espaço e do tempo (DUBY, PERROT, 1995, p. 7).

Um historiografia das mulheres surge a partir de uma percepção sobre as hierarquias científicas, social, políticas e religiosa, responsáveis por atribuir às mulheres um lugar secundário na historiografia, e posteriormente, em consequência de redefinições nessa hierarquia, um lugar menor. A concepção de dominação passou a ser questionada a partir do discurso feminista que vem possibilitando uma notoriedade das mulheres nos espaços ocupados por homens. Assim “o próprio sujeito das mulheres não é mais compreendido em termos estáveis ou permanentes” mas, passíveis de mudanças (BUTLER, 2008, p. 18).⁵⁷

Butler (2008, p.18-19) afirma que os próprios sujeitos são formados, com o resultado de a representação só de entender ao que pode ser reconhecido como sujeito. As noções jurídicas de poder parecem regular a vida política em termos puramente negativos – isto é, por meio de limitação, proibição, regulamentação, controle e mesmo “proteção” dos indivíduos relacionados àquela estrutura política, mediante uma ação contingente e retratável de escolha. Porém, em virtude de a elas estarem condicionados, os sujeitos regulados por tais estruturas são formados, definidos e reproduzidos de acordo com as exigências delas. Se esta análise é correta, a formação jurídica da linguagem e da política que representa as mulheres como “o sujeito” do feminismo é em si mesma uma formação discursiva e efeito de uma dada versão da política representacional.

Os sujeitos jurídicos são invariavelmente produzidos por via de práticas de exclusão que não “aparecem”, uma vez estabelecida a estrutura jurídica da política. Em outras palavras, a construção política do sujeito procede vinculada a certos “objetivos de legitimação e de exclusão, e essas operações políticas são efetivamente ocultas e naturalizadas por uma análise política que toma as estruturas jurídicas como seu fundamento” (BUTLER, 2008, p. 19) .

PERROT (1998) classifica as mulheres, juntamente com os operários e prisioneiros, como excluídos da história. Para ela o “ofício do historiador” é de homens que escrevem a história no masculino e os campos abordados são os da ação desse poder, mesmo quando anexam novos territórios. Economicamente a

⁵⁷ Butler propõem a noção de sujeito, que busca estender visibilidade e legitimidade às mulheres como sujeitos políticos. O sujeito do feminismo, é produzido e reprimido pelas mesmas estruturas de poder por intermédio das quais busca-se a emancipação (2008, p.18-19).

história ignora a mulher improdutiva, socialmente privilegia as classes e discrimina os sexos, cultural ou mentalmente, fala do homem em geral, tão assexuado quanto à humanidade (PERROT, 1998, p. 185).

A análise perrotiana é feita a partir da chamada “História Nova”, por isso preferimos outra abordagem que vai além de sua proposta, visibilizando e dando voz àquelas que foram marginalizadas. Proporcionamos uma historiografia específica que nos permite analisar as questões de gênero, as relações de poder e os motivos pelos quais as mulheres foram durante alguns séculos severamente silenciadas, subjugadas e excluídas dos debates. Exceto quando incomodavam os instrumentos de controle sociais ou ocupavam um espaço que conduzia a figura masculina ao destaque.

Um desses instrumentos de dominação ao longo de toda história tem certamente, a contribuição da religião cristã. Em conjugação com atributos simbólicos, adicionava outra esfera social que legitimava a dominação.

Sob a compreensão de Bourdieu (2007), a dominação é exercida pelo sexo masculino e está ancorada no imaginário coletivo de tal forma que não é percebida, pois faz parte de uma estrutura subjetiva, em que a organização social se estruturaliza através de princípios androcêntricos. Inscritas nas coisas, a ordem masculina se inscreve também nos corpos através de injunções tácitas, implícitas nas rotinas da divisão do trabalho ou dos rituais coletivos ou privados (basta lembrar, por exemplo, as condutas de marginalização impostas às mulheres com sua exclusão dos lugares masculinos). “As regularidades da ordem física e da ordem social impõem e inculcam as medidas que excluem as mulheres das tarefas mais nobres (conduzir a charrua, por exemplo), assinalando lhes lugares inferiores” (BOURDIEU, 2007, p.34).

O Estado, apto a aplicar sanções. Mesmo assim, a historiografia feminista iniciou neste espaço dominado pela figura masculina e emergiu como uma possibilidade emancipadora e ao longo do tempo, denunciando as contradições e as relações de poder, não apenas na religião, mas em outras esferas da sociedade civil.

Para entender as relações de poder e dominação existentes na estrutura da religião cristã, especificamente a denominação católica, tomamos com base a discussão dos tipos de dominação descritos por Max Weber (2000). É a partir de perspectiva de gênero que devemos analisar as funções e as relações entre os

homens e mulheres, pois o conceito de dominação weberiana é rigorosamente aprofundado quando anexamos a categoria gênero. A dominação acontece através de uma relação dinâmica entre poder, interesse e vantagens por parte daqueles que obedecem a um simples costume ou tradição de um comportamento antigo, enraizado fortemente pelo tempo, ou ainda a partir do puro afeto pessoal do súdito. A dominação pautada nesses fundamentos não seria possivelmente estável (WEBER, 2000).

No universo religioso encontramos frequentemente relações de poder quando a referência é o sujeito religioso. A religião desempenha um papel de destaque na vida dos sujeitos e as instituições por sua vez, através da dominação exercida pela tradição ou pelo costume, exerce um poder regulador. As estruturas sociais e religiosas se legitimam muitas vezes pela “dominação tradicional” acentuando assim a necessidade de discutir a categoria gênero no contexto da religião.

Para Bourdieu (2007), a dominação é exercida pelo sexo masculino e está ancorada no imaginário coletivo de tal forma que não é percebida, pois faz parte de uma estrutura subjetiva, em que a organização social se estruturaliza através de princípios androcêntricos.

Inscritas nas coisas, a ordem masculina se inscreve também nos corpos através de injunções tácitas, implícitas nas rotinas da divisão do trabalho ou dos rituais coletivos ou privados (basta lembrar, por exemplo, as condutas de marginalização impostas às mulheres com sua exclusão dos lugares masculinos). As regularidades da ordem física e da ordem social impõem e inculcam as medidas que excluem as mulheres das tarefas mais nobres (conduzir a charrua, por exemplo), assinalando lhes lugares inferiores (BOURDIEU, 2007, p. 34)

Os rituais de conduta definidos por Bourdieu, que moldam os hábitos de cada sexo, são fundamentais para a compreensão da ação eclesial da Igreja Católica diante do fato que envolve a Beata Maria de Araújo. Se a dominação é masculina, o espaço de atuação da mulher deve ser sempre delimitado. Ultrapassar este limite significa dizer que ela transgrediu uma regra costumeira, portanto, deverá sofrer sanção imposta pelo poder existente e absorvido pelo representante da Igreja, que existe para garantir o cumprimento das normas.

Estas crenças eram universalmente aceitas: infidelidade e inferioridade insuperável do gênero feminino, pois as mulheres seriam as filhas e herdeiras de Eva, a fonte do pecado original e um instrumento da maldade. Fica evidente que

esse imaginário religioso se fez presente também em Juazeiro do Norte no período em que Maria de Araújo era o símbolo da religiosidade local. Certamente esse seu poder velado justificava porque foi penalizada pela Igreja Católica.

Analisar a religiosidade de Juazeiro do Norte sobre esta ótica torna-se fundamental para entender o processo de construção do espaço da mulher e do homem no âmbito católico naquele espaço e período. Os estudos de gênero contribuem não só para analisar as tensões ocorridas naquela localidade, mas também para verificar como as relações de poder estão presentes nos documentos que relatam os processos eclesiais instaurados para averiguar a questão religiosa de Juazeiro.

Uma historiografia das mulheres é fundamental nesta análise, legitimada em um discurso subjetivo que inviabiliza apenas um sexo. “Os perfis masculinos e femininos que aparecem neste discurso são móveis, cambiantes, relacionais e não são definidos pela natureza. Ser masculino e ser feminino são aprendizados históricos” (MATOS, 2001, p.10).

O estudo de gênero considera que o ser homem e o ser mulher são construídos socialmente e não biológica nem sobrenaturalmente determinados. A questão básica que se depreende dessa consideração é “como se faz essa construção e com ela influencia outros itens da agenda cultural” (CHOMORRO, 2002, p. 30). Há uma existência social de poder e dominação bem definida, nela as funções são distribuídas de acordo com o sexo. O mecanismo de dominação no âmbito religioso opera não apenas pelos costumes e pela tradição, mas também com regras estabelecidas por um estudo direcionado a que deverá obedecer.

3.2 Nas relações de poder: o gênero fala

A historiografia feminista deve ser uma ferramenta indispensável para obtermos outra visão sobre sistemas opressores nos quais as mulheres estão inseridas e condicionadas. Muitas delas, independentemente da classe social, idade, etnia, já estão envolvidas neste exercício de reflexão social, tomando portanto, como ponto de partida sua própria condição, situação e consciência como mulher, a partir de experiências peculiares da relação com o espaço social, político e principalmente religioso.

Nesta perspectiva, manifestam-se alguns desejos como: dialogar, trocar ideias, experiências, discutir e compreender melhor os valores, crenças e tradições que marcam sua forma de viver e pensar o espaço social. Neste contexto, a categoria gênero, a relação entre homem e mulher, é pensando para possibilitar a construção de uma sociedade menos desigual. Esta metodologia abre uma reflexão sobre como se constitui o “ser” homem e mulher e seus papéis dentro da sociedade.

Na Igreja primitiva, as relações de poder eram nítidas no cotidiano dos indivíduos, mas nos tempos atuais as mesmas relações encontram-se mais complexas e as questões étnicas e sociais devem ser levadas em conta.

Através das ideias expressamos o que pensamos e como observamos o mundo, mas a capacidade de expressá-las em forma de linguagem nos possibilita comunicar sobre o que entendemos sobre nosso meio e grupo social. Para isso é necessário compreendermos como o espaço social se constrói através de alguns conceitos importantes como androcentrismo, patriarcalismo e gênero.

A civilização mundial foi construída através do pensamento ocidental, entretanto a leitura desse universo, em especial a cosmovisão cristã, é marcada pelo androcentrismo. Entende-se androcentrismo como uma leitura de realidade em que o homem é o centro e a medida de todas as coisas. O enfoque exclusivo de um estudo, análise ou investigação na perspectiva masculina unicamente, e utilização posterior dos resultados como válidos para a generalidade dos indivíduos homens e mulheres.

Sobre o patriarcalismo destacamos o sistema de organização social, política, econômica, industrial, financeira e religiosa, em que a maioria dos postos na hierarquia está ocupada por homens. Uma construção de relações sociais hierárquicas entre os homens que permite dominar as mulheres. Segundo Schüssler Fiorenza (1992), é um sistema político-cultural-social de submissões e dominações graduadas. Não obstante, o sexíssimo, racismo e imperialismo militares, são as raízes e os pilares da sustentação do patriarcado.

A categoria gênero (SCOTT,1995), inclui especialmente duas dimensões interligadas. A primeira afirma que a realidade biológica do ser humano não é suficiente para explicar o comportamento diferenciado do masculino e do feminino em sociedade, por isso o conceito em gênero é introduzido para afirmar algo mais amplo que o sexo. “O gênero é um produto social aprendido, representado, institucionalizado e transmitido de geração em geração. Num sentido preciso, tornar-

se homem ou mulher depende de certas construções culturais e sociais” (SCOTT, 1995, p. 71) .

O poder, portanto, é distribuído de modo desigual entre os sexos: as mulheres ocupam em geral posições subalternas na organização mais ampla da vida social e também na organização do espaço religioso, portanto falar sobre gênero é falar das relações de poder relacionadas ao saber, ao controle da linguagem e do corpo, mas é imperioso que se analise o poder também como relação numa cultura religiosa.

As mulheres ainda são privadas de controle e poder, não por nenhum homem em particular ou grupo de homens, mas sim por toda a estrutura da sociedade (salários menores, dupla jornada de trabalho, o efeito da socialização sobre as meninas e as mulheres: a relativa falta de poder na política tradicional). Para esta análise, devemos também considerar os estereótipos mentais que homens e mulheres trazem dentro de si. Conforme Butler (2008), somos, e agimos como tal, não apenas porque temos consciência de nossa existência, simplesmente, como se a nossa personalidade fosse uma conquista nossa. Somos o que somos porque um “outro”, fora de nós, diz o que devemos ser.

A sociedade molda o ser mulher e o ser homem. As mulheres são socializadas ao interior, ao fechado e ao privado. A sociedade espera do feminino o ser mãe, o cuidar, o maternal, a dependência do pai, do irmão, do marido, dos filhos, o ser companheira do homem, a pureza e a docilidade. O homem é socializado ao exterior, ao aberto e ao público. A sociedade espera dele a virilidade, a racionalidade, a força, o controle, o enaltecimento do seu trabalho, sua profissão, a produção, sucessos, aventuras, conquistas, o ser provedor da vida e do destino da família, além do controle de suas emoções, tidas como sinônimo de fragilidade. Trata-se de uma masculinidade hegemônica, em oposição à feminilidade.

A mediação de gênero nos leva a uma crítica do universalismo das ciências humanas. Na tradição da Igreja a presença dos Padres é salientada e reafirmada a partir do prestígio do sexo. Schüssler Fiorenza (1992), chama atenção para uma hermenêutica da suspeita, um exercício que confronta interpretações conservadoras, desconstrói paradigmas androcêntricos e patriarcais dos textos bíblicos e os reconstrói com referenciais libertadores. Devemos perguntar pela ideologia que envolve o texto, os protótipos e estereótipos, perguntar pelo tipo de sociedade, pelas relações de poder entre homens e mulheres, das mulheres entre si, dos homens entre si. A hermenêutica da suspeita intui a possibilidade de uma

imaginação criativa como uma regra metodológica fundamental no processo interpretativo.

A concepção das relações sociais de gênero apresenta-se como um novo paradigma, capaz de não simplesmente visibilizar mulheres e/ou grupos oprimidos, mas direcionar as descobertas sobre a estruturação das opressões e dos jogos de poder que organizam discursos normativos e estabelecem controles sociais. Neste sentido há uma indagação pelas relações de poder presentes nas estruturas sociais, pelo exercício de poder de cada pessoa e sob que base estrutural social, religiosa, cultural e econômica ela se comporta, assumindo determinados papéis. A indagação pelo *status* do poder deve observar as categorias de classe, gênero, etnia, geração, e com isto confrontar o paradigma biológico de interpretação das relações e suas consequências para cada indivíduo.

A mulher ao longo da história aprendeu em silêncio com toda sujeição. Conforme declarou o Apóstolo Paulo, não era permitido, porém, que a mulher ensinasse ou usasse de autoridade sobre o marido, mas que ficasse em silêncio, porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E Adão não foi enganado, mas a mulher sim, o que a fez cair em transgressão. Somente seria salva dando luz a filhos, se permanecesse com a modéstia do saber, na fé, no amor e na santificação. Neste contexto o controle dos corpos aparece como parte constitutiva do exercício do poder, bem como de sua produção.

3.3 Mulher religiosa, corpo e poder

Falar do corpo na perspectiva feminista é falar dos corpos de mulheres na história e em seu cotidiano, de corpos subordinados, manipulados, mas também incorporados em movimentos de subversão e transformação. Foucault (1979), representa uma contribuição significativa a partir e por meio da analítica do poder. É fundamental compreender o poder como algo que não é singular e único, mas como uma rede que circula por toda a sociedade. Segundo Foucault, o poder está em toda parte porque provém de todos os lugares, deve ser compreendido como a multiplicidade de correlações de forças.

No processo interpretativo, juntamente com a pergunta sobre como o poder é exercido, é necessário perguntar: que experiências e que resistências o discurso está tentando invisibilizar e quais ele está propondo normatizar? Isto ajuda a

descobrir a história das resistências, o exercício das resistências concomitante a prática do poder normativo e que também são distribuídas dentro de um conjunto de redes sociais.

Uma das formas de retirar o poder de alguém é retirar deste a palavra. O poder político apodera-se das palavras, e as palavras e o silêncio são uma parte da substância a que recorre o poder. Na história da humanidade, uma das formas mais cruéis de opressão contra as mulheres foi a imposição do silêncio: histórias e vidas de mulheres foram silenciosas e silenciadas, silenciados também foram gritos de socorro. O que reflete nos textos, pelos textos e seus intérpretes, por fogos, facas, lâminas e guilhotinas, para fazer calar a fala das mulheres e aprisionar seus corpos.

Um conhecimento que despreza a contribuição das mulheres não é apenas limitado e parcial, mas que mantém um caráter de exclusão. É um conhecimento que reduz o outro a si mesmo, que nem se quer coloca a questão da contribuição dos diferentes. O patriarcalismo está interiorizado nas práticas sociais, nas formas de posicionamento e de relacionamento uns com os outros. Daí a importância de novas práticas.

Precisamos explorar os aspectos das relações sociais que são suprimidas, desarticuladas ou negadas dentro de perspectivas dominantes, masculinizadas. É necessário reescrever as histórias de mulheres bem como suas atividades nos relatos e narrativas que as culturas contaram. Aqui, enfatizamos uma mulher com a história negada, cujo prestígio foi apagado até entrar no esquecimento. A Beata Maria de Araújo foi uma destas inúmeras mulheres que necessitam de uma historiografia recontada para ser visibilizada, pois foi julgada e apagada da História de tal forma que não se conhece a Beata na mesma proporção em que conhecemos o padre Cicero .

3.4 Gênero, religião, simbolismo e representações sociais

Para mergulharmos no universo simbólico das representações sociais⁵⁸ devemos primeiramente entender a história nas entrelinhas, a partir de uma maneira

⁵⁸ Utilizamos o conceito de representação social e imaginário a partir da perspectiva de Jacque Le Goff (1994). Para o autor, o imaginário é uma dimensão da História. Trata-se de uma questão naturalmente fluida, que tende a ser confundido com outros domínios, como o de representação. O imaginário diz respeito à arte, à invenção, à criação, e é diferente da representação, posto que esta é uma tradução mental de uma realidade exterior percebida, configurando como um processo de

particular para que possamos compreender o imaginário, as representações sociais e as relações de gênero. Só assim teremos uma nova maneira de fazer história, considerando o cotidiano e o imaginário popular à participação de quem mesmo excluído encontra-se inserido.

Como resultado dessa nova análise cultural, cientistas sociais abandonaram os esquemas teóricos generalizantes para se concentrar sobre os valores de grupo particulares, em locais e períodos específicos. Nesse contexto surgiram os trabalhos sobre gênero, minorias étnicas e religiosas. Percorrendo o universo simbólico da sociedade podemos entender a história a partir do imaginário social e das mentalidades que se constrói no cotidiano. O interesse histórico passa a ser tanto pelo individual como pelo coletivo, tanto pelo geral, como pelo marginal, tanto por uma história da cultura material, como por uma história espiritual.

O imaginário é um vocábulo fundamental que corresponde ao subjetivo. Composto de imagens mentais é definido a partir de óticas diferentes, e em alguns momentos conflitantes. É no psíquico humano a própria experiência da abertura e experiência da novidade. Le Goff (1994) pondera que o imaginário está no campo das representações, mas como uma tradução não reprodutora e sim criadora, poética. É parte da representação, que não é só intelectual.

O imaginário é uma instância daquilo que vivenciamos, ela e está dentro das mentalidades (LE GOFF, 1994). No entanto, a religião ou a religiosidade de um determinado grupo ou determinada sociedade, também é um produto de mentalidades, pois é uma representação, tradução mental percebida através dos costumes e das práticas. Mesmo pertencendo ao campo das representações ocupa nele parte da tradução reprodutora.

A religião é um produto coletivo e poderá ser transmitida através da tradição de uma geração para outra e para a civilização distinta através do contato, do diálogo ou da dominação. Ela circula o mundo diacrônico das categorias sociais e humanas, pois é um fenômeno que parte também da experiência coletiva social e histórica. Não está separada do imaginário ou da imagem e é portadora de um sentido cativo da significância imaginária, constituindo um signo intrinsecamente motivado, ou seja, um símbolo. O simbolismo é cronológica e ontologicamente

abstração. Contudo, imaginário faz parte do campo da representação, mas ocupa a parte da tradução não reprodutora, não simplesmente transposta em imagem no espírito, mas criativa, poética no sentido etimológico.

anterior a qualquer significância “visível”, a sua estruturação está na raiz de qualquer pensamento ou forma de religiosidade.

O simbolismo exerce não apenas um papel matriarcal que o situa na origem de toda a linguagem, mas ele intervém também como elemento mediador em todas as relações que o homem entretém com o mundo que o cerca e com o outro, como naquelas relações que ele estabelece com o divino. Com efeito, toda comunicação de uma experiência religiosa – seja ela de uma comunidade ou de uma união mística – só pode se basear na linguagem. Mesmo no caso de religiões que se afirmam como reveladas, a revelação divina é feita pelo homem e formulada em sua linguagem. Ela é condicionada por sua necessária apreensão, por uma consciência humana (MESLIN, 1992, p. 167)

A religião é conjunto de relações culturais a partir da experiência individual ou coletiva.

A sociedade constrói a sua ordem simbólica, que se por um lado não é o que se convencionou chamar real (mas sim uma sua representação), por outro lado é também outra forma de existência da realidade histórica. Embora seja de natureza distinta daquilo que por hábito chamamos de real é por seu turno um sistema de ideias – imagens que dão significado à realidade, participando assim de sua existência. Logo, o real é ao mesmo tempo, concretude e representação (PESAVENTO, 1995, p. 16).

Para Durand (1997) o imaginário é um conjunto de imagens e de relações que constituem o capital pensante do homo sapiens. A religião é uma das propriedades humana e a capacidade de representar a si próprio e a sua vida ao mundo. No entanto, é um campo privilegiado do imaginário de uma sociedade.

A ação das mulheres no cotidiano da sociedade é um fato inegável. Porém, como na sociedade civil, a mulher herdou o estereótipo de ser destinado unicamente à procriação e aos trabalhos domésticos, fato que por muitas vezes impossibilitava as faze-lhes “sujeito” da sua própria. Ocorrendo nas mais variadas escalas da sociedade, porém, a religião cristã desempenhou um papel fundamental, tanto dominador quanto libertador.

Ao reconhecer as mulheres como parte da história do cristianismo, questionando por que elas não são aceitas como ministras do Evangelho Cristão, não se pode mais conceber que em pleno século XXI elas continuem anônimas, e sua atuação continue restrita a um papel de submissas e criadoras do lar. Neste sentido, fazer uma abordagem da ação progressiva das mulheres sob uma perspectiva de gênero, torna possível sua invisibilidade.

Os estudos de gênero têm contribuído de maneira significativa para a introdução de novas abordagens da realidade em todos os campos do

conhecimento. Os estudos de religião também têm sido influenciados por essa perspectiva de análise. A inclusão do estudo de gênero nas pesquisas sobre as religiões vem construindo uma importante área de reflexão.

Existe uma tendência nos meios acadêmicos a restringir o uso da categoria gênero à investigação dos papéis desempenhados por homens e mulheres na sociedade. A conexão entre questões de gênero, feminismo e os conteúdos da ciência, entretanto, devem ultrapassar tais limites. Faz-se necessária a abertura de novas frentes de investigações que permitam problematizar as implicações presentes na sociedade contemporânea que promovam uma igualdade plena entre os seres sociais.

Percorrendo a linha do tempo, num passado mais remoto, quando o sistema de dominação do masculino sobre o feminino era uma realidade na sociedade patriarcal, hoje é certamente um dado histórico, desta forma é inegável a existência de um considerável volume de textos e análises críticas que versam sobre o conceito de gênero.

Acostados a uma perspectiva histórica, quando da utilização do conceito de gênero, trazendo sua enorme carga semântica, esse termo tem circulado nas ciências sociais, nos discursos feministas e sempre numa acepção específica e com uma intencionalidade explicativa para descrever o conjunto de condutas atribuídas aos homens e às mulheres, o que vem corroborar com as reflexões das últimas décadas, coincidindo com as várias preocupações conceituais, temáticas e metodológicas atuais. Abrem-se, assim, novas possibilidades teórico-metodológicas de abordagem das questões culturais de modo geral e, em particular, dos discursos e práticas religiosas, que possibilita uma nova abordagem: distante do sexíssimo, do racismo, da dominação e bem mais próximo a igualdade de fato e de direito.

4. A BEATA E O PADRE: O “AGRAVO” EM CONSTRUIR UMA MEMÓRIA RELIGIOSA

No capítulo anterior, enfatizamos que a ação das mulheres na história tem contribuído significativamente para o seu processo de desocultamento. No decorrer da construção da sociedade moderna intrinsecamente desigual e opressora, desocultar o trabalho de mulheres em muitas das invenções que fazem o nosso dia-a-dia é também contribuir para sua visibilização no campo político, social e religioso. A compreensão do pensamento binário presente na lógica do “masculino” versus o “feminino” é fundamental para entendermos as relações sociais e econômicas e, enquanto não compreendermos isto será impossível sairmos do círculo infinito de violência e exclusão.

Neste capítulo propomo-nos refletir sobre o agravo que Maria de Araújo traria para a Igreja de Juazeiro do Norte e verificar a atenção dos representantes da Igreja Católica sobre a possibilidade de se constituir uma memória religiosa em seu entorno. Para a Igreja Católica em Juazeiro, a Beata poderia construir uma memória que representaria um perigo, considerando o contexto histórico da época.

Certamente a tentativa de ocultação histórica da memória religiosa de Maria de Araújo foi realizada pelo bispo Dom Joaquim. Ainda que as autoridades eclesásticas da Igreja Católica condenassem o presumível milagre, a boa reputação do padre Cícero com as elites do Cariri fez com que a classe dominante mantivesse o apoio econômico e político necessário para sua permanência nas terras do Vale do Cariri, retrato do que ocorria no Brasil naquela época, onde o clero foi um dos seguimentos mais importante das elites, notadamente enquanto a nação permanece oficialmente ligada a Religião Católica (FARIAS, 1994, p. 135). Deste modo, é possível compreender o desaparecimento da Beata no contexto político e religioso em que a ação do Padre Cícero, atravessava uma aguda fase de conflitos com a Igreja Católica que o perseguia por termer a perda do domínio da instituição sobre a grande massa de devotos, fieis seguidores do padre, cada vez mais atraídos por sua fama de milagreiro e benfeitor social.

Maria de Araújo, uma mulher pobre, negra e analfabeta, conforme relatos dos Inquéritos desafia a cúpula eclesástica da Igreja do Ceará no século XIX, cria conflitos e disputas no âmbito da hierarquia eclesástica. É considerada uma figura perigosa perante o poder da Igreja.

A análise do papel desta mulher, os significados de suas memórias, suas falas, seus silêncios, e dos elementos que compõem sua personalidade, o contexto em que viveu, sua relação com padre Cícero, com outros padres e beatas da época e com sua família nos revelam o profundo sentido de sua história e do seu sangue derramado no chão sagrado de Juazeiro.

Sabendo que sua figura causou e, ainda, causa turbulência para a Igreja propomos uma compreensão de sua atuação na religiosidade de Juazeiro do Norte sob a mística popular, de acordo com algumas variantes: sabedoria, presença sentida, transformação espiritual e compromisso social.

Entender Maria de Araújo sob este aspecto torna-a ainda mais presente e atuante no seu tempo, capaz pelo trabalho da memória, fazer com que tomemos consciência da sua existência e de sua presença na história. E, talvez assim, como mística, num certo sentido, seja menos perigoso “mergulhar na história” e recuperar a sua presença no meio da religiosidade de Juazeiro. Por que será que certos membros da Igreja elevaram os místicos e as místicas às “honras” do céu, tirando-os da terra?



Foto 6. Imagem de cera do Padre Cícero e da Beata Maria de Araújo na Capela do Horto – Juazeiro do Norte – CE.⁵⁹

4.1 A memória sobre Maria de Araújo e seu papel político

⁵⁹ Arquivo pessoal do autor.

Segundo Miriam Moreira Leite (1984), a mulher raramente é registrada na documentação oficial, a não ser quando perturba a ordem estabelecida, quando desempenha papéis que a sociedade não lhe atribuiu, ou se exacerbou no cumprimento do papel feminino. Maria de Araújo foi registrada na documentação oficial porque perturbou a ordem estabelecida. Pelos inquéritos levados a efeito pela Igreja do Ceará em 1891, dois anos após o início dos episódios de sangramento da hóstia consagrada, por ocasião das comunhões dadas a ela, Dom Joaquim José Vieira, bispo do Ceará, enviou para Juazeiro do Norte dois teólogos da Diocese – padre Costa Lobo e Padre Antero – para que verificassem o que se passava na capela de Nossa Senhora das Dores, pois os fatos estavam transformando a religião oficial do Nordeste.

Este documento, certamente o único na história da Igreja Católica brasileira, com o objetivo de constatar e analisar um fenômeno extraordinário, sobrenatural, com aparência de milagre, registrou os acontecimentos testemunhados pelos principais envolvidos com os fenômenos. Foram coletados os testemunhos de homens e mulheres confiáveis (essa era a exigência do bispo), testemunhas oculares do fato, atestados médicos e também os longos depoimentos de Maria de Araújo.

Com os inquéritos I e II por outros documentos, como as cartas trocadas entre o bispo do Ceará, padres e bispos do Brasil e exterior, bem como as consultas feitas a teólogos e bispos do Brasil e do exterior por José Marrocos, pode-se delinear um perfil da Beata Maria de Araújo e do perigo que ela representava para a Igreja e para a sociedade da época.

Os membros da Igreja temiam a Maria de Araújo, o padre Cícero ao contrário, considerava-a sua “espada forte”⁶⁰ e não teve dúvidas ao atuar em sua defesa por diversas ocasiões perante o bispo do Ceará e perante o Santo Ofício, em Roma. Mas afinal, o que fez Maria de Araújo de tão grave? Por que ela representava um perigo? Por que sua memória poderia e pode representar um perigo à instituição?

Vivemos numa sociedade em que o poder, seja ele civil ou eclesiástico, sempre está nas mãos dos homens. Uma sociedade androcêntrica. Com o aumento do movimento de emancipação feminina houve avanços, porém ainda falta muito para que a figura da mulher seja enquadrada na categoria igualitária em relação aos

⁶⁰ ARQUIVOS DA DIOCESE DE CRATO: Inquéritos I (1891) e II (1892) das duas Comissões.

homens. Portanto, em meados dos séculos XIX e XX, o tratamento dado às mulheres era extremamente perverso, autoritário, desigual e discriminatório. Elas não tinham voz e nem vez, a não ser na “esfera do cotidiano e do privado”, em contraposição à “esfera do político e do público”, lugar próprio para os homens atuarem e único lugar onde, supostamente, se faz história e se constrói o saber. Segundo Nunes (2000), na Igreja a constituição do saber, como espaço masculino por excelência, articula-se pela exclusão feminina do poder na sociedade e nas Igrejas.

Perrot (1988), nos ajuda também a entender o lugar da mulher no século XIX, na Europa em que a cultura da elite acentua a racionalidade harmoniosa da divisão sexual. Cada sexo tem sua função, seus papéis, suas tarefas, seus espaços, seu lugar quase pré-determinado. Ao homem a madeira e os metais. A mulher a família e os tecidos. Não foi muito diferente no Brasil, no Ceará isso fica evidente no fim do século XIX ao observarmos o contexto histórico em que se floresceu o movimento religioso de Juazeiro do Norte. À Maria de Araújo estava, portanto reservado um lugar na família, na cozinha, nas costuras e, se fosse para a Igreja, na limpeza do templo e, durante as funções religiosas, talvez sentada no banco, apenas ouvindo o que os homens detentores da palavra tinham a dizer.

Maria de Araújo não ficou parada, ela atuou politicamente. Ao assumir seu papel de mulher fez de Juazeiro “um lugar de conversão e salvação para as almas”⁶¹ subverteu a ordem vigente. Ela explorou a inconsistência e a incoerência do sistema religioso, social e político e, encontrando aí uma brecha pode se expressar.

Como “santa popular” para os romeiros daquela época, como “mística” para quem simpatizava com a beata, pertencente à tradição de padre Ibiapina, como representante da religiosidade do povo, com coragem e com firmeza superou a divisão sexual do feminino e do masculino. Nesse sentido politizou o privado, dando a si mesma e ao povo a autoridade de instrumento da fala. Ao manifestar-se pelo sangramento da hóstia, “apropriou-se dos bens simbólicos da salvação, até então apenas nas mãos do clero, privatizou-os, colocando-os ao alcance das mãos dos devotos. Deslocou o lugar do poder, trazendo-o para o cotidiano” FORTI,1999, p. 90).

⁶¹ ARQUIVOS DA DIOCESE DE CRATO, documentos que compõem os Inquéritos I e II das duas Comissões.

O papel político desempenhado por essa mulher reinventou a geografia, a economia e a sociedade do sertão cearense, fixando para sempre no mapa do Brasil, o “lugar sagrado” que é Juazeiro do Norte. Nesse sentido, redesenhou o lugar da manifestação da religião Católica no Nordeste brasileiro, pois até os dias de hoje, milhões de pessoas procuram Juazeiro como o “lugar de conversão e de salvação para as almas” (FORTI, 1999, p. 114).

A memória religiosa da Beata Maria de Araújo representava um perigo em dois sentidos, pelo questionamento e deslocamento do lugar do poder. A despeito de longos anos de repressão, de proibição, de desqualificação, hoje a Igreja assume o seu lugar de evangelização no meio dos romeiros e romeiras, porque eles – os romeiros e as romeiras – permaneceram fieis, resistentes, firmes, teimosos, acreditando no milagre e mostrando o lugar do “sagrado”.

Em uma época – no discurso de abertura do III Simpósio Internacional “Padre Cícero: e... quem é ele?”⁶², em 2004 – Dom Fernando Pânico, bispo da Diocese de Crato à qual pertence Juazeiro do Norte, dizia:

*Como bispo tenho que dizer, hoje, que, se não fossem os romeiros e romeiras [...] a fé do romeiro, Padre Cícero talvez não tivesse passado de um modismo [...] Se não fosse Padre Cícero, eu não me identificaria com os dois milhões de romeiros que vêm aqui a Juazeiro todos os anos em número sempre maior, interpelando-me, a mim Pastor desta Igreja que os acolhe, para que seja, com eles, um bispo romeiro que também vem a Juazeiro do Padre Cícero para que alimente minha fé com a fé e a esperança deste povo.*⁶³

Ao longo da história, provavelmente por um mecanismo de resistência dos romeiros, fruto de uma herança arquetípica que exclui a mulher do lugar de poder dentro das Igrejas, especialmente quando há conflitos, toda devoção passou a padre Cícero. Um padre, homem e membro do clero, mas ele também ficou excomungado pela Igreja Católica Apostólica Romana por mais de cem anos. Será que isso também contribuiu para a sobrevivência do lugar sagrado assim como é hoje?

4.2. A identidade e a memória da Beata Maria de Araújo

⁶² No seminário estadual de Ciências da religião realizado na cidade de Fortaleza em setembro de 2008, cuja temática proposta foi “Milagre, martírio da tradição religiosa de Juazeiro do Norte”, a pesquisadora Maria do Carmo Pagan Forti - a qual fazemos referência, por considerarmos uma das maiores pesquisadoras sobre o fenômeno de Juazeiro, principalmente em sua obra “*Maria do Juazeiro, a Beata do milagre*” - deu destaque especial a Beata Maria de Araújo e o fenômeno da hóstia. Forti foi também fundamental na recuperação da função histórica da Beata que segundo ela é quem fez o milagre.

⁶³ DOCUMENTOS DO INSTITUTO JOSÉ MARROCOS, Juazeiro do Norte – CE. 2004.

O que fala a Beata de sua vida na Igreja e em casa? O que tem ela para nos contar sobre sua visão de mundo? Qual a imagem que ela tem de si mesma? Como foi a sua história de vida? Como era seu relacionamento com a família, com Padre Cícero e com as outras Beatas? O que a fez escolher esse modo de vida – consagrar-se à Igreja e não ser igual a tantas outras mulheres que escolhiam casar-se e ter filhos – sendo esta praticamente a única possibilidade de relativa emancipação social da mulher naquele período histórico?

O que se observa nos documentos, seja nos Inquéritos, nas cartas do padre Cícero, do Monsenhor Monteiro e de outros padres, Maria de Araújo sempre demonstrou um desejo muito grande de “servir a Deus”. Ela própria, em seu depoimento conta que depois de ter recebido a primeira eucaristia “celebrou um consórcio espiritual”⁶⁴ com Jesus Cristo, que exigia que se consagrasse a Ele de um modo ainda mais íntimo, e lhe anunciava que “daí em diante teria mais que sofrer por Seu amor”⁶⁵. Padre Cícero também nos ajuda a perceber esse traço de sua personalidade. Na “Exposição circunstanciada”, diz:

*Notando eu então as melhores disposições daquela menina para a vida interior, aconselhei-a a se consagrar a Nosso Senhor, o que Ella executou do modo mais íntimo e perfeito, considerando-se desde aquella data como uma verdadeira esposa de Jesus Christo.*⁶⁶

Maria de Araújo contou em depoimento que desde criança, “brincava com o Menino Deus” e que as visões e comunicações que tinha com Nossa Senhora e com Jesus Cristo, que lhe davam direções espirituais, melhoravam sua inteligência, permitiam-lhe maior conhecimento dos mistérios divinos e maior disposição para amar a Deus e servi-lo. Além disso, essas comunicações a tornavam mais inteligente e visavam a prepará-la para as revelações como a de que “Jesus pretendia fazer do Juazeiro uma porta do céu e um lugar de salvação para as almas, que deviam aproveitar dessas graças, enquanto é tempo de misericórdia”.⁶⁷

⁶⁴ ARQUIVOS DA DIOCESE DE CRATO, documentos que compõem os Inquéritos I e II das duas Comissões. Mantida a ortografia original do documento.

⁶⁵ Idem.

⁶⁶ ARQUIVO DA DIOCESE DE CRATO: Inquérito I (1891) e II (1892) das duas Comissões. In: *Exposição circunstanciada do Padre Cícero*. Mantida a ortografia original do documento.

⁶⁷ ARQUIVO DA DIOCESE DE CRATO: Inquérito I (1891) e II (1892) das duas Comissões. In: *Auto de pergunta à Beata Maria de Araújo*. Mantida a ortografia original do documento.

Maria de Araújo submeteu-se a exames de todo tipo desde 1889, conforme o comunicado do Padre Cícero a Dom Joaquim⁶⁸, lhe apareceram os primeiros fenômenos extraordinários como os estigmas e a chaga no peito. Nessa época eram principalmente os Padres Sother, Monsenhor Monteiro, então reitor do Seminário do Crato que mantinham com ela o costume de realizar retiros espirituais, meditações, especialmente nas sextas-feiras, relembrando a paixão de Jesus Cristo. Ao lerem-se os documentos que descrevem esses encontros, tem-se a impressão de que eram verdadeiros testes à natureza espiritual da Beata.

Mas, foi por causa dos sangramentos da hóstia que ela foi submetida, aos mais diversos exames e restrições pelos médicos e pelos padres da Comissão de Inquérito, a fim de se verificar a veracidade do fenômeno.

Teve notícia da decisão do Senhor Bispo de Doicezano nesse particular, isto é, a cerca da espécie da carne e do sangue aparecido nas hóstias consagradas, e que impressão lhe causou tal decisão? Respondeu que a esse respeito não teve certeza, porquanto ouviu alguma coisa nesse sentido disposta, segundo recommendação a Ella feita por Nosso Senhor, a obedecer sempre a autoridade da Igreja.⁶⁹

Pode-se entender que Maria de Araújo era sim uma pessoa dócil, colaboradora, submissa, mas também altiva, corajosa, perspicaz, inteligente. O que pode ser observado no diálogo transcrito pelo Padre Manoel Candido, vigário na cidade de Barbalha, vizinha a Juazeiro, para onde a Beata foi levada depois da decisão do Santo Ofício que a condenou pela prática de fenômenos vãos e supersticiosos (os sangramentos da hóstia). Maria de Araújo estava então sob a “guarda” do Padre Manoel Candido. Dizia ele ao bispo Dom Joaquim:

No dia 12 deste fui, outra vez, à Casa de Caridade desta cidade, no intuito de obter da Araújo a declaração do embuste praticado no Joazeiro e devo dizer a V. Excia que a tal Araújo insiste em afirmar o que desde 1ª vez disse com a simples palavra: Deus é onnipotente. Deus pode fazer tudo o que quiser, Deus pode fazer todos nós grandiosos, etc. As mulheres teimam, talvez interessadas na continuação das troças, difficilmente descobrindo a verdade.⁷⁰

Na análise dos documentos fica evidente que Dom Joaquim, padre Alexandrino e padre Manoel Cândido, os principais comandantes dos processos,

⁶⁸ ARQUIVO DA DIOCESE DE CRATO: Inquérito I (1891) e II (1892) das duas Comissões. In: *Exposição circunstanciada do Padre Cícero*. Mantida a ortografia original do documento.

⁶⁹ ARQUIVOS DA DIOCESE DE CRATO: Inquérito I (1891) e II (1892) das duas Comissões. In: *Auto de pergunta à Beata Maria de Araújo*. Mantida a ortografia original do documento.

⁷⁰ Estas cartas fazem parte da coleção de documentos que são censurados e ainda proibidos, pois não estão disponíveis para consulta.

queriam forçar a Beata a dizer que o fenômeno do sangramento da hóstia era uma farsa. Entretanto Maria de Araújo, assim como outras beatas, padre Cícero e Monsenhor Monteiro, apesar das enormes pressões, nunca negaram a veracidade deste fato. Mas, submeteram-se, prometendo acatar escrupulosamente as decisões e os decretos do Santo Ofício. Maria de Araújo não admitia o fenômeno como uma fraude. Nesta carta escrita pelo mesmo padre Manoel Cândido, observa-se sua coragem, sua perspicácia e sua inteligência.

[...] e perguntei então se tinha visto a hóstia verter sangue, e se viu também a Deus dar-lhe as tais partículas para os Padres e como estava Deus, se tinha batina, se esta era preta ou branca, e se tinha mão e se viu tudo isso; veja V. Excia o que Ella respondeu: que não viu a hóstia verter sangue porque o caso se dava quando a hóstia estava na bocca della (sic) e que tinha visto o próprio Deus com a mão (que eu perguntei se era grande ou pequena) dar-lhes as referidas partículas, não me dizendo (não sei porque) se Deus estava de batina preta ou branca; ah! Lembrei-me disto: que Deus não era sacerdote, isto é, Padre assim.⁷¹

Denota-se que ela tinha consciência de sua condição ao enfrentar corajosamente naquela época um padre que era um encarregado do bispo e responder o que ela respondeu. Também não foi submissa e agiu com assertividade, inteligência e tranquilidade obtendo clareza ao dizer que não via a hóstia sangrar porque estava dentro de sua boca, lugar onde seus próprios olhos não alcançariam, e que Deus não era padre, por isso não usava batina! Temos a seguir uma ideia mais clara de como era pressionada e como reagia.

[...] e logo exigi que me fizesse uma reparação declarando-se arrependida do que havia dito doze dias antes, [...] isto é, que acreditava na Igreja, mas não naquela Pastoral. Mas, qual não foi minha surpresa quando ouvi a Ella negar que tivesse dito aquilo, [...] Depois de lhe ter dito que Ella não devia negar o que havia dito, [...] declarei-me que [...] devia dizer caso tivesse sido uma indiscrição, que não se lembrava, e se tivesse dito, que disto se arrependia, porque aquilo era gravíssimo. Ao que Ella apesar de repetir que não tinha dito isso, disse, a instancia minha, que se arrependia se tal tinha feito, mas ajuntou que não diria isto d'um Padre qualquer, quanto mais do Sr. Bispo. Terminando, disse eu a Beata que [...] iria exigir della uma reparação.

Peguei no mau procedimento que ella tem batendo na mesa por mais de duas vezes declarando-lhe que não se havia arrependido [...] [ver nota 1]; ao que respondeu que eu podia ter feito; não obstante ella não sei se por esquecimento ou por habito velho (o que não é difficil coisa) fez a mesma cousa na 3ª entrevista: mas tive a energia de reprehende-la tocando-lhe no rosto [...] ainda bati 2ª, 3ª vez mas sempre reprehendida; afinal corrigio, dizendo na ultima vez que passava uma tentação, dando a entender que não fazia propositalmente. 1) Queria empregar todo grito para descobrir o

⁷¹ Idem.

*embuste. 2) Permita-me a expressão [...] uma vez na Cruz, e ainda porque isto era contrário à Religião, pois o sangue de J.C. depois da gloriosa ressurreição, não se podia separar mais do corpo, e onde estava o sangue, estava o corpo, etc. e que não sendo assim, então o derramado na Cruz não teria bastado para a redenção humana; sem embargo disto, a Beata disse que N. Sr. Podia derramar seu sangue e que Deus podia tudo quanto queria. Estas Beatas vivem sempre com o nome de N. Sr. na bocca, e julgam que dizendo que é verdade o que disseram, e que Deus pode... dizem tudo e respondem a tudo, ficam muito anchas!*⁷²

Dom Joaquim foi quem deu as instruções para os padres assim agirem. Em uma carta ao padre Alexandrino, membro da segunda Comissão, ele escreveu o seguinte:

*Chegado ao Crato, de oito dias mais ou menos de descanso e observações, procurará entender-se com Maria de Araújo para intima-la com prudência e suavidade a nossa ordem de recolher-se aquella Senhora a Casa de Caridade Barbalha onde deverá permanecer por 6 meses senão mandarmos o contrário, e será dirigida exclusivamente pelo Revdo. Pe. Manoel Candido dos Santos, parcho daquela freguesia; se Maria de Araújo hesitar ou desobedecer, ou houver opposição da parte da família della; lhe assignalará um prazo de quatro dias mais ou menos para reflectir devendo empregar todos os meios possíveis, por si mesmo ou por intervenções de outrem, para convence-la da imprescindível necessidade de obedecer a auctoridade Diocesana. Se, a despeito de tudo, continuar a resistência por parte da Araújo ou de sua família della, deverá intima-la a deixar o habito religioso de que usa, ficando a mesma alem disso privada dos Sacramentos. Nesta hypothese, devera scientificar os Sacerdotes do Crato e os da vizinhança, para que seja tudo fielmente observado. Nada mais fará a tal respeito, mas nos communicará officialmente e com minuciosidade o que occorrer para ulteriores deliberações*⁷³

Maria de Araújo suportou as ordens do bispo, do padre Manoel Cândido, do padre Alexandrino e também do padre Cícero, sempre com disposição e altivez. Resistiu à ordem de ir para a Casa de Caridade de Barbalha, mas acabou obedecendo e lá ficou até o dia 24 de março de 1895. Nessa data, uma carta do padre Manoel Cândido, dá notícia.

Exmo. Revmo. Sr. Bispo, Araújo abandonou hoje, como previ, a Casa de Caridade desta cidade com desobediência formal depois de ter declarado que não havia mais quem a impedisse de retirar-se daquelle estabelecimento, apesar de eu ter mandado dizer clara e terminantemente, que se sahisse desobedeceria: já lhe havia eu mesmo dito de ordem de V. Excia. Quando fil-a deixar o habito – que ella continuaria na casa; já lhe havia mandado dizer pela Superiora por umas quatro vezes, que findos os 6 meses, ella não podia retirar-se da casa porque esta era a ordem do Sr. Bispo; já finalmente dissera aos seus irmãos della, que a declararia rebelde desobediente e que se ella viesse a abandonar o referido estabelecimento; [...] ser por nova desobediência o querer ella pextinarmente (?) retirar-se

⁷² Idem.

⁷³ Idem.

dali sem expressa licença do Sr. Bispo Diocesano. Nada a demoveu d'aquelle propósito.

Ressalva notar que os irmãos da referida Araújo que ante-hontem trouxeram-lhe condução (?) não se deixaram então levar pela cabeça della e voltaram; entretanto vieram hoje, e apesar de vacilante, não obstante parecerem acordar às ponderações que lhes fiz, e faze-los sentir à dita Araújo. Tiveram a fraqueza de se dominar por ella, lá a conduziram.

A tal mulher com mais esse acto de desobediência, em vez de aceitar a autoridade que é legitima, e está em pé, e é forte e porque vem de Deus, foi quem se desassociou, pondo ao olho (?) ao sol seu espírito de rebeldia, e quando muito longe está ella de ser aquella mulher ex-Beata de Joaseiro tam [...]. por quem devia melhor zelar os interesses da Igreja! Joaseiro foi, como se costuma dizer [...], uma vez, lagrimas ardentes de dor e pesar deviam lavar tanta [...] tanta miséria!

Voltando ao assumpto de que tratei na ultima carta de 20 deste, e respectiva as aguardentes de Araújo, devo dizer para complemento do mesmo, o seguinte que somente hontem me foi referido pela Superiora à instancia minha: mandava a regente da casa comprar aguardente que viera em três garrafas por inspiração da tal com a declaração de que ella Araújo sabia fazer essa composição!

Araújo dissera também (faço isto com [...]) que estamos ella excomungada pela Igreja, e privada dos sacramentos, que queriam com ella na Casa de Caridade d'aqui? Não esqueceram, ajuntou ella, Antonia da Casa de Crato, não tiraram o manto [...] do Joaseiro? Que queriam com ella? É que ella quer voltar para a casa!

Na minha carta que tem a data de 28 do mês passado, disse-lhe referindo-me às 5 retratações que não lhe agradarem, o seguinte que agora vejo confirmado: o Pe. Cícero fosse agora ao Icó. Concluindo esta impera-me o dever de dizer a V. Excía que o que haver (?) dito e o que tenho dito em minhas cartas referentes aos negócios de Joaseiro, o tenho feito não por ódio a pessoa alguma, sim não só porque julgo cumprir meu dever, mas também por me ter isso sido recommendado por V. Excía.

Estou sempre proncto a cumprir as ordens de V. Excía. A quem desejo mil [...] e muitos annos a vista e de Quem sou com profundo respeito Súbdito humilde.⁷⁴

Apesar de não estar mais sob o poder da Igreja, por lhe ter sido tirado o hábito de Beata e por ter sido excomungada, Maria de Araújo ficou na Casa de Caridade de Barbalha por seis meses preditos pelo bispo diocesano que, segundo essa carta do padre Manoel Candido, queria que ela ali continuasse. Mas, a argumentação da Beata é irrefutável. A Igreja não tinha mais poder formal sobre ela.

Maria de Araújo não deixava de ser também uma pessoa com perceptíveis traços humanos e afetivos. Não será demais afirmar que, além da argumentação usada pela Beata para sair da Casa de Caridade de Barbalha havia também o grande desejo de estar em Juazeiro. Coincidência ou não a data do término de sua reclusão foi justamente a de aniversário do padre Cícero. Não seria apreciável ficar na Casa de Caridade e não participar de sua festa.

⁷⁴ ARQUIVOS DA DIOCESE DE CRATO: Inquéritos I e II das duas Comissões. In: Carta do Padre Manoel Cândido.

Sem a presença da beata talvez não tivesse acontecido uma grande comemoração, em função da situação delicada que todos em Juazeiro estavam vivendo, mas esse era também um motivo para estar presente e manifestar sua solidariedade e seu companheirismo e possivelmente seu desejo de estar perto daqueles que como ela, também estavam sofrendo.

Como se percebe dos documentos, não há na Beata traços de obediência cega, de uma submissão total cujo objetivo fosse meramente pessoal, individualista, com o intuito de fazer boa figura diante das autoridades constituídas (bispo e padres). Segundo ela sua submissão e obediência tinham como propósito “fazer a vontade de Deus”. Seus depoimentos não contêm traços personalistas, mas sempre a consciência de que tudo o que passara e sofrera seria necessário para que se cumprisse o que muitas vezes Jesus Cristo e Nossa Senhora Ihe tinha dito:

Jesus Christo me tem revelado que tudo isso se opera para conversão dos peccadores e perseverança dos justos; chegando até queixar-se amargamente da ingratidão dos homens para com Elle e chamando-os a aproveitarem-se de suas graças em quanto é tempo de misericórdia [...] tendo-lhe sido ainda revelado este facto actual da affluencia de grande multidão de povo de diversos bispados a este povoado; todos dispostos a purificarem-se aqui no Sacramento da Penitencia e assim preparados receberem o Sacramento da Eucharistia; revelando ainda notar-se que Nosso Senhor disse que isso se operaria para avivar a fé na prezença real d’Elle na Eucharistia, já muito enfraquecida nos últimos tempos.⁷⁵

A memória de Maria de Araújo foi enfraquecida pelo bispo do Ceará e por seus seguidores, ou seja, por aqueles que queriam pela força eliminar da história os fatos acontecidos com ela, transformando-a em uma memória sem história, estática, individualista. Isso excluía seu aspecto mais importante que era o sócio-religioso. Sua religiosidade tinha aspectos de uma espiritualidade coletiva e comunitária, que congregava todo povo que estava disposto a se purificar com a penitência para o recebimento do sacramento da Eucaristia. Um símbolo privado dos privilégios clericais.

“O povo respondia de forma veemente para que Juazeiro, com todo ocorrido na cidade, fosse para todos significativo, que não perdesse o seu sentido mais específico e precioso que fora: torna-se um lugar sagrado” (FORTI, 1999, p. 26). As conversões, as confissões, as comunhões, que naquele tempo e até hoje ocorrem em larga escala em Juazeiro do Norte, são testemunho de que os aspectos mais

⁷⁵ARQUIVOS DA DIOCESE DE CRATO: Inquéritos I e II das duas Comissões .

importantes do movimento são o religioso e o sagrado. A certeza disso e que esclarece cabalmente esse comportamento é a memória que Maria de Araújo faz de si própria na relação com Juazeiro, com os homens e as mulheres de seu tempo.

4.3 De onde vem essa memória

A piedade popular é um conjunto de crenças profundas marcadas por vivências, as atitudes básicas que derivam dessas convicções e as expressões que as manifestam é vivida preferentemente pelos pobres e simples. Os documentos que são os processos, fazem uma síntese magnífica de todos os valores que encerra a piedade popular do povo, como nenhum documento eclesial o havia feito antes.

A religiosidade do povo, em seu núcleo, é um acervo de valores que responde com sabedoria cristã às grandes incógnitas da existência. A sapiência popular católica tem uma capacidade de síntese vital; engloba criadoramente o divino e o humano; Cristo e Maria, espírito e corpo; comunhão e instituição; pessoa e comunidade; fé e pátria; inteligência e afeto (FORTI, 1999, p.27).

Observa-se que Maria de Araújo se encaixa nas características mencionadas pela autora. A capacidade de síntese vital, profundamente ligada à vida da Igreja e do povo de Deus. A autora faz uma análise do sangramento da hóstia como linguagem simbólica que, a rigor, é aquela que comunica algo a alguém e é plenamente entendida. Linguagem simbólica porque, para além dos muitos conceitos que teríamos que nos deter aqui para analisar o símbolo, este nos informa sobre a união de duas realidades aparentemente antagônicas: o catolicismo oficial e o catolicismo popular. Une a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, sangrento, ponta de lança do catolicismo da época, às devoções populares luso-brasileiras, mais antigas, da qual Maria de Araújo era sem dúvida alguma uma legítima representante (FORTI, 1999).

Maria de Araújo engloba em sua experiência religiosa o divino e o humano: ela é um instrumento de Deus, manifestava a vontade do Divino Mestre de converter as pessoas para que acreditassem em suas graças e em sua misericórdia. Queria fazer de Juazeiro um lugar de salvação para as almas. Fé e pátria: em alguns de seus depoimentos recentes concernentes à vida civil do país como, por exemplo:

...Ihe tem sido revelado que grande perseguição está iminente e já em começo a Igreja Brasileira, havendo de ser perseguidos e encarcerados e talvez mesmo mortos muitos Padres por cauza do Cazamento Civil; que muitos povos se levantariam, uns a favor outros contra a Igreja, mas que afinal se daria o triumpho da Igreja (ARQUIVOS DA DIOCESE DE CRATO: INQUIRITOA I E II DAS DUAS COMIÇÕES)⁷⁶.

Também em relação ao ano de 1877, cuja ocorrência dizimou a metade da população do Ceará como já foi citado no decorrer desta pesquisa, ela revela em seu depoimento:

Assim nesta ocasião como em tantas outras, a S. S. Virgem Ihe revelou que grandes provas aguardavam ao sacerdote que aqui se achava e a si mesma, promettendo porem que de tudo se haviam de livrar, mediante a confiança em Deus e a intercessão da mesma S.S. Virgem. Até a própria seca de mil oitocentos setenta e sete a mil oitocentos setenta e nove Ihe foi revelada de parte da mesma S.S. Virgem, que muito recommendava que orasse para esse fim, como sejam novenas das almas, das suas dores, em honra das Cinco Chagas, ordenando nessa mesma intenção vigílias haviam de ser praticadas por diversas pessoas revesadamente; tudo porem com participação de seu Confessor.⁷⁷

Essa sabedoria, um humanismo cristão que afirma radicalmente a dignidade de toda pessoa como Filho de Deus, estabelece uma fraternidade fundamental, ensina a encontrar a natureza e a compreender o trabalho, e proporciona as razões para a alegria e o humor, mesmo em meio a uma realidade muito difícil. Essa sabedoria é também para o povo um princípio de discernimento, um instinto evangélico pelo qual capta espontaneamente quando se serve na Igreja.

Necessitamos ainda de mais embasamento para entender a mística de Maria de Araújo. É verdade que poderíamos estender essa compreensão para todo povo da região e para todos os romeiros e romeiras que visitam a Juazeiro do Norte. Mas preferimos restringir nossa pesquisa à Maria de Araújo, sua fé, seu comportamento diante do sofrimento e das alegrias de sua vida.

Infelizmente o misticismo é um fenômeno que não é devidamente apreciado por alguns membros da igreja Católica e líderes de outras religiões. Também é pouco aceito por fieis que vivem estes carismas, sem tomar plena consciência de todas as dimensões da espiritualidade que ele possui.

Maria de Araújo possuiu uma sabedoria incomparável, fora dos critérios da racionalidade, do saber letrado, viveu em estado de graça e amor. Padre Cícero, como diretor espiritual da beata, sempre ressaltou a sua profunda dedicação à

⁷⁶ ARQUIVOS DA DIOCESE DE CRATO: Inquérito I (1891) e II (1892) das duas Comissões. In: *Auto de pergunta à Beata Maria de Araújo*. Mantida a ortografia original do documento.

⁷⁷ ARQUIVOS DA DIOCESE DE CRATO: INQUERITOS I E II.

oração, ao serviço com os pobres e órfãos. Segundo ele, Maria de Araújo vincula os acontecimentos de sua vida com o mistério divino, já que seu saber mais profundo brota do sentir-se ligada ao mistério de Amor que Deus lhe comunica. Dizia padre Cícero na “Exposição circunstanciada”:

Conheço Excellentíssimo Senhor á Maria de Araújo, desde menina, isto é, desde a idade de oito a dez annos, quando a confessei para fazer ella a sua primeira communhão. Notando eu então as melhores dispozições daquella menina para a vida interior, aconselhei-a a se consagrar a Nosso Senhor, o que ella executou do modo o mais intimo e perfeito, considerando-se desde aquella data como uma verdadeira espoza de Jesus Christo. Na idade de dezoito a dezenove annos, mais ou menos, foi Maria de Araújo, victima das mais graves tentações e perturbações de espirito, as quais todas convergiam para distrahi-la da oração e inspirar-lhe receio das praticas de piedade, além de serem contrárias à Santa Virtude da castidade. Algum tempo depois, mas pouco a pouco, vierão-lhe visões contrárias aquellas tentações e pertubações: inspiravão-lhe ellas paz d’espírito, animação e perseverança na oração. Maior fervor e tal generosidade na pratica de todas as virtudes, que seu dezejo, sua continua oração era condenar-se mais antes do que violar a virtude da castidade, consentindo naquellas tentações. Maria de Araújo muito receiava-se tanto das consolações como das provações que experimentava. Já ella conhecia os ardis do inimigo.⁷⁸

As perseguições e as violências levaram muitos sofrimentos a Maria de Araújo. Os incômodos que ela “sofria e as tentações do demônio” (FORTI,1999, p. 96) conduziam a Beata a uma “união cada vez mais intima com Jesus Cristo” . Superava as “tentações e se deixava levar pelos diretores espirituais que a conduziam nas meditações para essa união íntima com Deus” (FORTI,1999.p.97). Diz ela em sua resposta às perguntas dos padres comissionados pelo bispo,

Tem tido por vezes tentações diabólicas e em que occasião? O que respondeu que sim, succedendo ter sido muitas vezes espancada pelos demonios que se desfarçavão, ora na pessoa de Jesus Christo, ora na S.S. Virgem, ora em anjos e na do próprio confessor, das quaes tentações e iluzoes muitas, todas no sentido de distrahi-la da vida interior, se livrava ella recitando a oração já acima exposta.⁷⁹

Para Forti (1999), na mística de São João da Cruz e de Teresa d’Avila, a alma, depois de um longo período de buscas e desencontros, encontra-se com seu amado Deus, e esse encontro se consuma finalmente como união esposal no matrimônio espiritual. Maria de Araújo, a exemplo destes grandes místicos, também

⁷⁸ ARQUIVO DA DIOCESE DE CRATO: Inquérito I (1891) e II (1892) das duas Comissões. In: Exposição circunstanciada do Padre Cícero. Mantida a ortografia original do documento.

⁷⁹ ARQUIVOS DA DIOCESE DE CRATO: Inquérito I (1891) e II (1892) das duas Comissões. In: *Auto de pergunta à Beata Maria de Araújo*. Mantida a ortografia original do documento.

realizou plenamente esse estado de união mística. As respostas de Maria de Araújo aos padres da Comissão atestam esta vivência.

Jesus Christo celebrou um consorcio espiritual com sua alma e de modo sensível? Ao que respondeu que sim, tendo-se celebrado o consorcio espiritual com Jesus Christo com solennidade na Capella de S.S. Sacramento, em prezença de Maria S.S., de S. José, de coros de anjos e de vrigens; tendo a isso precedido diversos preparativos, quais outros desprozorios espirituaes; então Jesus lhe entroduzio no dedo o anel nupcial, deu-lhe a mão chamando-lhe espoza e confirmando-a como tal, exigindo que a elle se consagrasse de um modo mais intimo ainda e annunciando-lhe que dahi em diante teria mais que sofrer por seu amor.⁸⁰

Destacam-se nos relatos os sentidos espirituais que transfiguram os sentidos sensoriais, aptos em fazer sentir a presença de algo divino e sagrado. Mais uma vez ela relata,

Tem uso de meditar e qual o objeto especial de suas meditações? Respondeu que sim, sendo o objecto especial de suas meditações a paixão de Nosso Senhor Jesus Christo que então lhe há recommendado por repetidas vezes applicar a si propria, os soffrimentos diversos de sua mesma paixão. Tem tido estygmata e permanecem elles por longo ou por algum tempo? Respondeu que sim, em quanto a primeira parte, durando estes estygmata as vezes por cinco ou seis horas, pouco mais ou menos. Tem soffrido exsudações sanguineas e em que occasiões? Ao que respondeu que sim e de ordinário isso se da por occasião de meditar ella na paixão e bondade de Nosso Divino Redemptor. E no estado de extase e quando soffre as exsudações sanguineas experimenta vehemente dor que ande unida ao mesmo tempo a uma grande consolação da alma? Respondeu que sim, sentindo-se então mais attrahida a Deus, e disposta a imitação de Jesus Christo e a conformar-se sempre à sua divina vontade. Tem chagas em seu corpo e julga que essas chagas são sobrenaturaes, verdadeiras chagas do amor divino? Respondeu que sim porquanto tem nesse sentido, particular revelação de Deus, que lhe diz querer com isso commmunicar-lhe seu amor. Tem se produzido em seu corpo algumas impressões admiraveis, bem como dos diversos instrumentos da paixão de Nosso Senhor Jesus Christo e quaes sejam ellas? Respondeu que sim, imprimindo-se muitas vezes em sua fronte a coroa de espinhos, em suas mãos e pés os cravos e em seu peito uma cruz, experimentando sempre a par de vehemente dor, grande consolação da alma e então Nosso Senhor, lhe revelava que isso se operava para que ella em união com os soffrimentos de sua paixão concorresse com elle a converter os peccadores, a santificar as almas e a liberar as almas do purgatório.⁸¹

Para o místico, a suprema consagração a Deus é receber em seu próprio corpo os sofrimentos, as dores, os flagelos de Jesus Cristo. Muitas vezes Maria de Araújo foi examinada pelos Comissários enviados pelo bispo do Ceará e pelos

⁸⁰ ARQUIVOS DA DIOCESE DE CRATO: Inquérito I (1891) e II (1892) das duas Comissões. In: *Auto de pergunta à Beata Maria de Araújo*. Mantida a ortografia original do documento.

⁸¹ ARQUIVOS DA DIOCESE DE CRATO: Inquérito I (1891) e II (1892) das duas Comissões. In: *Auto de pergunta à Beata Maria de Araújo*. Mantida a ortografia original do documento.

médicos que constataram não só os estigmas, mas verificavam os sofrimentos da crucificação de Jesus, por isso ficou presente no imaginário popular a ideia do milagre. Foi o que determinou a primeira Comissão de Inquérito que contrariou ao bispo Dom Joaquim.

Na história da Igreja Católica brasileira, Maria de Araújo aparece como uma mulher que incomodou o Clero e dividiu as opiniões. Colocou a “hierarquia de um lado e povo de outro” (BARRETO, 2002, p.22), fato que fica evidente quando o fenômeno da hóstia se socializa. É a partir desta sociabilidade que Maria de Araújo torna-se o significado nítido da religiosidade regional, e passa a ser considerada uma “santa” para aqueles que acreditavam nela e no Padre Cícero.

Como representante da Igreja, Dom Joaquim tinha a pretensão penalizar rigorosamente Maria de Araújo, e direcioná-la ao esquecimento. “Os argumentos até hoje utilizados a favor do truque não resistem a uma análise, mesmo rápida como essa. Dom Joaquim forçou a explicação, distorceu as observações e interpretações dadas ao fenômeno e o julgou como embuste. E Roma consolidou o julgamento distorcido” (FORTI, 1999, p.96). Assim Maria de Araújo passou a ser invisibilizada na História da cidade e da religiosidade de Juazeiro do Norte.

O fenômeno que deu origem à religiosidade de Juazeiro do Norte foi reduzido à pura mentira, uma farsa, mesmo contrariando a crença de milhares de romeiros. Acreditamos que Maria de Araújo desempenhou um papel fundamental na formação do cotidiano religioso de Juazeiro, mas ocultada pela igreja, ela desapareceu no meio do conflito. Sumiu de cena com sua morte no dia 17 de janeiro de 1914.

Coforme menciona FORTI (1999), o padre Cícero tinha pela Beata Maria de Araújo uma particular consideração, razão por que, quando ela morreu, lhe dedicou uma atenção especial. Como ele considerava muito a santidade da Beata, verdadeira serva de Deus, providenciou-lhe um sepultamento digno de pessoa consagrada em túmulo dentro capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, que virou local de peregrinação. Mas, por ordem do bispo de Crato, em 22 de outubro de 1930, o túmulo da Beata Maria de Araújo foi violado e destruído, seu corpo roubado e levado para local desconhecido. Até hoje, falta um esclarecimento da Diocese para a Polícia e para a História.

Podemos também entender que seu túmulo foi destruído, violado, por ordem do vigário de Juazeiro da época, a fim de que desaparecesse de uma vez por todas,

a presença simbólica da Beata no imaginário das pessoas que acreditavam ser ela uma *Mulher “Santa” e de Fé*, por isso faziam devoção em seu túmulo.

Cem anos depois, em 17 de Janeiro de 2014, Juazeiro do Norte luta para reabilitar a figura de Maria de Araújo. Ela foi homenageada com a realização de sepultamento simbólico, no cemitério do socorro ao lado da Capela do Socorro onde ela foi enterrada pela primeira vez. Mesmo assim (SANTOS, 2014), em alusão aos 100 anos de morte da protagonista dos milagres apontaram a Beata Maria de Araújo como uma das pessoas mais importantes do município. Geraldo Menezes Barbosa, professor e cronista observou que, 100 anos depois existe a mesma fé, respeito e determinação de levar adiante a história de Juazeiro que nasceu do sangue derramado no seu chão sagrado. *O Milagre da Hóstia*.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos no decorrer de nossa pesquisa que Maria de Araújo agora é visibilizada, não apenas na pesquisa, mas na História e na religiosidade brasileira, em especial Juazeiro do Norte no Vale do Cariri. Ela fez milagre e foi a principal responsável pela formação e transformação da religiosidade que nasceu oriunda de um fenômeno sagrado. Uma experiência religiosa e vivenciada não somente pela Beata, mas por todos que iam à Juazeiro e que até hoje visitam a “santa” cidade de Juazeiro do Norte.

Em nossa pesquisa constatamos que muitas “histórias de vida” de Juazeiro do Norte e região e, até mesmo, a história do padre Cícero tiveram sua memória registrada graças aos milagres. A religiosidade de Juazeiro do Norte e a região do Vale Cariri foi o cenário religioso da Beata, o centro dos “conflitos”⁸² por ela enfrentados, por tais motivos revela-se sua importância na formação da origem religiosa e na transformação mitológica do padre Cícero.

A historiografia tem revelado que a ação das mulheres na vivência cotidiana, tanto nas esferas política, econômica quanto religiosa é um fato invisível e inegável. A mulher herdou o estereótipo de ser destinada unicamente à procriação e aos trabalhos domésticos, impossibilitando-a de fazê-la “sujeito” da sua história. A religião cristã, assim como outras religiões monoteístas, desempenharam em relação a vida das mulheres uma dupla função: dominação e libertação.

Bingemer (2002)⁸³, ao reconhecer as mulheres como parte da história do cristianismo, questionando por que em algumas circunstâncias não são “protagonistas” e aceitas como ministras do Evangelho Cristão, assevera que não se pode mais conceber que em pleno século XXI elas continuem anônimas, e sua atuação continue restrita a um papel de submissas e criadoras do lar.

Os estudos de gênero nas últimas décadas têm contribuído com suas novas abordagens e perspectivas de análise no reconhecimento do papel do masculino e do feminino no campo da religião. A inclusão dos estudos de gênero nas pesquisas sobre as religiões se constituem numa importante área de reflexão e contribuem

⁸² É possível perceber este conflito no documento intitulado “DETERMINAÇÕES DO BISPO DIOCESANO” (Anexo 4).

⁸³ BINGEMER (2002) apresenta este questionamento mencionando que algumas denominações religiosas ainda não admitem mulheres na condição de pastoras e até mesmo desempenhadas as funções de Padres.

para desmitificar papéis desempenhados por homens e mulheres. A conexão entre questões de gênero, feminismo e ciência, leva à abertura de novas frentes de investigação que deem conta dos problemas da sociedade contemporânea.

Percorrendo a história cronológica, num passado mais remoto, percebemos que a dominação do masculino sobre o feminino, parte de uma sociedade patriarcal, é um dado histórico existente.

A presente pesquisa buscou na figura de Maria de Araújo evidenciar na dinâmica de um poder instituído que é possível constituir as mulheres como “sujeitos de direito” (CERTEAU, 2002). Um dado de grande relevância é que um processo eclesiástico assume a conotação de um Processo Civil na sociedade brasileira da época, num Estado a caminho da laicidade. As conclusões dos Inquéritos I (19891) e II (1892) proferidas pelas duas Comissões, asseveram que Maria de Araújo aquela que ocupou um lugar de réu nos tribunais de fé foi ocultada na história.

A Beata Maria de Araújo sistematicamente foi colocada no anonimato da religiosidade de Juazeiro. Mas, ela não foi exceção. Muitas mulheres foram escondidas atrás dos corpos masculinos de seus superiores ou foram obrigadas a se calarem após sofrerem punições. Evidentemente muitas mulheres foram invisibilizadas, da mesma forma que Maria de Araujo, para que homens assumissem o comando da história.

Sutilmente e de maneira subvertida, o padre Cícero ocupou um lugar de destaque na história do anonimato da Beata Maria de Araújo. Ele cresceu na política e teve cada vez mais elevado seu prestígio social e religioso. Maria de Araújo, embora se constituindo como protagonista da formação da Igreja e da religiosidade de Juazeiro do Norte foi ocultada e seu protagonismo foi substituído pelo padre Cícero, que direta ou indiretamente promoveu e se tornou o principal símbolo, onde até os dias atuais Maria de Araújo é um nome desconhecido e ocultado.

Os membros da primeira comissão de inquérito (1891)⁸⁴, declaram sem dúvida que o sangramento das Hóstias é, em perspectiva teológica, um milagre. Não é nossa pretensão mostrar a veracidade do fenômeno, mas destacar a importância de Maria de Araújo na origem da religiosidade de Juazeiro do Norte. Compreende-se

⁸⁴ ARQUIVO DA DIOCESE SE CRATO, In: ATTESTADOS E RELATORIOS MEDICOS.

da análise dos documentos que a dinâmica religiosa que emergiu no interior da Igreja, a dimensão e a abrangência do fato “o sangramento da Hóstia”, sua importância na época, a recepção proferida pelos representantes da Igreja local, como e porque o sangramento da hóstia, na figura de Maria de Araújo foi o fator fundador da religiosidade popular naquela região. O movimento religioso em Juazeiro do Norte a partir do suposto milagre possibilita entender a construção histórica das relações entre mulheres e homens no espaço religioso definido pela religião cristã. As relações de poder se perpetuaram no meio do conflito religioso gerado a partir do milagre, contudo, a Beata Maria de Araújo foi uma mulher “mística” mesmo antes do sangramento da hóstia torna-se público.

Conclui-se que Maria de Araújo na figura do bispo Dom Joaquim foi injustiçada pela hierarquia da Igreja. Um fato que aponta para a existência de um período de tensão e conflito na Igreja Católica de Juazeiro, tendo em Maria de Araújo seu principal réu. Na sombra deste fato padre Cícero emerge como o principal personagem do despertar de um movimento religioso local.

A historiografia sobre Juazeiro do Norte encarece de bibliografias que voltadas para a participação de Maria de Araújo no movimento religioso de Juazeiro. Este estudo quer promover novas pesquisas para uma inovação bibliográfica a cerca do tema.

Para a população de Juazeiro do Norte os milagres constituíam a revelação de que o lugarejo fora escolhido para ser o centro de “salvação da humanidade”. O ensinamento da Igreja em relação à hóstia consagrada, favorecia um imaginário muito próximo ao da crença do povo de Juazeiro: “a hóstia sangra, portanto é o corpo e o sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo” (FORTI,1999). Nesta dinâmica religiosa, Juazeiro inaugura uma fase intensa de apropriações e reelaborações das crenças e práticas católicas: nova doutrina e novos cultos. A Juazeiro do Norte passou a fazer parte do cenário mundial, o mesmo não ocorreu com Maria de Araújo: ela e sua história foram colocadas no anonimato. Mas acreditamos que: a Beata é o símbolo principal da religiosidade de Juazeiro. O sepultamento simbólico da Beata Maria de Araujo em 2014 traz de volta a “memória” e rende homenagem a uma das grandes personagem da história da cidade e traz de volta o debate sobre a religiosa mística .

6. ANEXOS

6.1 ANEXO 1 - SOBRE OS FACTOS DO JOAZEIRO - ABERTURA DO INQUÉRITO

Anno de mil oitocentos e noventa e um. Povoação do Joazeiro, freguesia do Crato. Commissariato Ecclesiastico. Inquerito acerca dos factos extraordinários occorridos nesta povoação do Joazeiro. O secretario Padre Doutor Antero Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo, de mil oitocentos noventa e um, aos nove dias do mêz de Setembro do dito anno, em o Consistorio da Capella de Nossa Senhora das Dores da Povoação do Joazeiro, faço a autoação da portaria e mais papeis que adiante se seguem; do que para constar fiz este termo. E eu, Francisco Ferreira Antero, Secretario da Comissão Ecclesiastica, nomeado adhoc por sua Excellencia Reverendissima, o escrevi. Padre Clycerio da Costa Lôbo, Presbytero secular, dellegado de sua Excellencia Reverendissima, etc. O muito Reverendo Padre Doutor Francisco Ferreira Antero, logo que esta lhe seja apresentada, indo por mim assignada e para comparecer no Consistorio da Capella de Nossa Senhora das Dores do Joazeiro, hoje, às onze horas da manhã, afim de se proceder ao auto de perguntas à mesma Beata, iniciando-se assim ao inquérito ordenado por sua Excellencia Reverendissima, acerca dos factos extraordinários, occorridos nesta Povoação; passando ao pé desta a Certidão, como assim o fez. Assim o cumpra. Joazeiro, nove de Setembro de mil oitocentos e noventa e um. Padre Clycerio da Costa Lobo, Delegado Episcopal. Certifico que intimei a Beata Maria de Araujo a portaria retro do que ficou sciente. Dou fé. Joazeiro, nove de Setembro de mil oitocentos e noventa e um. Padre Doutor Francisco Ferreira Antero, Secretario da Comissão.

6.2 ANEXO 2 - AUTO DE PERGUNTAS FEITAS AO PADRE CÍCERO ROMÃO BAPTISTA EM 17 DE JULHO DE 1891.⁸⁵

Aos dezessete dias do mez de julho⁸⁶ do Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo, nesta cidade de Fortaleza em o Paço Episcopal, onde achavam-se presentes o Excellentissimo e Reverendissimo Senhor Bispo Deocesano Dom Joaquim José Vieira e o Illustrissimo Reverendissimo vigário, digo, Monsenhor Hypolito Gomes Brazil, vigário geral e Provisor do Bispado, commigo secretario eleito para escrever este auto; e sendo ahi, compareceu o Reverendo Padre Cicero Romão Baptista, Capellão do Joazeiro, da Freguesia do Crato, deste Bispado, aquém depois de lhe ser deferido o juramento dos Santos Evangelhos, que o mesmo Reverendo prestou, pondo sua mão direita em um livro delles e promettendo dizer a verdade do que soubesse e lhe fosse perguntado, passou sua Excellencia Reverendissima a fazer as seguintes perguntas:

-Se conhecia Maria de Araújo? Respondeu que sim e desde a idade de oito a dez annos, quando ella fez sua primeira communhão. –Perguntado sobre filiação, naturalidade, idade, estado e modo de vida daquella senhora. Respondeu que ella é filha legítima de Antonio de Araújo, já falecido e de Anna de tal, natural da povoação do Joazeiro, da Freguesia do Crato, ter nascido no anno de mil oitocentos e sessenta e três de mil oitocentos e sessenta e quatro, ser ella solteira e occupar-se em trabalho de costuras e mais serviços domésticos. –Perguntado em companhia de quem reside aquella mesma senhora. Respondeu que vivia em companhia de sua mãe até o anno de mil oitocentos e oitenta e nove, passando nesse mesmo anno a residir em casa dele em companhia de sua mãe e mana. – Perguntado se Maria de Araújo tinha compleição forte ou fraca. Respondeu que ella tem compleição fraca e é doentia tendo ainda em menor idade uma enfermidade qualificada espasmo, ficando sujeita, desde então, a sofrer por vezes de ataques nervozos que a prostavam até o ponto de perder os sentidos. Esse estado mórbido começou desde menina e continuou com maior ou menor intermittência até o anno de mil oitocentos e oitenta e nove, quando começaram a se manifestar nella alguns factos extraordinários havidos por muitos como maravilhosos. –Perguntado se Maria de Araújo alimenta-se regularmente. Respondeu que ella alimenta-se muito parcamente. –Perguntado desde que tempo dá-se Maria de Araújo a practicas de piedade e quais sejam ellas. Respondeu que desde a idade de dez annos mais ou menos, quando ella confessou-se pela primeira vez, o que praticava desde então muito frequentemente, juntamente com a communhão que ella recebia diariamente desde o anno de mil oitocentos e setenta e quatro até esta data, salvo alguma interrupção que alguma vez dava-se. –Perguntado se a dita Beata lançava alguma vez sangue. Respondeu não ter disso plena certeza, mas que tem alguma ideia della ter algumas vezes vomitado sangue por occasião dos ataques que soffria o que deu-se alguns annos antes desse phenomeno extraordinários, de que ora se trata. –Perguntado se lhe constava alguma cousa acerca da regularidade do fluxo menstrual daquela pessoa. Respondeu que lhe consta ser nisso bem regular, havendo alguma vez, algum accesso em o dito fluxo. –Perguntado mais se lhe constava soffrer alguma outra enfermidade a dita senhora. Respondeu que ella soffre algumas ligeiras perturbações de estomago, conservando apezar disso, bastante força tanto que pode, sem sacrificio maior ir do Joazeiro a Cidade do Crato. –Perguntado quem tem sido o confessor e director espiritual daquella Beata. Respondeu ter sido o próprio interrogado, tendo apenas duas a três vezes se confessado com o Reverendo Soter, segundo aconselhará sua Excellencia Reverendissima. –Perguntado qual o motivo porque mostrou repugnância em fazer Maria de Araújo recolher-se a Casa de Caridade do Crato, tendo o interrogante assim ordenado por duas cartas. Respondeu que ella tendo tentações particulares do demônio e por isso mesmo precisando de um director espiritual especial que a conhecesse e dirigisse como convinha, esperava que sua Excellencia Reverendissima deiztisse de tal ordem, tanto mais que a própria mãe da Beata escrevêra a sua Excellencia nesse sentido, significando a conveniência de haver uma tal dispensa, mesmo por se achar a dita devota, nesta occasião gravemente enferma de uma febre que lhe sobreveio e da qual foi tratada pelo Pharmaceutico, o Tenente Coronel Joaquim Secundo Chaves Mello, pelo que não julgou ter nisso cometido um acto de dezobediencia como disso se convenceo sua Excellencia Reverendissima. –

⁸⁵ Os títulos em caixa alta foram acrescentados ao documento para facilitar a pesquisa. O original está grafado em forma de ata, ou seja, sem espaços, assim como as perguntas e respostas. Não há, portanto, qualquer separação entre elas.

⁸⁶ Esta auto de perguntas feito ao Pe Cícero é, como se pode notar pela data, anterior à abertura do Inquérito em Juazeiro. Foi anexado ao processo, juntamente com a Portaria do Bispo Diocesano, como pede a norma, após o termo de abertura.

Perguntado mais, qual o motivo porque chamou o Medico Doutor Marcos Rodrigues Madeira, na Quinta-Feira Santa, dia vinte e seis de março do corrente anno, para examinar Maria de Araújo depois de haver esta commungado. Respondeu que tendo-se dado, por varias vezes, durante o tempo quaresmal deste ano, o facto da Sagrada partícula ter passado por algumas transformações, quando se conservava ainda na língua da devota, quis que um medico testemunhasse a reprodução de um tal facto que naquelle dia acabava de operar-se, afim de que o facto que tinham sido testemunhas alguns sacerdotes e muitas outras pessoas de toda a condição fosse então testemunhado por pessoa perita, como um medico e desta arte houvesse uma prova robusta em favor da verdade do facto. –Perguntado se o sangue em que por vezes se convertera a Sagrada partícula, circunscrevia-se tão sommente às dimensões da mesma partícula, ou se derramava-se por toda a boca. Respondeu que se o sangue derramava-se além das dimensões da partícula, era em muito pequena porção que não se podia bem divisar, affirmando mais que taes transformações duram de duas a três horas. –Perguntado como o Reverendo Padre Laurino, tendo-se demorado apenas onze dias no Joazeiro, foi testemunha de ter-se a Sagrada Hóstia de transformado trinta e uma vezes em carne e sangue. Respondeu que como a devota não podia commungar, ou por outra, engolir a Sagrada partícula sem uma benção de algum sacredote, succedeu que tendo verificado este facto e querendo que se testemunhasse este facto, digo, phenomeno de que se trata, isto é, da transformação da partícula em carne e sangue mais de uma vez, tornou a partícula que ella não commungara, dando-lhe nova communhão o que se deu duas a três vezes no dia, dahi resultando ter conservado muitas partículas em que se operavam aquellas mudanças e que achão-se guardadas em lugar especial ou em uma urna de vidro que tem-se guardado na Capella do Joazeiro. – Perguntado se o povo têm dado culto ao sangue e às partículas em que se dão aquellas transformações. Respondeu que sim, pois o povo suppunha ser o sangue verdadeiro de Nosso Divino Redemptor que ali via-se, acressentando que em muitas daquellas partículas, apezar das transformações nellas operadas, subsistia ainda uma porção, ainda que pequena das espécies sacramentais. –Perguntado se Maria de Araújo tinha extasis e desde que tempo. Respondeu que começou a observar extasis em a dita Beata desde mil oitocentos e oitenta e quatro, sendo que ainda nesse tempo soffria de seus antigos ataques nervozos. Disse mais que esses extasis dão-se assim em publico, como em particular e especialmente por occasião de festas maiores e que ella em vez de fazer ostentação disso, ao contrário muito procura esconder do publico, dando-se que taes extasis durão as vezes cinco horas. –Perguntado se a mesma devota tinha feito prophcias. Respondeu que nada de positivo podia dizer a este respeito. –Perguntado se alguma vez a partícula consagrada se transformou em sangue em suas mãos, por occasião de dar a communhão à Beata Maria de Araújo. Respondeu que não, mas aconteceu uma vez de ter este interrogado tirado da boca da Beata uma partícula já em grande parte transformada em sangue, completando-se a transformação no côncavo de sua mão esquerda. –Finalmente ordenado sua Excellencia Reverendissima que o Reverendo interrogado fizesse uma exposição circunstanciada de todos os factos occorridos com a Beata Maria de Araújo, desde o principio até a presente data, houve assim por encerrado este interrogatório. Do que tudo, para constar fiz este auto que vae assignado por sua Excellencia Reverendissima, pelo Monsenhor vigário geral e o Reverendo interrogado, commigo secretario adhoc eleito. + Joaquim – Bispo Diocesano, Monsenhor Hypolito Gomes Brazil, Padre Cicero Romão Baptista. Padre Clycerio da Costa Lobo, secretario adhoc.

6.3 ANEXO 3 - EXPOSIÇÃO CIRCUNSTANCIADA DO PADRE CICERO

Excellentissimo e Reverendissimo Senhor Bispo, Em cumprimento a ordem de Vossa Excellencia Reverendissima, exarada no auto de perguntas retro, venho fazer a exposição dos factos extraordinários que se hão operado em Maria de Araújo e dos quais tenho sido testemunha, ao menos com maior reflexão desde mil oitocentos e oitenta e quatro até a presente data, Irei por partes, começando pelas: DISPOZIÇÕES E PROVAÇÕES DE MARIA DE ARAÚJO Conheço Excelentissimo Senhor à Maria de Araújo, desde menina, isto é, desde a idade de oito a dez anos, quando a confessei para ella fazer a sua primeira communhão. Notando eu então as melhores dispozições daquella menina para a vida interior, aconselhei-a a se consagrar a Nosso Senhor, o que ella executou do modo o mais intimo e perfeito, considerando-se desde aquella data como uma verdadeira espoza de Jesus Christo. Na idade de dezoito a dezenove annos, mais ou menos, foi Maria de Araújo, victima das mais graves tentações e perturbações de espirito, as quais todas convergiam para distrahir-a da oração e inspirar-lhe receio das praticas de piedade, além de serem contrarias à Santa Virtude da castidade. Algum tempo depois, mas pouco a pouco, vierão-lhe visões contrarias aquellas tentações e perturbações: inspiravão-lhe ellas paz d'espirito, animação e perseverança na oração. Maior fervor e tal generosidade na pratica de todas as virtudes, que seu desejo, sua continua oração era condenar-se mais antes do que violar a virtude de castidade, consentindo naquellas tentações. Maria de Araújo muito receiava-se tanto das consolações como das provações que experimentava. Já ella conhecia os ardis do inimigo. Passo às visões: VISÕES DE MARIA DE ARAÚJO A principio e maiormente em mil oitocentos e oitenta, mais ou menos, pareceu-lhe ver a S.S. Virgem, mas não tendo então certeza disso, do que se receiava, fez a conselho meu, em qualidade de seu director espirital uzo da água benta, quando aquella visão tornou-se-lhe mais patente, representando-se-lhe tomar a dita visão, a attitude de quem ora e inclina a cabeça em sinal de veneração. É desta data em diante que appareceu-lhe Jesus Christo mas da primeira vez de passagem e dirigindo-lhe duas a três palavras de animação, e isso por ocasião de soffrer ella uma grave perturbação. Ella porém não conheceu bem ao Senhor. Renovando ella a conselho meu o acto de consagração a Nosso Senhor, deu-se que tal visão tornou-se mais patente e Nosso Senhor mandou-lhe então que, depois de uma confissão e com participação disso a seu director, ella celledrar na Capella do S.S. Sacramento, o que effectuou-se com grande solemnidade. Com esse facto accendeu-se-lhe o coração num verdadeiro incendio de amor. Desde aquella facto Nosso Senhor se constituiu seu mestre e seu director: ensinava-lhe a orar, a ouvia mesmo em confissão, a preparava cada vez mais para a vida unitiva. DOM DE ORAÇÃO É desde aquella tempo que sua meditação versou especialmente sobre a Paixão de Nosso Senhor, que com jaculatórias, as quais elle próprio lhe ensinava e de que ella não fazia uzo, se não com autorização do Director ordinário, a incitava a um mais perfeito amor. Quanto mais intimamente se communicava ella com o Divino Espozo, mais graves tentações e perturbações soffria da parte do inimigo, o que era compensado por maiores consolações. E teve ella ordem do Senhor para nenhuma atençaõ prestar a visão alguma, qualquer que ella fosse, sem que dissesse: "Louvada seja a Sagrada Morte e Paixão de Nosso Senhor Jesus Christo"; que de tudo daria conta a seu confessor e lhe prestasse inteira obediência; meio este seguro para poder ella chegar ao conhecimento das cilladas do inimigo e dellas se livrar. Davam-lhe auzencias do Divino Espozo, o que lhe causava profundíssima pena; era como a pena de danno. Chegamos aos colloquios: COLLOQUIOS Os colloquios que ella entretinha com o Divino Espozo eram taes que, com muita propriedade se podiam comparar com o dos Canticos dos Canticos. É assim que se preparava ella para o espirito de penitencia a par do de oração que já chegava a seus mais elevados grãos. ESPIRITO DE PENITENCIA O primeiro facto sensível que se operou na pessoa a que me refiro, relativamente a paixão de Nosso Senhor Jesus Christo, digo a Paixão de Nosso Senhor, foi o seguinte: Assistia Maria de Araújo ao Mês das Almas, e isso na oitava de todos os Santos de 1883 a 1884, quando sentio ella que alguém lhe dera um amplexo, ficando impressa no peito uma cruz a deitar sangue, do que fui eu mesmo testemunha. Era a consagração della a vida de penitencia. Nessa vida de união com os sofrimentos de Nosso Senhor, a bem das almas ficou ella até hoje. Offerece-se ella como vitima de expiação pelas almas do purgatório e pelos pecadores em geral. FACTOS EXTRAORDINARIOS Era na primeira Sexta-feira do mez de março de mil oitocentos e oitenta e nove. Então, a convite meu, fazia toda a Associação do S. Coração de Jesus, legitimamente instituída na Capella do Joazeiro, uma Communhão reparadora pelas necessidades da S. Igreja; em dezegravo as injurias feitas a N. Senhor, no Sacramento de seu amor e para a Conversão dos pecadores, tudo segundo as intenções do terno e adorável Coração de Jesus. Ahi sente-se a devota chamada ainda não somente a commungar sacramentalmente e com maior amor; mas inda a uma communhão espirital de maior intimidade que com razão dir-se-ia

miraculoza. Passar Maria de Araújo com outras senhoras em vigília, adorando em espírito de reparação ao S.S. Sacramento. Eram já cinco horas da manhã e attendendo eu ao Sacrificio que tinham feito aquellas pessoas passando toda noite em adoração a N. Senhor, julguei conveniente dar-lhes a communhão; o que effectivamente se deu. Pela primeira vez a vi então tomada de um raptó extático, resultando segunda ella affirmara a transformação da Sagrada Hóstia em sangue, tanto que além do que ella sorveu, parte caio na toalha e parte caio mesmo no chão; do que tudo foram testemunhas seis a oito pessoas que com ella tinham commungado. Durante o tempo quaresmal daquelle anno e principalmente as quartas e sextas feiras de cada semana, observaram-se aquelles phenomenos; o que deu-de também uma vez, no sábado da Paixão no mencionado anno, depois do que passaram a ser diários até a Ascensão do Senhor. Na festa do Preciosissimo Sangue reproduziram-se os phenomenos de que me occupo. Era, por isso grande o temor de Maria de Araújo, que quis até abster-se da Communhão no que porém continuou só por obediência. Em suas communicções intimas com Deus, foi lhe dada a seguinte resposta, as respostas, digo, as perguntas que nesse sentido ella fizera: É isso uma manifestação de tua fé e da Mizericordia de Deus para com os homens, assim é preciso e que nada mais lhe era preciso saber. EXTASES De, há muito davam-se na devota de que me occupo raptos de espírito, verdadeiros êxtases, mas só da primeira Sexta-feira de Março de mil oitocentos e oitenta e nove é que tornaram-se mais longos e frequentes; duram algumas vezes, cerca de cinco horas e é deles revocada sempre que assim lhe é mandado por obediência. Sua intimas communicções com Deus, dam-se sempre em estado extático. ESTYGMAS Tambem de há muito davam-se estes phenomenos na pessoa de que tratamos, talvez salvo o engano, desde o anno de mil oitocentos e oitenta e cinco, mas com interrupções. Nesse estado de estygmas, via-se sangue em sua testa a sair como de uma coroa de espinhos, nas mãos, como que cravos, no lado uma chaga que só na Quaresma do corrente anno chegou a cicatrizar, jorrando destes estygmas copioso sangue. Consumma-se a Consagração de Maria de Araújo ao Senhor. Era o dia dezanove de Agosto de mil oitocentos e oitenta e nove. Naquelle dia orava a Beata na Capella do S.S. Sacramento. Então apareceu-lhe Nosso Senhor perguntando-lhe se ella queria de novo a elle consagrar-se e fazer em seu logar penitencia por vivos e mortos e havido della o consentimento requezito intimou-lhe que de tudo desse parte ao confessor, que fizesse quinze estações com Communhões; significando-lhe que era sua vontade fazer daquelle logar um Centro de atração ou de chamamento das almas para a salvação, recommendando-lhe para esse effeito a devoção às dores de sua Mãe Santissima e ao seu preciosissimo sangue para ser um meio de salvação para todos que alli fossem. COMO NISSO PROCEDI Direi-lhe nesse sentido que, como os diversos factos de tansfusão da hóstia consagrada em sague operados desde mil oitocentos e oitenta e nove até hoje não tinham sido a principio testemunhados sinão por mim, julguei de necessidade que outras pessoas tanto eclesiásticas como leigos, que fossem dignas de fé, as testemunhassem. Effectivamente assim aconteceu e guardo o resgistro de mais de mil pessoas que foram testemunhas prezenciais, entre as quais dois médicos e um pharmaceutico e que tudo isso observarão diversas vezes e no curso de duas a três horas. Releva notar-se que aquella devota em vez de gloriar-se com a publicidade desses factos, muito ao contrario experimentara com isso o maior tormento. Quanto ao mais que possa ter aqui omitido e para o que não me sobejou tempo refiro-me aos diversos attestados que quanto me cabe confirmo e julgo authenticos. Eis, Excellentissimo Senhor, quanto me occorre agora; certo de que só a obediência, a maior honra e gloria de Deus e a edificação dos fieis a isso me obrigão, isto é, a fazer publico todos esses factos. Fortaleza, dezoito de julho de mil oitocentos e noventa e um. Pe Cícero Romão Baptista.

6.4 ANEXO 4 - DETERMINAÇÕES DO BISPO DIOCESANO

Em seguida a essa narrativa sua Excellencia Reverendissima o Senhor Bispo Diocezano, determinou o seguinte: Tendo nós ouvido attentamente e bem ponderado as respostas as nossa interrogações e outras narrativas feitas pelo Reverendo Cícero Romão Baptista, a nosso chamado, vindo a esta Capital, a cerca das condições de Maria de Araújo e dos factos extraordinários com ella succedidos no Povoado do Joazeiro, da Freguesia do Crato, deste Bispado, factos estes attestados por dois médicos, um phamaceutico, dois sacerdotes e mais pessoas: Primeiro que tudo declaramos que reconhecemos na pessoa do Reverendo Cícero Romão Baptista, um sacerdote de costumes puros, regularmente instruído, zeloso e em extremo dedicado a Santa Religião que professamos, incapaz por tanto de qualquer embuste ou de pretender enganar a quem quer que seja; o que não o impede de poder illudir-se. Não bastante porém, o que fica dito, desejando Nós em observância ao que determina o Sagrado Concílio de Trento na sessão vinte e cinco, instruir um processo regular a tal respeito, no intuito de descobrir a verdade, ordenamos o seguinte: Prohibimos expressamente qualquer culto aos pannos ensanguentados, encerrados na caixa de vidro a que se referio o Reverendo Cícero Romão Baptista, o qual deverá guardar cauteloosamente, a dita caixa com o conteúdo d'ella, até que chegue ao Joazeiro o Reverendo Sacerdote que pretendemos commissionar para o respectivo inquérito. Ordenamos ainda ao mesmo Reverendo Cícero se desdiga no púlpito da propositão que avançou affirmando que o sangue apparecido nas Sagradas particulas era Sangue de Nosso Senhor Jesus Christo, pois que não o é nem pode ser, segundo os ensinamentos da Theologia Católica. Outro sim, sendo necessário remover todos os obstáculos que possam impedir o descobrimento da verdade, em assumpto tão delicado e interessante, e tendo em consideração o facto de ter sido o Reverendo Cícero Romão Baptista o único director e quazi o único confessor de Maria de Araújo, acressendo a isto a circunstância de viver esta em casa do dito Reverendo onde é por elle sustentada, para que se não diga que taes circunstâncias actuam no animo de Maria de Araújo, produzindo os phenomenos extraordinários, cuja natureza se trata de averiguar, ordenamos mais que, dentro de oito dias impreterivelmente, depois da chegada ao Joazeiro do Sacerdote nosso Commissionado, deverá Maria de Araújo recolher-se à Casa de Caridade do Crato, onde permanecerá por seis mezes, a contar do dia da entrada naquella casa; então tomará outro confessor e director e observará o mais que for prescripto pelo sacerdote nosso enviado; findo o prazo acima marcado é nosso dezejo que continue Maria de Araújo a rezidir na dita Casa de Caridade, mas não exigimos, podendo ella, portanto, voltar para o Joazeiro, salvo ulterior deliberação nossa. Finalmente, recomendamos ao Reverendo Cícero Romão Baptista, obedeça e auxilie o Reverendo sacerdote nosso commissionado, em tudo o que for concernente ao processo de averiguação dos factos extraordinários succedidos no povoado de Joazeiro. Rezidência nossa da Fortaleza, Dezenove de julho de mil oitocentos e noventa e um. + Joaquim, Bispo Diocezano. Dom Joaquim José Vieira, pela Divina Providência e Mercê da S.Sé Apostólica, Bispo desta Dioceze da Fortaleza, etc.

6.5 ANEXO 5 - TERMO DE ABERTURA E DE VERIFICAÇÃO DA CAIXA DE VIDRO CONTENDO DIVERSOS PANNOS ENSANGUENTADOS

Aos doze dias do mez de setembro do anno de mil oitocentos noventa e um, as cinco horas, da tarde na Capella do S.S. Sacramento da Igreja de Joazeiro, freguesia do Crato, onde foi vindo o Reverendo Commissario Padre Clycerio da Costa Lobo, commigo secretario de seu cargo, presentes como testemunhas o Reverendo vigário Manoel Francisco da Frota, Padre Cícero Romão Baptista e os senhores: Doutor Herculano de Oliveira Torres Galindo, Joaquim de Aguiar Cordeiro, Antonio Lopes Ferreira Ventura, Manoel Marinho Torres, Joaquim Francisco das Chagas Moreno, Guilherme Moreira Ramos de Maria, Antonio Alves de Carvalho Lima, Zacharias Luiz Arnaud, José Manoel Correia e Silva, Saturnino Correia, Laurentino Ferreira da Costa Ventura e, sendo ahi, fez o mesmo Reverendo Commissario abrir a Caixa que continha diversas manchas de sangue e cinquenta e cinco destes contendo particullas transformadas em sangue de modo tal que assemelhava-se a carne; sendo para notar-se que havia mais um sanguinho contendo as particullas miraculozas de que trata o Doutor Ildelfonso em seu attestado, uma das quaes partículas achava-se convertida em sangue, se bem que se distinguissem nella especie de pão; onze corporais contendo outras particullas transformadas também em sangue e mais dois que apresentavão somente manchas d'agua de sangue; um amicto todo ensanguentado; duas palas também com manchas de sangue; quatro toalhas do mesmo modo também ensanguentadas e dois pedaços de pannos, cortado de duas toalhas, apresentando um uma proção de sangue, outro somente algumas pintas; um véo e uma murça tintas de sangue em grande quantidade, sangue esse que sobre ella Beata foi derramado por occasião da Communhão miraculoza, a ella administrada n'um calice de ouro, como disso se faz menção já no auto de perguntas, já no aditamento a ella feito; uma outra murça com algumas manchas. Deve-se observar que dois ou três dos sanguinhos ensanguentados de que trata-se acima foram os de que se serviram para purificar o sangue derramado na occasião de duas ou três communhões miraculozas a que se referem alguns attestados que correm impressos. Vistos e verificados todos os pannos de que retro se faz menção, mandou o Reverendo Commissario que, para constar, se fizesse o competente termo que ora faço e vae assignado pelo Reverendo Commissario, commigo secretario de seu cargo e as testemunhas já nomeadas, as quaes reconheço como proprias e dou fé. Eu Padre Doutor Francisco Ferreira Antero o escrevi. Padre Costa Lobo, Commissario episcopal. Padre Manoel Francisco da Frota, Padre Cícero Romão Baptista, Guilherme Moreira Ramos de Maria, Saturnino Correia da Silva, José Manuel Correia da Silva, Joaquim Francisco das Chagas Moreno, Manoel Francisco da Silva Araújo, Antonio Alves de Carvalho Lima, Zacharias Luiz Arnaud, Joaquim Gomes Correia, Bacharel Herculano de Oliveira Torres Galindo, Joaquim de Aguiar Cordeiro, Antonio Lopes Ferreira Ventura, Manoel Marinho Torres, Laurentino Ferreira da Costa Ventura.

6.6 ANEXO 6 - ATTESTADOS E RELATORIOS MEDICOS

Os Doutores Ignacio de Souza Dias e Marcos Rodrigues Madeira, formados em Medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro sendo convidados para assistirem e acompanharem os exames ordenados pelo Reverendo Bispo Diocesano na pessoa da Beata Maria de Araújo, se acharam no dia 24 e 25 do corrente anno na Casa de Caridade desta cidade, onde observaram os factos que passam a mencionar. No dia 24 pelas seis e meia hora da manha, conosco Reverendissimo Padre Clycerio da Costa Lobo colocou sobre a língua da referida Beata uma particulla tirada da ambula, e depois de 15 minuots mais ou menos, este sacerdote aproximou-se da Beata que se achava em extases e a quem so obedeceu depois que elle ordenou que o fisesse em obediência a Deus e a Igreja. De facto, abrindo ella a bocca e estendendo a língua verificamos achar-se a particulla transformada em sangue menos na parte central, que não estava ainda completamente transformada e depositando-a em um sanguinho verificamos depois disto estar a língua completamente limpa e sã, mesmo na pequena parte que pouco antes occupava a mesma particulla. Pelo exame que fizemos nesta occasião na cavidade buccal e na língua não encontramos nenhum ferimento ou ulceração donde pudesse provir o liquido sanguineo. Depois deste exame fizemol-a tomar alguns gargarejos com água fria, que ella ia depositando em um vaso de porcelana, eliminado água completamente limpa e transparente. Em seguida, e depois de verificarmos achar-se a língua, gengivas e cavidade buccal completamente limpas, ministrou de novo o Reverendo Padre Clycerio nova particulla, entrando subitamente a Beata em extases sereno e calmo, sem päsentar o menor movimento nem convulsões tónicas ou clonicas. Obedecendo de novo a ordem do mesmo sacerdote e no fim de cinco minutos mais ou menos, depois que ella recebeu a segunda particulla, abrio a bocca e verificamos se transformava em sangue a particulla da periferia para o centro. Em seguida a este exame, o mesmo sacerdote recitou o misereotur e ella consumio subitamente a particulla ensanguentada, verificando-se logo após este facto estarem a língua e a bocca limpas e sem o menor vestígio da particulla e de sangue. Pelas oito horas da manha do mesmo dia 24 corrente, fomos chamados a toda pressa por parte da commissão do Reverendissimo Bispo Diocesano para irmos a casa da Caridade a fim de observar Maria de Araújo que se achava em estado de extases e crucifixão. Com effeito ali chegando encontramos-a deitada em extases, com os olhos fixos e elevados para o céu com as mãos abertas na posição tomada por Nosso Senhor Jesus Christo crucificado. Vimos algum sangue já coagulado na fronte, na maçã esquerda do rosto e no côncavo das duas mãos e na fase dorsal dos pés. Procuramos destacar, limpar este sangue e verificamos não existir nenhum ferimento ou lezão nos referidos lugares, bem como não reproduzio na nossa vista a continuação da referida hemorragia. O extases era o mais calmo possível e não apresentou ella o menor movimento convulsivo durante o nosso exame, accusando porem sensibilidade nos olhos quando tocávamos no globo ocular. Continuando os mesmo exmes na casa de Caridade no dia 25 do corrente para hi nos transportarmos muito cedo e fizemos um exame medico na beata Maria de Araújo, antes da communhão e não encontramos moléstia ou lezão alguma que pudesse nos explicar a origem de semilhante sangue. Quando a beata teve de commungar neste dia, examinamos de novo a língua e a bocca na occasião de receber a particulla e verificamos que a cavidade buccal e a língua se achavam completamente limpas, depois de que commungou a referida beata e deu-se a transformação da particulla em sangue, deixando ainda ver a parte central esbranquiçada, sendo pelo exame reconhecido ser esta parte esbranquiçada o resto da particulla que não estava de todo transformada. Logo após este facto, verificamos de novo que a língua e demais partes da cavidade buccal se achavão completamente limpas, não havendo o menor vestígio de sangue nem de ferimento ou ulceração alguma. Verificamos isso, fizemos com que a beata gargarejasse varias veses com uma porção d'agua fria com perchlorureto de ferro, depois do que foi ministrada outra particulla pelo Reverendissimo Padre Clycerio, a qual no fim de alguns minutos se achava completamente transformada em sangue rubro, que nos pareceu arterial ou capilar. De novo o sacerdote recitou o misereatur e foi consumida com toda presteza a referida particulla redusida a sangue. Sendo logo após verificado que a língua e a cavidade buccal se achavam completamente limpas e sem o menor vestígio de sangue e de particulla. Pelo que temos observado, banimos da discussão a ideia de hypinotismo e vamos procurar provar que não se trata de uma hysterica. Maria de Araújo não tem convulsões de natureza alguma, não tem alteração ou mudança de character em seu trato, e tem muito regular o fluxo catamenial, não tem outras pertubações nervosas que possam fazer crer ser ella uma hysterica. Entra e sai do extases repentinamente e sem transição, o que não se dá com a crise hysterica. Logo após do extases fica ella calma como d'antes, sem denunciar na sua physionomia, nem nos movimentos nenhuma alteração nos seus hábitos entrando logo em suas occupações diárias, como se nada tivesse succedido, conservando também a mesma regularidade na conversação e modo de tratar. Ainda mais, se estas hemorragias parciaes

fosse ligadas ao hysticismo, não deixariam ellas vestígios de sua passagem? Se fossem ligadas ao hysticismo não se reproduziriam em seguida aos meios hemostáticos por nós empregados, como água fria e poção de perchlorureto de ferro n'água fria? Se se tratasse ainda de um hysticismo em grão exagerado a ponto de poder produsir todas essas desordens teria ella inevitavelmente alem de outros symptomas, que não apresentou, a insensibilidade da pharynge. Entretanto ficou bem provado e verificado pelo exame que procedemos que ella accusa muita sensibilidade para a pharynge. Pelo que temos observado e exposto excluimos também a ideia de hysticismo. Outro facto para o qual chamamos particularmente attenção d'aquelles que querem considerar estes phenomenos como ligados a uma moléstia, é o seguinte: que feito o gargarejo diversas veses com poção de perchlorureto de ferro, não devia se reproduzir, e quando isso se desse o sangue seria de uma cor negra o que não se deu, ao contrario, fez o sangue apparecido mais rubro doq eu os outros anteriormente observados. Não podemos attribuir este sangue a uma lezão de larynge ou de pulmão por isto que estes factos se reproduzem há três annos e ella não tem soffrido na sua constituição e temperamento, alem de que não tem ella a menor tosse, febres e pelo exame que fizemos, não encontramos indícios de uma lezão interna, que podesse ser a origem de taes hemorragias. Não encontramos pois, pelos meios por nos empregados, uma explicação scientifica, somos levados a crer que os factos que se tem reproduzido na beata Maria de Araújo são sobrenaturaes. E assim pensando passamos este no qual assignamos. Cidade do Crato, estado do Ceará. 26 de setembro de 1891. Assignados: Dr. Ignacio de Souza Dias, Dr. Marcos Rodrigues Madeira.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E OBRAS CONSULTADAS

7.1. Fontes Primárias

ARQUIVO DO INSTITUTO DE PESQUISA JOSÉ MARROCOS – IPESC. Trabalhos apresentados no Simpósio sobre “**O Juazeiro do Padre Cícero e a Beata Maria de Araújo: contexto de milagre**”, sem data.

ARQUIVOS DO BISPADO DE CRATO, CE. **Atos do Bispo do Ceará** (sem data).
ARQUIVOS DO BISPADO DE CRATO, CE. *Atestado do Médico Dr. Marcos Rodrigues Madeira* (sem data).

ARQUIVOS DA DIOCESE DE CRATO: **Inquéritos I (1891) e II (1892) das duas Comissões.**

ARQUIVOS DA DIOCESE DE CRATO: **Cartas do Padre Cícero** (1877-1934).

ARQUIVO DO CENTRO DE PSICOLOGIA DA RELIGIÃO DE JUAZEIRO DO NORTE. Correspondência inédita entre os membros da Comissão e outras testemunhas envolvidas na questão religiosa do Juazeiro.

LIVRO TOMBO. **Arquivo da Arquidiocese de Fortaleza**, CE. Documentos de 1888 a 1893.

7.2. Bibliografia Específica

ANSELMO, O. **O Pe. Cícero. Mito e realidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

BARBOSA, Geraldo Menezes. Relíquia. **O mistério do sangue da hóstia em Juazeiro do Norte**. Juazeiro do Norte, 2004.

BARRETO, Francisco Murilo de Sá. **Padre Cícero**. São Paulo: Loyola, 2002.

BARROS, Luitigarde Oliveira Cavalcanti. **Juazeiro do Padre Cícero: A terra da Mãe de Deus**. Ed.2. Fortaleza: IMEPH, 2008.

BLOCH, M. L. B. **Apologia da História ou o Ofício do Historiador**. Tradução. André Teles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CALDAS, João Bandeira. **Tributo à Beata Maria de Araújo**. 1863-2006.

CARNEIRO, Caio Porfírio. **Uma Luz no Sertão**. São Paulo: Claridade, 2007.

CARVALHEIRA, Dom Marcelo. **Santo para hoje**. Padre Ibiapina. Aparecida. SP: Editora Santuário, 1994.

CARVALHO, Gilmar de. **Madeira Matriz: cultura e memória**. São Paulo: Annablume, 1998.

CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados**: O Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

COMBLIN, José. **Padre Cícero de Juazeiro**. São Paulo: Paulinas, 1991.

CORTEZ, Otonite. **A lua da civilização**. Representações dos cratenses acerca do fenômeno religioso de Juazeiro (1889-1960). Rio de Janeiro. Dissertação de mestrado, UFRJ, 2000.

DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Juazeiro**. Tradução de Maria Yedda Linhares. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.

DINIZ, Manoel. **Mistérios do Joaseiro**. Juazeiro, Tipografia do O Juazeiro, 1935.

DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das Mulheres no Ocidente**. A Antiguidade. Vol. 1, Edições Afrontamento, Porto, 1990.

FEITOSA, Néri. **O Padre Cícero e a Opção pelos Pobres**. São Paulo: Paulinas, 1984.

FORTI, Maria do Carmo Pagan. **Maria de Araújo**: a Beata do milagre. São Paulo: Annablume, 1999.

GUIMARÃES, Therezinha Stella. DUMOULIN, Anne. **O padre Cícero por ele mesmo**. Petrópolis: Vozes, 1983.

LOURECO, Filho, M. B. **Joaseiro do Padre Cícero**. São Paulo: Melhoramentos. 1923.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução. Bernardo Leitão. [et. Al] – Campinas; Editora da UNICAMP, 1990.

MICELI, Sérgio. **A elite eclesiástica brasileira**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

OLIVEIRA, Amália Xavier. **O Padre Cícero que eu Conheci**. Fortaleza/Ceará: Premius, 2001.

OLIVEIRA, Frei Hermínio Bezerra de. **Formação Histórica da Religiosidade Popular no Nordeste**: o caso de Juazeiro do Norte. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

SOBREIRA, Padre Azarias. **O Patriarca de Juazeiro**. Vozes: Rio de Janeiro, 1996.

SANTOS, Elizangela. Juazeiro faz sepultamento simbólico de beata, 100 anos depois de sua morte. In: **Diário de Cariri** em 20/01/2014. Disponível em: <http://blogs.diariodonordeste.com.br/cariri/cidades/juazeiro-faz-sepultamento-simbolico-de-beata-100-anos-depois-de-sua-morte/>. Acesso em: 12.10.2015.

7.3 OBRAS CONSULTADAS

AUBERT, Roger. **A liberdade religiosa desde a Mirari vos até Syllabus**. Concillium, n.7,1965.

AZEVEDO, Célia M. Marinho. **Onda Negra, Medo Branco**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BERGER, Peter. **O dossel sagrado**. São Paulo: Paulinas, 1985.

_____. **Rumor de anjos**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade**. Tratado de Sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1987.

BINGEMER, Maria Clara (org.). **Violência e Religião – Cristianismo, Islamismo, Judaísmo: três religiões em confronto e diálogo**. São Paulo: Loyola, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

_____. Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

_____. Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Questão Política da Educação Popular**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 1997.

CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

CHAUÍ, Marilena de S. **Conformismo e Resistência: aspectos da cultura popular no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CHOMORRO, Gabriela. **A Construção do “Ser Homem” e do “Ser Mulher” Durante a Conquista Espiritual – um aporte linguístico**. In: **Mandrágora**, 7/8. São Bernardo do Campo: 2001/2002.

CLASTRES, Pierre. **A Sociedade contra o Estado: pesquisa de antropologia política**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

DUBY, George e PERROT, Michelle. Escrever a História das Mulheres. In: THEBAUD, Françoise. **História das Mulheres no Ocidente: o Século XX**. Porto, 1995.

DURAND, Gilbert. **As estruturas Antropológicas do Imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ELIADE, Mircea. **Tratado de História das Religiões**. Lisboa: Cosmos, 1977.

_____. Mircea. **Mito e Realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

FILORAMO, Giovanni & PRANDI, Carlos. **As Ciências das Religiões**. São Paulo: Paulus, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. Michel. **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis: Vozes, 2006.

_____. **Estratégias, poder-saber**. Coleção Ditos e Escritos (IV). Forense Universitária, Rio de Janeiro, 2003.

GEERTZ, Clifford. **O Saber Local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1998.

GIRAD, René. **O Bode Expiatório**. São Paulo: Paulus, 2004.

GIRÃO, Raimundo. **Pequena História do Ceará**. Fortaleza, 1962.

GRANDE DICIONÁRIO. **La Rouse Cultura, nova cultura**. São Paulo: 1999.

HOLLANDA, Sergio B. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KUNG, Hans. **Religiões do mundo**. Em busca dos ponto comuns. Verus, 2005.

_____. **Projeto de ética mundial: uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana**. São Paulo: Paulus, 2001.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

LE GOFF, Jaques. **O imaginário Medieval**. Portugal: Editorial Estampa, 1994.

LEITE, Miriam Moreira. **A Condição Feminina no Rio de Janeiro do século XIX**. São Paulo: Brasília, 1984.

LOURO, G. L. Nas redes do conceito de gênero. In: LOPES, M. J.; MEYER, D. E.; WALDOW, V. R. **Gênero e saúde**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

LOURO, G. L. Gênero, sexualidade e poder. In: LOURO, G.L. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, G. L. Nas redes do conceito de gênero. In: LOPES, M. J.; MEYER, D. E.; WALDOW, V. R. Gênero e saúde. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

MACINTYRE, A. **Trás la virtud**. Trad. Amélia Valcárcel. Barcelona: Crítica, 1987.

MAGALHAES, Gonçalves. Os indígenas perante a História: in **Revista do Instituto de História e Geografia do Brasil**, 23/1860.

MARASCHIN, J. C. O simbólico e o Cotidiano. In: **Religiosidade popular e misticismo no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 1984.

MARIZ, Celso. Ibiapina. **Um apóstolo do Nordeste**. João Pessoa: Paraíba, 1942.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Meu Lar é o Botequim**: alcoolismo e masculinidade. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

_____, Maria Izilda Santos de. **Gênero em Debate**: Trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea. Educ, São Paulo: 1997.

MEYER, D. E. Do poder ao gênero: uma articulação teórico-analítica. In: LOPES, M. J. M.; MEYER, D. E.; WALDOW, V. R. (Orgs). **Gênero e Saúde**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

MESLIN, Michael. **A experiência humana do divino**: fundamentos de uma antropologia religiosa. Petrópolis: Vozes, 1992.

NUNES, Maria Jose R.F. **A trajetória das mulheres no catolicismo brasileiro**. Vol. 9. Koinonia, 1995.

NUNES, Silvia Alexim. **O Corpo do Diabo entre a Cruz e a Caldeirinha**. Um estudo sobre a mulher, o masoquismo e a feminilidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

PAZ, Octavio. **Sor Juana Inês de La Cruz**: las trampas de la fe. Lengua y estudios literários. [s.d].

PIERUCCI, Antônio Flávio. De olho na modernidade religiosa, **Revista Tempo Social**: revista de sociologia da USP. São Paulo: USP, v. 20, n. 2., nov./2008.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Religião como solvente, **Revista Novos Estudos** CEBRAP. São Paulo: CEBRAP, n. 75, jul./2006.

PEIXOTO, Alencar. **Juazeiro do Cariri**. Fortaleza: [s.ed.] 1913.

PERETTI, Clélia (org.). **Filosofia do gênero em face a teologia**: espelho do passado e do presente em perspectiva do amanhã. Curitiba: Editora Champagnat, 2011.

PERROT, Michele. **Os Excluídos da História: Operários, Mulheres e Prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PESAVENTO, Sandra J. Em busca de uma outra História: Imaginando o imaginário. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo: nº 29, v 15, 1995.

PINHEIRO, Irineu. **O Cariri: seu descobrimento, povoamento**. Fortaleza. Costumes, 1950. pp. 224-225.

PRANDI, Reginaldo; SOUZA, André Ricardo. A carismática despolitização da Igreja Católica. In: PRANDI, Reginaldo; PIERUCCI, Antonio Flávio. **A realidade social das religiões no Brasil: religião, sociedade e política**. São Paulo: Coordenação de Pós-Graduação em Sociologia da FFLCH/USP; Hucitec. 1996.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero uma categoria útil de análise**. Porto Alegre:1995.

SANTOS, B. Beni dos & ROXO, Roberto, M.: **A Religião do Povo**. São Paulo: Edições Paulinas [s.d].

SCHÜSSLER, Elisabeth Fiorenza. **As Origens Cristãs a partir da Mulher: uma nova hermenêutica**. Paulinas. São Paulo: 1992.

_____. Elisabeth Fiorenza. Sexismo como pecado estrutural e o discipulado feminino e masculino de iguais como lugar da experiência de Deus, In: **Pecado e graça na teologia feminista**. Editora Vozes: São Paulo, 1997.

SOBREIRA, Padre Azarias. **O Patriarca de Juazeiro**. Vozes: Rio de Janeiro, 1996.

SCOTT, Joan. Gênero, uma categoria útil de análise histórica. In: **Revista Educação e Realidade**, v. 20, UFRGS, 1995.

SOUZA, Edmundo Santana. **Mulher em Cena: a condição da Mulher no catolicismo de Juazeiro do Norte**. Fortune. São Paulo,2009.

SOUZA, Sandra Duarte. **Gênero e Religião no Brasil: ensaios feministas**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista, 2006.

_____. Gênero Religião e modernidade In: **Revista Mandrágora**. Ano IX, nº 10. São Bernardo do Campo: UMESP/NETMAL. 2004.

VALLE, Edênio. **Psicologia e Experiência Religiosa**. São Paulo: Loyola, 1998.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.

WOFF, Elias. **Caminho do ecumenismo no Brasil: historia, teologia e pastoral**. São Paulo:Paulus , 2002 .